UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DAVI BERCIANO FLORES

A espera e o recuo:
a tolerância de paradoxos na clínica psicanalítica

São Paulo
2021

DAVI BERCIANO FLORES

A espera e o recuo:
a tolerância de paradoxos na clínica psicanalítica

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Profa. Dra. Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

São Paulo
2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Berciano Flores, Davi
A espera e o recuo: a tolerância de paradoxos na clínica psicanalítica / Davi Berciano Flores; orientador Marina Ferreira da Rosa Ribeiro. -- São Paulo, 2021.
156 f.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Paradoxo. 2. Técnica psicanalítica. 3. Realidade psíquica. 4. Atenção flutuante. 5. Bion. I. Ferreira da Rosa Ribeiro, Marina, orient. II. Título.

Nome: FLORES, Davi Berciano

Título: A espera e o recuo: a tolerância de paradoxos na clínica psicanalítica

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

A meus pacientes e supervisionandos, que generosamente insistem comigo no encontro com indecisões, imprecisões e desconcertos.

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Dra. Marina Ferreira da Rosa Ribeiro, orientadora desta dissertação, por me permitir ser parte de seus sonhos e por sonhar, comigo, os meus; por abrir para mim portas inimagináveis e por rir comigo, amorosamente, na travessia das turbulências da vida (acadêmica).

Ao grupo de pesquisa, nascedouro de ideias plurais, capaz de marcar um texto com múltiplas vozes e de torná-lo singular, próprio, autoral. Às vozes do grupo: Amanda Christina Melani, Ana Fátima Aguiar, Claudia Perrotta, Celina Diaféria, Fátima Flórido Cesar, Fernanda Parra dos Anjos, Gabriela Macedo, Ivy Semiguem F. Souza de Carvalho, Janderson Farias Silvestre dos Santos, Lívia Tonelli Bartolomei, Luigi Vetere, Matteo Roldan, Maysa Bezerra, Pedro Neves, Rachele da Silva Ferrari e Taís de Oliveira Nicoletti. Um agradecimento especial a Péricles Pinheiro Machado Junior, que além de ter sido um parceiro fundamental na aventura bioniana e nos *insights* de escrita, agraciou-me com sua amizade, sua leitura precisa e atenta, e também com generosos convites.

À Regina Célia Cavalcante de Carvalho, a Chu, minha madrinha na psicanálise, amiga querida, por ter despertado em mim o primeiro sorriso para a psicanálise e por ter notado e me avisado que ali, em sua aula, diante de seus vívidos exemplos clínicos, eu sorria.

À diretoria, equipe e pacientes do Instituto A Casa, lugar no qual tive, ao longo da última década, uma intensa e longa oportunidade de experimentar com progressiva liberdade meus pensamentos clínicos, ofertando-me a confiança necessária para este exercício.

À Walkiria Del Picchia Zanoni e ao Ernesto Duvidovich, que concedem a mim a oportunidade de lecionar no Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP), oferecendo-me um lugar de aprendizados, trocas e crescimento de meus estudos.

Ao grupo de estudos coordenado por Arnaldo Chuster, que generosamente responde a minhas perguntas atabalhoadas. Aos colegas de grupo, que generosamente me incluíram: Anne Lise Scappaticci, Bernadette Casali, Elsa Susemihl, Gina Tamburrino, Rafael Tinelli e, novamente, Marina Ferreira da Rosa Ribeiro e Péricles Pinheiro Machado Junior.

À Hellen Duarte, que me encorajou a escrever este trabalho, escutou minha leitura e tolerou minha ausência em tantos momentos.

Ao Flávio Carvalho Ferraz, a quem orgulhosamente me refiro como amigo, por ter sido ao longo de bons anos uma companhia de tal modo marcante, carinhosa e bem humorada, que reencontro diariamente com a sensação de segurança e alegria que sua presença me garantiu por tantos anos de supervisões.

À Regina Weinfeld Reiss, terna e recente descoberta, com associações surpreendentes que animam minha capacidade de pensar a clínica.

Aos meus amigos e amigas que me acompanharam nesta empreitada, de perto e de longe, garantindo de algum modo o conforto de suas presenças. Com a certeza de que esquecerei de alguns, elenco em ordem alfabética Bruna Vano, Christiane Ruggiero, Cristiana Catalano Soldano, David Borges Florscheim, Eduardo Brilhante de Sica, Evelyse Clausse, Fabio Di

Pietro, Felipe Toledo, Heloiza Abdalla, Janaina Santos, João Guilherme Soggio, Juliana Farah, Lucas Francoio, Luci Mara Geroldo, Marcos Duarte, Maria Pereira Bueno, Milena Cortez, Natalia Ferrari, Otávio Morandim, Renato Leite Ribeiro, Renato Nadal Assolin, Ricardo Radin Bueno, Rosana Spett, Roseli Vaz Jorge, Thais Gemignani, Thiago Castelo Branco, Thiago Tufano e Verônica Almeida.

À Julia Catani, sem a qual não teria encontrado minha querida orientadora, além de ser inspiração para minha escrita e parceira nesta aventura acadêmica. Amiga querida, agradeço, sobretudo, sua paciência na leitura de meu trabalho e as ricas contribuições feitas.

À Profa. Dra. Adriana Salvitti, cuja contribuição marcou os rumos de minha escrita, apontando incongruências que permitiram nascer um texto mais entramado e autoral.

Ao Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Junior, pela generosa e cuidadosa leitura que fez de meu trabalho, tecendo comentários e fazendo associações que resultaram em inúmeros movimentos, dentre eles: a mudança de tema, o estilo da escrita, a escolha das palavras, a evocação de uma autoria e a árdua sustentação de algumas posições.

À Profa. Dra. Elisa Maria de Ulhoa Cintra, pela disponibilidade em entrar neste projeto, inspiração surpreendente para meu trabalho.

Ao Plínio Carpigiani, meu amigo-casa, com sua presença que me leva à ternura da infância, com seus pensamentos que me tiram de antigas tormentas.

À Natalia Nascimento Petroni, companheira na cesura para uma nova vida, tolerante com meu canto desafinado, com quem tenho aprendido todos os dias que lembrar e desejar são uma disciplina prazerosa, amorosa e vital.

Ao Uraci Simões Ramos, cuja presença invisível marca este trabalho inteiro, co-autor oculto nas páginas seguintes, com seu silêncio e suas palavras carregadas de sotaque, modestas e implacáveis, que me permitem descobrir um espaço interno cada vez maior para sonhar.

Aos meus avós, a quem pouco alcancei, mas tenho notícias de que atravessaram impulsos rebeldes e mares revoltos para que hoje eu possa sentar em uma cadeira e trabalhar com o pensar.

Aos meus pais, que em uma atitude insistente e impossível de se nomear, com trabalho visceral e encarnado, permitiram-me conhecer múltiplas e inquietantes facetas da vida. Ao meu par primordial, unidade básica de minha vida, minha maior gratidão.

Resumo

FLORES, D. B. **A espera e o recuo: a tolerância de paradoxos na clínica psicanalítica**. 2021. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Este trabalho visa tecer uma trama teórico-clínica tomando como operador de leitura o conceito de tolerância de paradoxos, levando em consideração e expandindo os seguintes eixos teóricos: as inspirações do movimento romântico para a psicanálise, os primórdios das descobertas técnicas de Freud e a expansão epistemológica destas por Bion. Os conceitos dentro deste escopo, advindos de cada ponto de observação, serão trançados no intuito de apresentar para o leitor uma articulação dialógica e transitiva. O resultado deste exercício consiste em um desenho de progressivas evoluções na observação da tolerância de paradoxos na clínica psicanalítica, tanto a partir dos arcabouços teóricos dos autores, quanto do estados de mente em "atenção uniformemente flutuante" de Freud e "sem memória, sem desejo e sem necessidade de entendimento" de Bion. Levando em conta que um trabalho teórico sobre a teoria da técnica não pode prescindir do trabalho implicado, foram apresentadas três "lâminas clínicas", recortes espaço-temporais distintos da experiência psicanalítica, de modo que a teoria da técnica e, mais especificamente, a observação da tolerância de paradoxos, possam ser analisadas de diferentes vértices, permitindo que os conceitos levantados se atualizem em cada experiência.

Palavras-chave: Paradoxo, técnica psicanalítica, realidade psíquica, atenção flutuante, Bion

Abstract

FLORES, D. B. **Waiting and retreating: the tolerance of paradoxes in psychoanalytic clinic**. 2021. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

This dissertation aims to weave a theoretical and clinical framework, taking as a reading operator the concept of tolerance of paradoxes, taking into account and expanding the following theoretical axes: the inspirations of the romantic movement for psychoanalysis, the beginnings of Freud's technical discoveries and the epistemological expansion of these by Bion. The concepts within this scope, arising from each observation point, will be braided in order to introduce the reader to a dialogical and transitive articulation between them. The result of this effort consists in a drawing of progressive evolutions in the observation of the tolerance of paradoxes in psychoanalytic clinic, both from the theoretical basis of the authors, and from Freud's "free floating attention" and Bion's avoidance of "memory, desire and understanding" states of mind. Considering that a theoretical work on the theory of technique cannot disregard the clinical work implied, three "clinical layers" were presented, distinct space-time cutouts from the psychoanalytic experience, in a way that the theory of technique and, more specifically, the observation of the tolerance of paradoxes, can be analyzed from different vertices, allowing the concepts raised do be updated in each experience.

Keywords: Paradox, psychoanalytic technique, psychic reality, free floating attention, Bion

Sumário

1. Introdução 15
1.1 Metodologia 21
1.2 Sobre paradoxos, o objeto e a técnica **30**
2. Lâminas clínicas 39
2.1 Corte longitudinal: a verdade oca de Bruno **41**
2.2 Corte tangencial: Tomaz, o filho do diabo **48**
2.3 Corte transversal: a estranha declaração de Bárbara **50**
3. Freud e Bion: modelos teórico-clínicos 52
3.1 A descoberta da técnica freudiana **53**
3.2 A teoria do pensar de Bion **67**
3.3 O estado de mente em Bion: "sem memória e sem desejo" **80**
4. Apreensão da realidade psíquica: trançando conceitos 89
4.1 A espera **89**
4.2 O recuo **103**
4.3 A tolerância de paradoxos **114**
5. Discussão das lâminas clínicas 130
6. Conclusão 139
7. Referências bibliográficas 148

1. Introdução

É preciso dispor muitas coisas sobre a mesma mesa para estruturar um problema de pesquisa no escopo da técnica psicanalítica. Em certos momentos, ao observarmos ao fim o conjunto deste trabalho, parece-nos que mais de sua metade é feita de preâmbulos. Da mesma forma como se organiza a mente do analista ao longo de uma sessão, trouxemos à superfície uma série de elementos até que ganhassem um desenho singular, quando em meio à pesquisa o inusitado subitamente saltou aos olhos. O inusitado ganha, de imediato, capacidade de iluminar todo o material já investigado e, de pronto, um amontoado de investigações que parecem infinitas e sem forma ganham pontos de convergência.

Ao buscarmos uma teoria da técnica em Freud, pudemos entender o quanto sua técnica de escuta paira flutuante sobre sua obra, garantindo certa independência sobre uma trama teórica progressivamente estruturada. É como se a atenção flutuante[1] fosse um órgão de percepção aguçado de Freud, cuja forma embrionária é constituída de técnica sugestiva e busca por decifrar os enigmas da mente humana. Assim, Freud, nascido oportunamente depois de uma efervescência de tensões entre o iluminismo e o movimento romântico, bom anatomista e ávido leitor de Goethe, imbuído de rara epistemofilia, encontra nas neuroses um ponto de convergência para seus preâmbulos investigativos.

Decifrar o enigma da histeria – ou o enigma da Esfinge – configurou para Freud um longo percurso, estampado em seu rosto desconcertado ao receber uma medalha em homenagem aos seus cinquenta anos na qual, talhada, estava a figura de Édipo e o escrito: "Quem decifrou os famosos enigmas e era um homem muito poderoso" (MAHONY, 1986, p. 35). Pálido e agitado – expressão rara do tão observado e biografado Freud –, revela ter lido esta mesma frase embaixo de seu busto quando em seus devaneios se imaginava entre os homenageados professores da Universidade de Viena. Sua fisionomia denuncia o espanto de se deparar com uma memória fantasmagórica.

Bion, por sua vez, depara-se ao longo de sua obra com outros enigmas, dentre eles, o próprio pensamento freudiano, o movimento psicanalítico, a filiação kleiniana e a clínica das psicoses. Vendo Freud – e os freudianos – diante da Esfinge, Bion pôde observar a condição de um pensador, em um ponto do espaço-tempo – e a isto inclui-se sua mente e sua época, em

[1] Optamos, ao longo do trabalho, por utilizar a forma simplifica "atenção flutuante" para aludir tanto à expressão "atenção uniformemente suspensa" (*evenly suspended attention*) quanto ao termo empregado por Bion, "atenção livremente flutuante" (*free floating attention*). Esta escolha se justifica pela convenção na literatura psicanalítica de usar "atenção flutuante" para aludir à técnica de escuta freudiana. Em outros momentos, valorizaremos o termo "uniformemente", dado que aponta para o nivelamento da atenção a todos os elementos que surgem ao

que a interpretação saturada da sexualidade do mito de Sófocles pôde dar lugar a sua teoria do pensar e à revelação da impetuosa arrogância de Édipo ao assumir o conhecimento da verdade. Édipo responde o enigma da Esfinge, cujo senso comum diz ter sido: "o que anda sobre quatro pés pela manhã, sobre dois ao meio-dia, e sobre três à noite?". No entanto, Bion, diante da mesma cena, vê a Esfinge, vê Édipo, vê Freud, e enxerga uma outra resposta, oferecendo uma nova perspectiva em *Cogitações*, em artigo não-datado (BION, 2014[19--]). Na passagem, o autor recorre à Quinta Proposição de Euclides e associa que, para os gregos, um triângulo isósceles poderia ser traduzido como "uma coisa com três joelhos e pernas iguais":

> R. B. Onians demonstrou – e ele não pode ser acusado de qualquer afeição às teorias da sexualidade de Freud – que os joelhos, na literatura grega antiga, são frequentemente associados à genitália [...]. Isso me fez olhar para a Quinta Proposta de Euclides sob uma nova luz. Também nos inclina a tentar uma reavaliação da questão tradicionalmente atribuída à Esfinge. (BION, [19--a], p. 195, tradução nossa)

Bion, valendo-se de seu conhecimento matemático, associa ao enigma da Esfinge a quinta proposta de Euclides, enunciado que inaugura um desafio: como provar que duas linhas retas, que tendem a convergir, irão se encontrar em algum ponto? Uma das respostas para este desafio, proposta por Nikolai Lobachevsky, assegura a possibilidade do não encontro das retas, considerando que derivam de uma geometria hiperbólica, em que as retas seguirão cada vez mais próximas uma da outra, mas que jamais se encontrarão, dado que a fórmula da hipérbole as manterá infinitamente separadas, mas mais e mais próximas. Cada vez mais próximas e, ainda assim, separadas. Uma solução não-euclidiana como resposta ao proposto euclidiano. Duas linhas que se aproximam podem não se encontrar, uma pergunta não encontra uma resposta, em uma aproximação infinita.

Desde posições tão diferentes diante do enigma da Esfinge, inclusive supondo-o distintamente, ambos apresentam técnicas de apreensão da realidade psíquica dedutíveis de seus construtos teóricos. Para Freud, a decifração do enigma da histeria se dá valendo-se do recurso da atenção flutuante. Para Bion, a experiência emocional e o incognoscível advêm ao pensamento, com capacidade negativa e em um estado de mente sem memória, sem desejo e sem necessidade de entendimento.

Freud, ao referir-se a uma pré-história da técnica, resgata referências de recomendações acerca da espontaneidade de livre associar ideias. Bion, ao referir-se a seu estado de mente, supõe-no análogo à atenção flutuante. Uma vez que, diante da pergunta da Esfinge, a atenção flutuante nasce no homem (Freud) e o estado de mente sem memória e sem

desejo nasce no homem que vê o homem diante da Esfinge (Bion), o que define por excelência a técnica psicanalítica na obra destes autores? Ou, em outros termos, que invariâncias garantem a Freud e a Bion uma travessia exitosa diante da esfinge, cada qual carregando consigo sofrimentos humanos tão diversos mas igualmente humanos? Ou, ainda, o que podemos entender de respostas tão distintas acerca de um mesmo fenômeno, no caso aqui em questão, a pergunta da Esfinge?

Se a pré-história da técnica psicanalítica se encontra na própria biografia de Freud e a pré-história do estado de mente bioniano é dito pelo próprio autor como correlato à técnica freudiana, então podemos desenhar um triângulo imaginário, uma "coisa com três joelhos e lados iguais" e, diante dos vértices de Freud e Bion, criar um terceiro vértice de observação. Intuitivamente o leitor poderia supor que o terceiro vértice seria Melanie Klein, e é certo que seria possível criar um triângulo com sua presença diante da esfinge; no entanto, a obra de Klein parece se colocar em um ponto demasiado próximo da linha traçada entre Freud e Bion. Há, de fato, pontos nítidos de contato que desenham a linha da escola inglesa[2].

Propomos procurar não o elo de ligação entre Freud e Bion, mas uma espécie de elo perdido – ou elos, para que a resposta não seja apenas uma – que façam uma conjunção constante[3] entre a técnica psicanalítica de ambos. Tanto no exercício encarnado da experiência clínica quanto na lida de autores cujas mentes são capazes de apreender grandes cortes longitudinais na história dos pensadores, encontramos a hipótese de que a ideia de paradoxo consiste em elemento fundamental, ao longo da história da filosofia, anterior a Bion e Freud, capaz de desenhar um ângulo que abrigue os pontos de onde ambos olharam para a Esfinge. Ou, em um outro desenho geométrico, é pertinente imaginarmos que diante da Esfinge, antes de Bion e de Freud, passaram pelo mesmo ponto outros pensadores.

> Tentativas de apreender a realidade migram ocasionalmente para outros locais/períodos, no espaço-tempo, solos mais férteis e climas mais propícios do que aqueles que os originaram. Como os filhos, que precisam sair da casa dos pais para crescer? [...] A psicanálise, tendo nascido em Viena, encontrou pouco tempo depois um solo mais seguro na Inglaterra; nos anos setenta migrou novamente, radicando-se com mais firmeza em vários países de língua latina. O movimento romântico, originário na França, detectável em

[2] Optamos, dado o formato do trabalho, o tempo da pesquisa e a objetividade necessária, por recorrer ao trabalho de Melanie Klein apenas quando fundamentalmente necessário para alcançarmos os conceitos de Bion. Não por isso, deixamos aqui de reconhecer a fundamental importância da autora, elo oculto nas próximas páginas entre as obras de Freud e Bion.

[3] Termo utilizado pelo filósofo David Hume para subverter a noção de caráter imediato em uma conexão causal, considerando que é a constância de conjunções estabelecidas entre elementos que nos levam a concluir que há alguma conexão entre dois objetos (HUME, 2000).Em Bion, o uso do conceito é correlato e aponta para fatos ou objetos que, na apreensão da realidade psíquica, estabelecem uma conexão entre si, mediada por uma experiência particular ao invés de uma associação de lógica ou causalidade (LÓPEZ CORVO, 2008, p. 90).

> Rousseau e Diderot, migra para a Alemanha e para a Inglaterra. Bom filho, à casa francesa ele torna, algum tempo depois. (SANDLER, 2000, p. 24)

Consideramos de grande relevância o levantamento bibliográfico acerca do tema, principalmente no que concerne à transmissão da psicanálise. É comum que, repetindo o caminho de Édipo, possamos tomar Freud ou Bion como portadores de verdades absolutas e ignorarmos arrogantemente a história que os precede. A técnica é, claro, autoral, e assim a proclamou Freud ao libertar seus irmãos reconhecendo suas autorias e oferecendo-lhes inúmeros enigmas – deles, tantos ainda indecifráveis.

Em nossa visão autoral, ao longo de frequentes revisitações à obra de Freud, identificamos que seu percurso investigativo resulta em uma ampliação teórica do espaço interno do psiquismo. O aparelho psíquico, ao longo da obra, ganha espacialidade em seu interior, torna-se mais continente. Vemos isto na apresentação do narcisismo e na subsequente teoria acerca do luto melancólico; na passagem da primeira para a segunda tópica; nas modificações da primeira para a segunda teoria da angústia. É nesta interioridade ampliada que cabe um Eu capaz de tomar a si próprio como objeto; é assim que a sombra de um objeto cabe dentro do aparelho psíquico; que surge o superego como uma instância, com autoridade para complexificar as tramas internas; que a predominância do inconsciente se torna capaz de antecipar vivências sem qualquer notícia consciente destas.

Entendemos que Bion eleva esta condição de maior continência, de expansão de interioridade psíquica, a um novo patamar. O pensamento de Bion nos oferece um olhar mais aberto e a certa distância em relação ao olhar de Freud, colocando-nos para além dos pensamentos, em uma teoria dos processos do pensar, gradeando o encontro psicanalítico em um grupo de elementos apreensíveis e dinâmicos, dispondo os acontecimentos clínicos dentro e para além do espaço geométrico euclidiano. A atenção flutuante, sob uma perspectiva tridimensional, contém em si um conjunto de elementos, acrescida de uma quarta dimensão, o tempo. Sustentar a capacidade negativa, manter-se sem memória e sem desejo[4] e aguardar pelo fato selecionado consiste em uma disposição tridimensional (espacial) e temporal de uma atitude técnica de apreensão da realidade psíquica. Podemos acrescentar a esta disposição dos

[4] Convencionamos ao longo do trabalho, dada a cultura oral acerca do termo, denominá-lo assim, "sem memória e sem desejo", abreviando a enunciação completa de um "estado de mente sem memória, sem desejo e sem necessidade de entendimento".

fatos da apreensão clínica duas condições fundamentais à observação do analista: a visão binocular e o princípio de incerteza[5].

A atenção flutuante, um estado paradoxal de foco e dispersão, de anseio e relaxamento, ganha espacialidade e temporalidade na obra de Bion. Longe de pretendermos estabelecer equivalências ou de esgotarmos as obras, encontramos em ambos autores – e em um passado comum que nutriu suas obras, elementos que iluminam a construção desta espacialidade interna que, em última instância, é um continente para apreender e tolerar paradoxos.

Partiremos de um capítulo de apresentação de nosso operador de leitura, o conceito de paradoxo. No tópico 1.2 revisaremos o conceito dentro do escopo psicanalítico a partir de alguns autores que se dedicam objetivamente ao tema e, em seguida, articularemos o conceito com o viés técnico da apreensão da realidade psíquica na clínica psicanalítica.

Em seguida, no capítulo 2, apresentaremos três lâminas clínicas, ou seja, três fragmentos clínicos dimensionados em temporalidades e espacialidades distintas, no intuito de oferecer experiências clínicas em distintas condições para avaliarmos a profusão e tolerância de paradoxos em cada um. Uma vez que consideramos a atenção flutuante um estado de mente dirigido à tolerância de paradoxos, nosso intuito é de identificar ao longo dos casos como e onde estes paradoxos surgem. Também optamos por lâminas clínicas que esboçam tempos de análise distintos, desde o momento de uma sessão até uma travessia de meses de trabalho, permitindo-nos problematizar a possível radicalidade do estado de mente sem memória e sem desejo de Bion, observarmos a extensão da capacidade negativa em diferentes temporalidades, bem como identificar como o tempo se organiza na linearidade do pensamento.

A partir disto, no capítulo 3 nos dedicaremos à revisão bibliográfica da estrutura fundamental do pensamento técnico de Freud e de Bion, dando ênfase a evoluções teóricas acerca da técnica, enfatizando movimentos que apontam para uma ampliação do continente psíquico.

No capítulo 4, elencaremos e articularemos aspectos da apreensão da realidade psíquica neste eixo freudo-bioniano, identificando influências filosóficas e científicas que nutrem a construção da escuta em atenção flutuante, valendo-nos do pensamento de Bion

[5] Princípio proposto por Werner Heisenberg, físico alemão que propõe que quanto menor for a incerteza na medida da posição de uma partícula, maior será a incerteza de seu momento linear.

enquanto leitor de Freud, oferecendo-nos pensamentos suplementares – e por vezes paradoxais – diante do pensamento freudiano.

No capítulo 5 analisaremos as lâminas clínicas, imbuídos de nossa revisão bibliográfica como material de suporte para observar os fenômenos clínicos descritos, sem fazer um exercício de teoria aplicada aos fragmentos, mas no intuito de identificarmos passagens onde surgem paradoxos e observá-los desde os vieses teóricos trabalhados ao longo desta dissertação.

Antes de iniciarmos esta trajetória, optamos por reservar um capítulo à metodologia de pesquisa, ainda que possa eventualmente desvirtuar o leitor. Esta escolha se dá, primeiramente, por conta da presença não apenas da justificativa de uma determinada hermenêutica, mas também de uma série de paralelismos com a questão do paradoxo na técnica psicanalítica que advirá ao longo das páginas. Em segundo lugar, consideramos que o corpo de um trabalho pode conter aspectos dissonantes, contanto que integrem o arrojo complexo de tramas teóricas a que nos propomos estudar. Em certa simetria, na dissecação da medula óssea dificilmente encontraremos deflagradamente as formas do corpo humano, ainda que microscopicamente esteja lá a cópia genética capaz de replicá-lo. Neste sentido encontramos na metodologia tanto o discrepante quanto um núcleo que porta harmoniosas associações com o corpo da dissertação, providos de uma atitude de flutuação entre conceitos tal qual o analista o faz diante das associações inusitadas e aparentemente discrepantes de seu analisando. Nesta atitude, Freud, em *Totem e Tabu* por exemplo, encontrou formas parecidas em planos distintos, apreendendo associações entre partes discrepantes. Na ocasião, Freud se refere às semelhanças entre o tabu e o transtorno obsessivo, mas podemos utilizar a passagem oportunamente para nossa ocasião:

> A natureza gosta de empregar as mesmas formas nos mais diversos contextos biológicos, por exemplo, em formações de corais e em plantas, e mesmo em certos cristais ou precipitados químicos. Seria claramente prematuro e pouco auspicioso tomar tais coincidências, que se devem a uma similitude de condições mecânicas, como base para inferências relativas a uma afinidade interna. Teremos presente esse aviso, mas não deixaremos de fazer a comparação pretendida por causa dessa possibilidade. (FREUD, 1913, p. 54)

Tomemos este trecho de Freud como uma atitude inspiradora para este trabalho. Freud apresenta estruturas de pensamento que lhe parecem semelhantes, correndo o risco de que não passem de meras coincidências formais. Ao observarmos as formações de corais, de cristais e de precipitados químicos, temos paradoxalmente padrões repetidos e revelações singulares. A

atitude freudiana consiste em dispor esses elementos sobre a mesa e aguardar até que se conjuguem ou se dissociem. Ou, ainda mais comum quando se trata do espaço psíquico, que estabeleçam paradoxalmente conjunções e dissociações, ora superficiais, ora profundas, ora de natureza externa, ora interna, em tramas infinitas.

1.1 Metodologia

A construção de uma sustentação metodológica no cotejamento de ideias de diferentes autores dentro da psicanálise impõe-se como um importante desafio. Circunscrito ao modelo de pesquisa teórica em psicanálise, este trabalho parte do pressuposto de que esta consiste na estruturação de um pensamento aplicável enquanto método de investigação, técnica clínica e teoria psicológica. Pensar a *metodologia* de uma pesquisa *teórica* acerca de um componente da *técnica* psicanalítica implica, fundamentalmente, borrar as fronteiras entre os itens apresentados nos *Dois Verbetes de Enciclopédia* (FREUD, 1923) tão recorrentemente retomados na metodologia psicanalítica de pesquisa[6].

Temos que atravessar alguns problemas metodológicos na construção de um texto que contemple conceitos importantes das obras de diferentes autores, como por exemplo: (a) considerar a ambiguidade em trabalharmos a psicanálise e as psicanálises de Freud e Bion, dado o complexo campo teórico e as bases epistemológicas de sustentação da teoria psicanalítica construídos por cada autor, em um campo de continuidade e ruptura simultaneamente; (b) construir uma metodologia de interpretação capaz de contemplar ideias apresentadas em estilos de escrita e idiomas tão distintos, considerando inclusive os textos pré-psicanalíticos; (c) encontrar uma solução para a trama de elementos históricos no que concerne à construção de cada teoria, à intersecção de elementos apresentados entre os autores e à distância entre ambos dentro da história do movimento psicanalítico; (d) sustentar a possibilidade de dissertar acerca de uma complexa e infinita trama de leituras, interpretações e subjetividades envolvidas neste texto, considerando as contribuições do grupo de pesquisa e orientação, a autoria da dissertação, os comentadores dos autores cotejados aqui presentes e suas interferências na leitura de cada obra, a leitura específica de Bion sobre a obra de Freud (e novamente as incomensuráveis tramas envolvidas neste processo); (e) por fim e consequentemente, justificar a evidente impossibilidade de apreensão desta totalidade, restando ao processo desta pesquisa a seleção de fatos e elementos que permitam discutir um

[6] No texto, Freud apresenta a psicanálise enquanto método de pesquisa, técnica clínica e construto teórico da psicologia (FREUD, 1923).

determinado fenômeno da clínica, com a clareza da inesgotabilidade inerente ao próprio fenômeno, ao estudo deste e à redução deste processo à escrita.

Para explanarmos os pressupostos hermenêuticos que regularão nossa escrita, optamos por primeiramente esboçar o modelo de leitura utilizado diante do texto dos autores e comentadores discutidos. Em preâmbulo metodológico de *Palavras Cruzadas entre Freud e Ferenczi* (FIGUEIREDO, 1999), temos uma passagem que apresenta a leitura pautada por pressupostos metafísicos para, então, endereçarmo-nos àquilo que será nosso método de leitura. Por motivos didáticos, parece-nos interessante seguir os passos do autor, que inicia estabelecendo a característica da produção de sentidos em um texto lido sob uma perspectiva metafísica:

> a) O sentido é visto como transcendente em relação ao texto (ao fenômeno): subjaz para além do texto;
> b) A unidade (o sentido na sua idealidade) é tomada como algo que precede e prevalece sobre a diferença, ou seja, sobre o(s) texto(s) nas suas multiplicidades (pois que um texto é sempre formado pela articulação de múltiplos e diferentes elementos). Por isso, segundo esta concepção do interpretar, as traduções e as paráfrases perfeitas seriam possíveis, pois seria sempre possível dizer *o mesmo* – conservando e repetindo o *mesmo sentido* – mediante diferentes elementos e arranjos textuais. (FIGUEIREDO, 1999, p. 10, grifo do autor)

As tradições metafísicas pressupõem a existência de algo para além do sensível, como suprarrealidades apriorísticas que operam como base para a construção do conhecimento das coisas, implicando sistemas mais rígidos e hierárquicos de oposições para a construção de sentidos, considerando a ideia de que o sentido do texto seria capaz de se destacar de maneira nítida e definida.

Este trabalho aponta justamente para a subversão de uma tradição que considera a análise de fenômenos a partir da pressuposição de fatos dados, condicionando a existência destes à interpretação de uma alteridade, de um observador, e no que tange ao texto enquanto objeto em questão, de um leitor. Repetimos um movimento metodológico similar, senão correspondente àquilo que se dá pela via das teorias da intersubjetividade na clínica psicanalítica, no sentido de que um fenômeno subjetivo (o texto), em contato com uma nova subjetividade (o leitor), produz inexoravelmente um novo produto, de natureza una e intransferível.

Figueiredo (1999) propõe a associação entre conceitos considerando que não há valor transcendente inerente a um texto, mas que só é admitido um sentido dentro de um contexto, necessariamente histórico, contingente e, portanto, não ideal. O autor pensa um interjogo

dinâmico, no qual a interpretação se dá em um processo de contextualizar, descontextualizar e recontextualizar. Os contextos teriam naturezas alheias ao texto (gênero, tradição, época, obra) e inerentes a ele (uma lógica interna com função e sentido).

> Convém, contudo, observar a "dialética" que se estabelece entre estes horizontes: diferentes *contextos externos* propiciam a formação de diferentes *horizontes internos* e vice-versa, gerando um certo movimento na direção de um melhor ajuste. Nesta medida, a distinção entre "externo" e "interno" não desaparece inteiramente, mas deixa de ser tão óbvia quanto parecia à primeira vista. (FIGUEIREDO, 1999, p. 11, grifos do autor)

O texto não ficaria refém absoluto das pressuposições do leitor, de seus horizontes internos, tampouco existiria de maneira disruptivamente inusitada. Segundo Gadamer (1997), não haveria o texto ele-mesmo sem as pressuposições do leitor. É no encontro entre ambos que se produz uma tensão dialética cujo resultado seria uma nova interpretação. O autor considera que o leitor encontra a alteridade do texto, no sentido de que a tarefa hermenêutica se dá no exercício do diálogo em um processo de construção de sentidos, movimento apontado para o infinito (GUSMÃO; PALMEIRA; LIMA, 2018).

Dando seguimento à concepção de Gadamer (1997) apresentada por Figueiredo (1999):

> Interpretar exige colocar uma dada fala ou escrita na dinâmica deste campo dialógico, ou seja, um texto deve ser entendido como resposta a um corpo de crenças etc. Novamente, aqui, o que um bom leitor deveria fazer é trazer o texto para o campo – e para o contexto – de suas próprias questões e, inversamente, deixar-se tocar pelas questões que o texto lhe faz e pelas respostas que o texto lhe solicita. Interpretar seria, em si mesmo, mais um lance deste incessante diálogo em que perguntamos e respondemos a um determinado texto: nesta medida, deve-se conceber a interpretação como interminável, dado que interminável é o diálogo. (FIGUEIREDO, 1999, p. 12-13)

Pensar um texto dentro de uma perspectiva interminável poderia colocá-lo, no entanto, em um campo demasiadamente aberto de possibilidades, carecendo de certos limitantes como uma "fusão de horizontes" (FIGUEIREDO, 1999, p. 13), estabelecendo um intrincamento entre o mundo do texto e o mundo do leitor como propõe Gadamer (1997) ou ao menos determinada estabilidade e capacidade assimilativa nos contextos preexistentes do leitor como propõe Rorty (1994).

Diferentemente das tradições metafísicas, a proposição de um cotejamento de ideias passa longe de um objetivo último, propondo-se justamente a abdicar de um significante central ou uma origem. Como nos apresenta Figueiredo (1999), esta concepção se aproxima da ideia de Derrida de que na formação de sentidos (e, presumimos, nas interpretações de um

texto), "a *diferença* precede e prevalece sobre a unidade" (FIGUEIREDO, 1999, p. 14, grifo do autor), isto significando nos propomos em nossa leitura a trabalhar com deslizamentos, deslocamentos e reversões no trânsito entre os conceitos.

O objetivo de uma pesquisa seria justamente de procurar e construir novos contextos nesta busca dialógica com o leitor, sem que a pesquisa se encerre com uma finalidade em si mesma ou se proponha a uma determinada meta. Dedicamo-nos aos textos citados nesta dissertação com a mesma qualidade de leitura e interpretação. Nas palavras de Figueiredo (1999): "Nessa atividade o leitor enriquece seu sistema de crenças, mas não atinge nenhum *sentido objetivo*, não 'sai de si' na direção de um 'além de si'; ele apenas *usa o texto* para ampliar seus *contextos* e transformar a si mesmo" (p. 14, grifos do autor).

Estamos falando aqui de um leitor que marca o texto subjetivamente mas não o aniquila com seus pressupostos. Estamos na mesma medida entendendo que o texto carrega sentidos mas não porta uma finalidade de sentido predeterminada. Em palavras mais objetivas, Ralph Waldo Emerson, em *Spiritual Laws*, dirá: "Tome o livro em suas mãos e leia-o com seus olhos, você nunca encontrará o que eu encontro" (EMERSON, 1841/1940, p. 200, tradução nossa). A ilusão de uma pressuposta unidade de sentido alojada nas linhas de um texto, comum na metodologia de pesquisa das ciências naturais, dá lugar a um sentido produzido no movimento de encontro, projetando o perímetro do "círculo hermenêutico"[7] para fora do texto.

> Para Rorty a questão (da unidade de sentido) nem se coloca e quando assume candidamente que o texto deve ser *usado* pelo leitor e não "interpretado" em qualquer sentido mais convencional do termo, está assumindo que o "círculo hermenêutico" (nesta versão moderna heidegger-gadameriana) não é problema algum e apenas descreve a inevitável assimilação do texto em sua alteridade/estranheza aos recursos velhos e novos do leitor, organizados segundo os interesses deste último. (FIGUEIREDO, 1999, p. 17, grifo do autor)

Tomemos como exemplo Thomas Ogden, um autor dentro do campo psicanalítico que se aproxima desta tradição hermenêutica. Ogden (2014) inclui enquanto contexto externo do texto sua clínica e os múltiplos atravessamentos que nela se dão, seus *insights* ao ler e reler os trabalhos de outros autores, tecendo uma relação viva com o texto, de modo que seus artigos de *Leituras Criativas* tornam-se relatos da experiência de Ogden (2014) com suas leituras:

---

[7] "Círculo hermenêutico" é um conceito da filosofia hermenêutica, de autoria do filósofo Charles Taylor (1971), e consiste na concepção de um movimento dialético no interior de um texto, gerando uma circularidade entre as partes do texto e o todo. Interpretar um texto implica justamente nesta relação contínua, na qual a compreensão do todo depende da interpretação das partes do texto e, da mesma maneira, opera seu revés dialético, as partes tornam-se dependentes da interpretação de sua totalidade (MANTZAVINOS, 2014).

> Tento *não escrever sobre* minha experiência de leitura dos trabalhos, mas *escrever o que vivo ao lê-los*: escrever o que consenti que esses artigos e livros fizessem comigo, o que fiz com eles, e como os reescrevi e transformei em livros e artigos de minha própria lavra. (OGDEN, 2014, p. 21, grifos do autor)

E mais adiante:

> Ler não é simplesmente uma experiência em que "absorvemos" o significado do texto. No ato de leitura, transformamos as marcas pretas da página em estruturas linguísticas significativas. Mas quando lemos criativamente, fazemos algo mais. Cada um de nós produz seu conjunto próprio de significados e ideias usando o texto como ponto de partida. (OGDEN, 2014, p. 22)

Ogden (2014) chama esta experiência de produção de novos significados de "leitura transitiva", no sentido de interpretar o texto de modo a reconhecer nele algo que não se encontrava explicitamente antes. Assim podemos entender, por exemplo, as vezes que Bion diz encontrar na ideia de atenção flutuante sua correspondente evitação de memória e desejo. Ou, em outro tempo ainda, o reconhecimento de Freud de que a associação livre teria uma pré-história.

> Entregar-se à experiência de ler, em hipótese alguma pode ser um evento imparcial ou passivo. Não só permitimos que "estranhos" (palavras e sentenças que não são nossas) entrem em nós, como também nos permitimos ser lidos por esse estrangeiro (a escrita). (OGDEN, 2014, p. 22)

O texto, "marcas pretas da página", portaria em si possibilidades de alteridade, nesta fronteira borrada no que concerne ao fim da voz do leitor e início da voz do texto. Para além disso, podemos acrescentar à interpretação dos textos lidos a concepção de que em uma única leitura, múltiplas vozes se implicam. Ogden (2003) já dizia não conseguir ler mais *Luto e Melancolia* (FREUD, 1917) da mesma maneira depois de ter se familiarizado com a teoria das relações de objeto interno de Melanie Klein. A voz da autora aparece no texto freudiano, bem como aqui faremos a leitura e cotejamento dos textos dos autores acompanhados de um número incalculável de vozes. "Em outras palavras, a influência não é exercida apenas por uma contribuição anterior em outra; contribuições posteriores afetam nossa leitura das anteriores" (OGDEN, 2003, p. 594, tradução nossa).

Esse trânsito livre pelas temporalidades é essência da atitude de evitação de memória e desejo proposta por Bion (1965a, 1965b, 1967b, 1970), uma vez que para o autor o futuro e o passado são partes do presente (OGDEN, 2003, p. 595). Mikhail Bakhtin, filósofo e pensador russo, contribui para esta leitura com o conceito de polifonia:

> Em Bakhtin, no entanto, o caráter de alteridade do enunciado se radicaliza: desdobrando os lugares enunciativos ao infinito, seu enunciado dialógico merece bem ser chamado de polifônico, pois uma multiplicidade de vozes pode ser ouvida no mesmo lugar. (AMORIM, 2002, p. 8)

Em evidente subversão, também, das tradições metafísicas, Bakhtin entende que não haveria um sentido único embutido no texto e que, extrapolando a uma radicalidade ainda maior, não haveria um sentido original. Todo texto se apresenta em uma continuidade dialógica, sem tempo estanque, pressupondo-se uma eterna conversa:

> Aliás, do ponto de vista bakhtiniano, o sentido original não existe, pois tudo que é dito é dito a alguém e deste alguém dependem a forma e o conteúdo do que é dito. Além disso, alguém irá relatar esse diálogo e isto vai ser feito em uma outra enunciação, dirigindo-se a um outro alguém e assim sucessivamente. (AMORIM, 2002, p. 9)

Estas vozes ganham na obra do autor, por fim, um caráter também anacrônico, subvertendo a temporalidade histórica, derrubando a hierarquia da ordem dos acontecimentos ou da cronologia dos pensamentos, ampliando a discussão dos conceitos em movimento diacrônico. Da mesma forma como Ogden (2003) é capaz de encontrar Melanie Klein no texto de Freud, cabe a esta dissertação o exercício de ver Bion nascer em Freud, Freud renascer em Bion, e ambos dialogarem nas próximas páginas, na voz autoral desta pesquisa. Bakhtin considera esta uma terceira voz, denominada "sobredestinatário":

> Este se distingue do destinatário suposto em relação à temporalidade e à espacialização do texto. O destinatário suposto faz ouvir a voz do contexto de origem do texto; ele faz que um texto seja sempre um texto de seu tempo e de seu meio. O sobredestinatário, ao contrário, libera o texto das limitações de seu contexto, projetando-o naquilo que Bakhtin nomeia *grande temporalidade*: um tempo futuro, desconhecido e imprevisível em que o texto poderá ser acolhido e, ao mesmo tempo, reconstruído de outro modo. (AMORIM, 2002, p. 9-10, grifo da autora)

Entendemos que Freud sobredestina de maneira consciente e explícita: em diversos textos notifica a necessidade de futuros pensadores para apreenderem aquilo que escreveu e ampliarem seus pensamentos. Dedicamos, nesta dissertação, atenção à maneira como as vozes de Freud e de Bion nascem no pensamento do psicanalista em três fragmentos clínicos, iluminando um eixo de leitura a respeito da técnica psicanalítica: o surgimento e tolerância dos paradoxos na apreensão da realidade psíquica.

Retomando a concepção de contextos externos e horizontes internos, podemos entender que o rearranjo perpétuo de novas leituras, novas épocas, novos contextos em dinâmica dialética com as novas possibilidades de interpretação das lógicas internas de um

texto, tornam cada oportunidade de leitura um fenômeno único e irreprodutível. "Em consequência, não existiria uma interpretação privilegiada e definitiva, o que abre o trabalho interpretativo para um processo interminável de descontextualizações e recontextualizações. Em cada operação desta ordem, novos sentidos estariam se formando" (FIGUEIREDO, 1999, p. 11-12). Nesta dissertação nos deparamos inclusive com os autores sobredestinando a si mesmos, uma vez que a obra de ambos autores é complexa, tem fases e evoluções teóricas marcantes, produzindo diálogos dentro do campo teórico de cada autor.

Figueiredo (1999) chama esta trama de textos de diálogo intertextual, revelando o quanto o simples diálogo feito entre os textos gera efeitos de desconstrução:

> A psicanálise nos tempos de Freud pode ser um cenário privilegiado para o variado espetáculo da intertextualidade. Freud e seus discípulos ou seus colaboradores ou seus dissidentes hospedam-se, parasitam-se, estraçalham-se uns aos outros e embora haja "autores" e "obras" nominais, vão-se formando campos de nexos e rupturas que transcendem uma noção muito estrita de "obra" e de "autoria". (FIGUEIREDO, 1999, p. 126)

Aproximamo-nos, agora, de entender de que maneira será feito um diálogo intertextual com os autores e o quanto isto coincide com a proposição metodológica de construção deste trabalho. Recorremos primeiramente a Ogden (2014) que, ao relembrar as sugestões recomendadas por Bion para a leitura de *Aprendendo com a Experiência* (BION, 1962b), retoma o compromisso do autor em esclarecer obscuridades e obscurecer simultaneamente ou, tal como Sandler (2000) define o paradoxo das luzes, "aquilo mesmo que fornece luz radiante obscurece com igual potência" (p. 96). Ou, nas palavras de Ogden (2014):

> Essas atividades mentais combinadas constituem parte substancial do que significa aprender com a experiência, tanto na leitura quanto na situação analítica. Este é o cerne de uma abordagem hermenêutica em que há um movimento dialético progressivo entre obscuridade e esclarecimento que se movimenta em direção ao encerramento, ainda que nunca alcance. (p. 148)

Encontramos neste trecho, atualizados e condensados, aspectos já apresentados neste capítulo, como o "círculo hermenêutico", o trabalho dialético de descontextualizações e recontextualizações, a natureza interminável do processo interpretativo e, por fim, podemos então adentrar uma última questão, igualmente presente no trecho acima.

Como dito no início deste capítulo, a proposição de discutir o método sobre a escrita da teoria da técnica implicaria em um borramento entre teoria, técnica e método. Resta agora, com as bases metodológicas apresentadas, compreender quais as contribuições que o próprio

tema da dissertação, a técnica psicanalítica, traz para a metodologia psicanalítica nestas páginas.

Notamos que logo ao fim desta última citação de Ogden (2014) se reproduz o paradoxo existente na ironia romântica[8], no sentido de uma interpretação "rumar em direção ao encerramento, ainda que nunca alcance". Esta dissertação encontra em seu método, portanto, um pressuposto de aproximação do fenômeno de pesquisa equivalente ao próprio conteúdo que se desvela no diálogo interminável dos autores e seus comentadores. A própria "dialética da reflexão" de Szondi (1991), apresentada nos aprofundamentos sobre o movimento romântico, se aproxima desta multiplicidade de vozes independentes que tecem um modo único de pensar, não apontando para a unificação, mas para a exposição de partes que geram diálogos infinitos, ou como disse Pascal (1657), "O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora":

> O desenvolvimento do período romântico lançou o filósofo e o epistemólogo em um âmbito que lhes é estranho. Ele proporcionou as primeiras valorizações ou apreciações mais precisas da **i.** experiência emocional, na época chamada de "paixões", e **ii.** do espectro de experiências que se situa fora da área de alcance do nosso aparato sensorial. Toda vez que a humanidade progride na apreensão deste âmbito, onde verdade, mente e paixões não são negados, o âmbito numênico do inconsciente, surge uma reação contrária – muitas vezes violentamente contrária. *"Ces espaces infinies m'effraie"*, sentiu Pascal. E o filósofo retrocedeu frente ao que descobrira. (SANDLER, 1997c, p. 120, grifos do autor)

Observamos neste sentido que a reação violentamente contrária, comum diante de novas descoberta de aspectos que escapam a nosso aparato sensorial, leva a uma inibição do pensar, quase que apontando para um fenômeno que pode ser tanto concernente à construção de conhecimento ao longo da história da humanidade quanto à natureza do pensar. O caminho em direção ao encerramento de uma determinada apreensão, como aponta acima Ogden (2014), é mais um indicador de resistências do pensar do que de apreensão de uma ilusória totalidade acerca de um ponto de observação.

Não nos aproximamos de uma análise desconstrutiva, de reduções fenomenológicas, tampouco levamos a interpretação dos textos à radicalidade esmiuçada nas páginas de Rancière (2009) acerca da ruptura das hierarquias entre o escrito e o não-escrito na estética do inconsciente[9]. No entanto, nos valemos das contribuições dos autores e de nossas próprias, preservando o rigor da teoria e expondo as eventuais tensões dialéticas resultantes de

[8] Este tema será discutido na dissertação no item 4.2.
[9] Tema discutido no item 4.2.

contradições nas obras. Entendemos nesta mesma linha de pensamento, que será devidamente aprofundada ao longo do trabalho, que qualquer interpretação está desprovida da ilusão de verdade, pautando-nos na concepção de que leitor e texto estão sob a égide do funcionamento inconsciente, portando sempre um possível novo pensamento a ser desvelado. A recomendação de Charcot[10] (FREUD, 1893), sobredestinada à definição de Ogden (2014), nos leva a entender que atentar às mesmas marcas pretas impressas na página de um texto, repetidas vezes, faria com que algo novo surgisse dele.

É dentro desta concepção que Bion, no prefácio de *Atenção e Interpretação* (BION, 1970), pede ao leitor que não dedique um "excesso de consideração" pelo que escreveu e desconsidere seus dizeres até que os eventos reais de leitura resultem em uma "interpretação da experiência". A experiência de ler, aqui, tem valor maior que a do conteúdo lido.

Thomas Ogden, ao discorrer sobre a inquietante escrita de Bion, por vezes utiliza trocas de preposição que indicam a emergência dialógica gerada por seus textos. Trata-se mais de "estar *em*" e menos de "falar *sobre*" (OGDEN, 2014, p. 153). Trata-se de, ao refazer a leitura das notas sobre memória e desejo repetidas vezes (OGDEN, 2015, p. 286), descobrir que o texto porta a ideia de se fazer algo *com* ele (*make with it)* ao invés de tirar algo *dele* (*make of it*). Nas palavras do autor: "O que Bion se esforça para transmitir é que, creio, a psicanálise é fundamentalmente um empreendimento que envolve 'a emergência' no território do conhecer (K) da experiência em si não simbolizável, incognoscível e inexprimível" (OGDEN, 2014, p. 153).

Em *Teorias para usar na psicanálise dos transtornos do pensamento* (BION, [19--b]), o autor dirá que seu livro terá fracassado se o leitor não se tornar "um objeto de estudo, e sua leitura uma experiência emocional em si mesma" (p. 251, tradução nossa). Ater-se demasiadamente àquilo que Bion escreve consistiria em buscar entendê-lo, uma experiência prevista e, portanto, não emergente, mas ligada à sensorialidade, reproduzindo assim a "falha" técnica de recorrer à memória, ao desejo e ao entendimento como forma de encontro. Bion convoca o leitor para uma experiência próxima àquela que propõe ser sua modalidade de apreensão da realidade psíquica na clínica.

Utilizamos a metodologia de interpretação dos aspectos teóricos contemplando os elementos esboçados acima, dado que conjugam considerável coerência com a aproximação da apreensão de pensamentos proposta pelos autores, tanto no manejo dos conceitos quanto

[10] "Costumava olhar repetidamente as coisas que não compreendia, para aprofundar sua impressão delas dia-a-dia, até que subitamente a compreensão raiava nele" (FREUD, 1893a, p. 22)

no encontro analítico. Dada a vastidão de comentadores e a complexidade das obras, embasar metodologicamente a pesquisa desta forma viabiliza um diálogo livre entre os conceitos, abdicando do exercício extenso de esmiuçar o arcabouço teórico prévio de cada autor. Da mesma forma, a qualidade de nossa leitura e as trilhas de construção de diálogo entre os autores porta claramente um trato idiossincrático das obras, sendo considerada uma única maneira de produzir sentido no campo polifônico dos autores, comentadores, do autor desta dissertação e do grupo de pesquisa, incluindo-nos neste diálogo, inserindo-nos em uma passagem da construção dialógica infinita de conhecimento acerca dos autores.

1.2 Sobre paradoxos, o objeto e a técnica

Nas próximas páginas pretendemos apresentar a noção de paradoxo enquanto conceito operador para esta pesquisa, delineando a especificidade do conceito dentro da psicanálise e, mais especificamente, dentro da técnica psicanalítica.

A ideia de paradoxo abrange tanto a concepção de uma ideia inusitada, quanto a composição de ideias contrárias na apreensão de um fenômeno. De acordo com o dicionário Houaiss, por exemplo, enquanto conceito filosófico o paradoxo é um "pensamento, proposição ou argumento que contraria os princípios básicos e gerais que costumam orientar o pensamento humano, ou desafia a opinião concebida, a crença ordinária e compartilhada pela maioria", ao passo que, no campo da lógica, consiste em "raciocínio aparentemente bem fundamentado e coerente, embora esconda contradições decorrentes de uma análise insatisfatória de sua estrutura interna" (HOUAISS, 2001).

Uma vez no campo das definições e etimologia, julgamos válido acrescentar também o significado de "aporia", apresentado por Naffah Neto e Cintra (2012). O termo se aproxima de um estado de mente diante de paradoxos, uma vez que se trata de dificuldade de responder uma indagação filosófica. "Em Aristóteles, problema lógico, contradição, paradoxo nascido da existência de raciocínios igualmente coerentes e plausíveis que alcançam conclusões contrárias. Situação insolúvel, sem saída. Embaraço, incerteza, em uma discussão ou pesquisa" (HOUAISS, 2001).

Ambas definições de paradoxo, bem como a definição aristotélica de aporia, culminam em algo comum, consistem na capacidade de abrigar elementos cuja união desafia certos princípios. Rezende (2000), após apresentar a natureza pós-paradigmática da psicanálise, nos apresenta ideia semelhante, classificando a psicanálise como uma ciência

paradoxal: "A noção de 'paradoxo' é essencial quando se trata da psicanálise. Trata-se de uma palavra grega que significa o que está 'além da norma', além das expectativas, além do esperado". (REZENDE, 2000, p. 22)

O que seria "além do esperado" na psicanálise para colocá-la em uma categoria de produção de conhecimento paradoxal? Nota-se, desde já, que estamos diante de uma lógica que surpreende uma outra, tomada aprioristicamente. Algo para além de determinada norma, pressupõe um ponto de partida, uma das partes do paradoxo, prestes a existir com outra, sem hierarquia, sem ordem de grandeza, mas ao mesmo tempo, no mesmo enunciado. Sandler (2003) aponta que um paradoxo pressupõe a sustentação da tensão entre elementos: "Paradoxos não são contradições: paradoxos são pares antitéticos onde a unidade básica da vida, o par, com suas diferenças, é passível de ser suportada" (p. 191).

A ideia de unidade básica da vida deriva do pensamento de Hegel de que há dialética "em tudo que se possa observar, inclusive nos impedimentos (antítese) à libertina expressão dos instintos (tese)" (SANDLER, 2003, p. 144). Alguém que tenha alguma familiaridade com a obra de Freud encontra nestas condições dialéticas a constituição do sujeito freudiano, tendo como exemplo mais escancarado as pulsões de vida reguladas pelo princípio do prazer-desprazer e as pulsões de morte reguladas pelo princípio de nirvana. As tensões antitéticas dos funcionamentos pulsionais, a capacidade de destruir e construir, são vetores facilmente identificados na teoria da sexualidade infantil, como por exemplo a fase sádico-oral, na qual a capacidade destruidora da fase oral se associa diretamente ao início da incorporação ativa de elementos do universo do bebê. Destruir para construir. Da mesma forma, as resistências dos casos clínicos portam, paradoxalmente, o sentido de investigação dos sintomas.

> Há aplicações práticas da percepção que a mente humana, assim como a própria natureza, funcionam de um modo que não podemos saber como é de modo último. Mas que pode ser adequadamente aproximado por um movimento de – e entre – teses e antíteses. As implicações e as verdades que se pode observar na própria natureza são de tal monta que exigiriam um estudo à parte. Por exemplo, aquilo que denominamos crescimento e desenvolvimento é composto de pares de opostos. Não há crescimento sem resistência. Esta tensão básica da vida surge em muitos fenômenos:
> - no nascimento, quando a criança resiste ao útero que resiste à criança;
> - no acasalamento, quando os sexos se resistem mutuamente;
> - na hostilidade do meio ambiente que a um só tempo resiste à vida e propicia a vida;
> - no humor.
>
> (SANDLER, 2003, p. 143)

Apreender fenômenos paradoxais implica, no campo da linguagem, elevar os pares antitéticos a um mesmo nível, construindo sistemas de pensamento complexos ou, como diz

Figueiredo (2012), "A partícula *e* no lugar do *ou* aponta para o caráter complexo e paradoxal assumido pelas teorizações e estilos que então se forjam" (p. 53, grifos do autor)[11].

Enquanto a partícula "ou" se coloca entre pensamentos, há evidentemente uma força de construção equivalente a uma força destrutiva. Seria como engolir um alimento e ter que vomitá-lo para provar outro ou, das significações orais para as mentais, ter que abandonar um pensamento em detrimento da vinda de um novo pensamento. Manter os pares antitéticos em um mesmo nível significa, justamente, tolerar os paradoxos, encontrar um estado de mente capaz de abrigar estados, pensamentos, ideias, fenômenos que tendem a colidir, que demandam um lugar único sem partilhar seu espaço.

> Penso ter evidenciado ao longo destas Conversas que Freud vinga, fora da mística cabalística (tanto judaica como cristã), o acesso intuitivo ao âmbito platônico e kantiano, dos númena. O divórcio – a meu ver, lamentável – entre ciência e humanidades, observado por *Sir* Isaiah Berlin (1956, 1959-79), encontrou, no estudo da mente re-iniciado por Freud, uma alternativa. Ou talvez a prova de ter sido um divórcio condenado ao fracasso. A humanidade foi introduzida na ciência por meio da medicina; e foi introduzida na arte pelos iluministas e românticos. Estas duas humanidades provariam ser uma só, e viria a se chamar, "psicanálise". (SANDLER, 2003, p. 26)

Dentro do pensamento freudiano, por exemplo, encontramos esta tensão entre a tradição de pensamento romântica, por um lado, abrigando um conjunto de compreensões acerca das profundezas dos sonhos dos poetas e artistas, e a tensão advinda de uma formação em medicina pautada por delimitações de variáveis observáveis e comprováveis. Nas palavras de Chasseguet-Smirgel (1988):

> Proponho que consideremos a atitude de Freud em relação ao Inconsciente como ligada a um duplo jogo de forças que é uma herança de sua dupla cultura: o inconsciente é, de uma certa forma, posto ao seu alcance pelo romantismo alemão mas ele recusa afundar-se nele; quer, ao contrário, possuí-lo, conquistá-lo pela razão, graças à sua identificação ao judaísmo. (p. 135)

Aqui é possível compreender que o inconsciente freudiano nasce, simultaneamente, do inconsciente romântico e de sua tradição científica, de um berço cultural etéreo atravessado pelas duras leis de Moisés. Para Chasseguet-Smirgel (1988) é justamente nesta tensão que reside o paradoxo do método psicanalítico. Trata-se de conceber uma profundidade infinita e carregar a ambição de circunscrevê-la. Ou ainda, como o define Figueiredo (2012), o método

[11] O texto de Figueiredo (2012) aqui referido, destina-se mais especificamente à obra de Donald Winnicott, autor cuja obra é notória por suas qualidades paradoxais. Aqui, neste trabalho, optamos por observar o mesmo fenômeno teórico-clínico desde outras autorias.

psicanalítico é um método paradoxal "por ser obrigado a reunir em si mesmo características dos processos primários e dos processos secundários, ou seja, do que é próprio do inconsciente e do que pertence à consciência e à razão" (p. 63).

No texto freudiano os pares antitéticos e suas tensões surgem em alguns momentos de maneira explícita, como por exemplo nos dualismos pulsionais ou na tensão das categorias ilustradas por "primário" e "secundário". Já em outras passagens, os paradoxos do funcionamento mental surgem camuflados em passagens alegóricas e metafóricas que ilustram um campo teórico complexo.

> Um crítico literário ligado ao movimento desconstrucionista de Jacques Derrida, J. Hillis Miller (1984), submeteu diversos escritos de Freud a uma análise. Detectou em textos de diferentes épocas uma mesma lógica, muitas vezes encoberta pela eficiente retórica freudiana. Referiu-se a esta lógica nas construções metafóricas freudianas como a do "não só, mas ao invés disso". (FIGUEIREDO, 2012, p. 61)

Ou em outro exemplo:

> Caso seja possível tolerar os paradoxos, a leitura dos textos de Freud é uma experiência nutriente. Ao tentar entender logicamente o que ele disse, pode-se pensar que se trata de alguém tíbio, ambivalente ou incompreensível. Paradoxos: instintos e ego; o meio "Feiticeira-Metapsicologia" como auxílio, mas logo depois impreciso e obscuro; a metapsicologia enquanto metáfora e método de apreensão da realidade, mas não sendo em si real (*phantasiar*); "*apenas uma pista*", mas "*de alto valor*". Freud escrevia assim, dialeticamente: perguntava-se e tentava respostas, que eram novamente contrapostas, gerando outras questões e respostas, e assim por diante. (SANDLER, 2003, p. 153, grifos do autor)

A habilidade de descrever estes processos, ora escancaradamente complexos e paradoxais, ora representados em imagens capazes de conter condensadas estas tensões, diz justamente da natureza do objeto apreendido pela psicanálise. Compõem-se de paradoxos as soluções de compromisso dos sintomas, o sentido antitético das palavras, a formação do sonho enquanto realização de desejo e evitação de descarga, para citar alguns exemplos. O "pobre ego" freudiano deita todas as noites em seu colchão, coberto de desejos para, imóvel, roncar os paradoxos de sua vida íntima.

Neste sentido, podemos entender que a psicanálise não se configurou como uma teoria paradoxal sobre um objeto, mas como a apreensão viva da natureza paradoxal de um objeto que assim se apresentou para Freud em seus sonhos, em seu cotidiano e observações clínicas. A psicanálise é uma teoria que toma por pressuposta a existência de uma tensão paradoxal dentro das trilhas do pensar, entre o pensar e os impulsos primitivos infantis, e uma tensão

paradoxal dentro destes impulsos infantis também, revelando, no campo das humanidades, uma série de fraturas dentro do sujeito, revelando-o dividido:

> Quanto ao objeto: no caso das ciências formais, temos a relação sujeito<=<objeto; no caso da física, a relação sujeito>=>objeto; no caso das humanas, a relação sujeito<=>sujeito. Já no caso da psicanálise, a relação é entre o sujeito consciente e o sujeito do inconsciente. A cada vez, há um corte epistemológico; mas, de todos, o mais radical é o que ocorre no caso da psicanálise. (REZENDE, 2000, p. 20)

Uma vez apresentada a definição de paradoxo, a afinidade da psicanálise com esta categoria de pensamento e a natureza do objeto que evoca esta produção de conhecimento, resta-nos justamente adentrar o terreno da técnica, ou seja, como se dá a relação de apreensão deste objeto, uma vez que ele emite mensagens paradoxais. Rezende (2000), em sequência à citação acima, migra da concepção do objeto psicanalítico para a delimitação do conceito operacional, ou seja, como tais definições metodológicas são aplicadas tecnicamente, na prática:

> Já o conceito operacional característico das ciências formais é o de estrutura relacional; para a física, o movimento dialético-quântico; para as humanas, a simbolização, prolongando-se na experiência da verdade como consenso simbólico. Para a psicanálise, o conceito operacional, aquele que determina a ação típica da ciência, é a capacidade negativa, conotando associação livre do paciente e escuta característica do analista. (REZENDE, 2000, p. 20)

A questão da escuta característica do analista, que neste trabalho será aprofundada, implica uma profusão de paradoxos, alguns mais claramente delimitáveis que outros. Podemos identificar um jogo complexo de paradoxos apenas por imaginar as linhas mais genéricas de tensão dentro do par analítico, sendo cada uma das partes já dotada de paradoxos dentro de si, nesta múltipla trilha consciente-inconsciente. Operar em atenção uniformemente flutuante significa, justamente, oferecer atenção a todos estes elementos, sem a possibilidade de prever como irão se manifestar. Nas palavras de Phillips (2009):

> A psicanálise rastreia o que a atenção quer e o que não quer omitir. Freud está se perguntando a que devemos prestar atenção e como podemos fazê-lo, quando e se a censura for suspensa. E isto significa, paradoxalmente, a que poderíamos estar atentos se deixássemos de prestar atenção. (p. 1037, tradução nossa)

Ou ainda, em termos poéticos, "Através da desorientação encontra-se o rumo" (Hamlet, II, i.64 *apud* SANDLER, 2000, p. 7). Na apreensão da realidade psíquica através da atenção uniformemente flutuante estamos diante de um campo complexo de forças, sendo cada força oriunda de um referido par paradoxal, senão de um campo de paradoxos. Construir um pensamento sobre uma técnica capaz de apreender a pluralidade de fenômenos que podem

se dar na mente do analisando, sabendo-se das limitações de observação resultantes da participação do inconsciente no campo das percepções e do pensamento, partindo-se do fato de que esta técnica será exercida por um analista tomado internamente pelo mesmo campo complexo e paradoxal, implica em um arranjo infinito de fenômenos psíquicos e um arcabouço possivelmente limitado de conceitos.

A construção deste arcabouço pode culminar em construções predominantemente teóricas, sem a proximidade com a experiência clínica. Dissociar teoria e clínica, por sua vez, pode tirar da psicanálise seu eixo paradoxal teórico-clínico, condição essencial a sua fundação e à natureza do objeto a que se dedica.

> Às vezes perguntam-me: "Seu curso é teórico ou clínico?". Eu respondo: "Em se tratando de Bion, a pergunta é mal feita". Para ele, a cisão entre teoria e prática não se justifica, pois conota uma hipótese esquizoide. Como maneira de pensar, Bion não diz "ou ... ou", mas "e ... e", assim como Melanie Klein nos ensinou a falar a respeito do objeto total. (REZENDE, 2000, p. 12)

Em *Interpretação dos Sonhos*, Freud cita Hegel negativamente, já que o filósofo teria dito que os sonhos "não possuem a menor coerência razoável e objetiva" (FREUD, 1900, p. 72). Ao longo de nosso trabalho veremos que Sandler (2003) supõe que Hegel talvez seja um dos elos perdidos nas possíveis associações entre Freud e Bion, especialmente no que tange à tolerância de paradoxos. Aqui, no texto de fundação da psicanálise, dentre outras coisas, Freud estaria em vias de: "Demonstrar paradoxos no pensamento onírico e nos sonhos: eles eram inteiramente universais, transcendentes, condição de sua cientificidade, e ao mesmo tempo eram subjetivos, úteis de serem verificados para aquela pessoa em questão" (SANDLER, 2003, p. 31).

Deste modo, Freud inclui a faceta simultaneamente ilógica e lógica do inconsciente no campo transcendente e, ainda assim, a mantém como uma expressão da singularidade, imanente dos sonhos lembrados pelas manhãs e inquietante na apreensão clínica da realidade psíquica.

O pensamento e alguns conceitos de Wilfred Bion nos acompanharão ao longo desta dissertação, principalmente naquilo que entendemos ser um material continente à obra freudiana. Trata-se de usar Bion para iluminar, de outros vértices, a apreensão da realidade psíquica em Freud, no intuito de enriquecer a discussão a respeito do tema e explorar articulações entre os autores.

Bion, ao longo de sua obra, nos contempla com dois pontos fundamentais para pensarmos a atenção uniformemente flutuante enquanto técnica para apreender a realidade

psíquica em uma sessão psicanalítica. Em primeiro lugar, Bion constrói uma teoria voltada à clínica, capaz de conter e explicitar os elementos do processo do pensar concernentes à atenção uniformemente flutuante. Em segundo lugar, Bion insiste em apontar ao longo de sua obra a organicidade que se dá entre teoria e clínica e o quanto a teoria pode alçar um voo independente e abandonar a conversa viva com a clínica.

Assim, a crítica de Bion aponta para a perigosa possibilidade de que a teoria seja tomada como a norma, a expectativa, o esperado. A técnica psicanalítica, já tão carregada de teorias, pode fraquejar justamente ao se perder da clínica, flutuando atentamente entre teorias e perdendo o analisando e a experiência emocional da sessão de vista. O analista pode, surpreso, reencontrar a natureza paradoxal do objeto psicanalítico quando o analisando, então, surpreende um analista mergulhado em tramas teóricas:

> A pessoa, como analista, está ficando um pouco cansada, e então recorre a teorias, teorias as quais penso ser de difícil diferenciação daquilo que Freud denomina de "paramnésias", que tem o objetivo de preencher um espaço que fica vazio porque alguém esqueceu algum ponto em particular e portanto inventa alguma coisa para preencher tal espaço. Desta forma poderíamos argumentar que a psicanálise inteira é uma espécie de paramnésia elaborada, tornada consciente consigo mesma, uma espécie de arquitetura na qual cada pedaço está em seu lugar apropriado – só que aqui e ali parece que há coisas que são paradoxos que começam a emergir. (BION, 1977a, p. 20-21)

Bion nos oferece uma outra via para pensar o paradoxo na escuta psicanalítica, imbuído e apropriado da teoria freudiana, tornando-a autoral, relendo-a dentro de sua própria experiência. O resultado nos parece complementar ao estudo do paradoxo na técnica psicanalítica porque Bion propõe reavivar alguns pontos soterrados por leituras predominantemente teóricas dentro da psicanálise, bem como alerta para o quanto há armadilhas na teoria capazes de poluir a flutuação uniforme da atenção.

Sua escrita e suas comunicações orais engendram um estilo cada vez menos teórico, cada vez mais apontado para a infinitude poética romântica da qual nasceu uma das maiores influências para o pensamento paradoxal psicanalítico. No primeiro volume de *Um Memorial do Futuro*, contribuição literária de Bion ao fim de sua obra, Roland, um dos personagens que representariam uma parte de Bion, mais precisamente sua parte mais racional de acordo com Sandler (2015), percorre justamente esta outra via, à contramão do iluminismo:

> A incapacidade de compreender o alcance trivial do espectro biológico, mesmo quando o campo dos vivos é estendido pelos mortos, o animado pelos inanimados, foi combinada com a vastidão da extensão relativamente pequena. Isso se deve, em parte, ao fracasso em compreender a natureza da relatividade, em particular o fato de que ela inclui o paradoxo. A restrição imposta ao pensamento pela limitação de pensamentos com pensadores implica a polarização 'verdade' e 'falsidade', agravada ainda mais pela moral,

> sistemas 'morais' não investigados e extensões do pensamento de Platão às visões morais da função de poetas e artistas. (BION, 1975a, p. 70, tradução nossa)

Não à toa o personagem de Bion evoca o campo das tensões, espectros, campos do pensar. Grotstein (2011) qualifica o conjunto de trabalhos de Bion como uma obra holográfica, ou seja, dotada de um conjunto de conceitos os quais, um por um, portam uma tridimensionalidade capaz de iluminar de um ângulo específico o conjunto da obra.

> Exatamente como o cromossomo de cada célula individual do corpo contém o genoma para o corpo todo, da mesma forma Bion revelou o cromossomo da mente. Portanto, estou oferecendo um modelo no qual uma entidade viva – o sonhar – absorve conceitualmente os modelos propostos por Bion. Todos eles fazem a mesma coisa de diferentes vértices. (GROTSTEIN, 2011, p. 62)

Na leitura do próprio autor e de seus comentadores, deparamo-nos com um estilo de escrita, de comunicação e com um universo de conceitos e modelos bastante inusitados no campo da psicanálise. Trata-se de modelos abertos e insaturados, propícios para implicar o leitor em suas experiências singulares na clínica.

Arriscamo-nos dizer que aquilo que na obra freudiana aparece em dois tempos, como (1) a esperança de apreensão da realidade psíquica e (2) sua evidente impossibilidade dada a dimensão perpetuamente inconsciente dos processos psíquicos, em Bion aparece de forma una e introjetada. Bion é paradoxalmente apreensível e impossível de apreender. A indecidibilidade inerente à realidade psíquica, no que concerne ao que é externo e interno, apresentada por Freud nas tramas do princípio de prazer e de realidade, renasce em Bion incorporada no estilo do autor.

Fontes (2012) descreve seu próprio percurso de descoberta deste estilo peculiar de Bion e o define como "maiêutica bioniana". Maiêutica consiste num método socrático cujo pressuposto básico é a "libertação de todos os condicionantes que funcionam como amarras impedindo a expressão de um pensamento independente" (FONTES, 2012, p. 162). Isto significa que Sócrates, imbuído de sua máxima "só sei que nada sei", exercitava com seus interlocutores uma multiplicação de perguntas para que estes chegassem a suas próprias visões de mundo. Nota-se que, à medida que nos aproximamos destes conceitos, estamos próximos das definições de paradoxo acima apresentadas, tanto no que concerne a um pensamento para além da norma e do esperado, liberto de condicionantes, quanto no que se evidencia no par antitético "saber" e "nada saber".

No método socrático, nos conta a autora, o ponto de partida do pensamento é, justamente, a ironia, ou seja: "o questionamento do saber estabelecido, o abandono do senso comum, varrer do pensamento crenças, mitos, tabus" (FONTES, 2012, p. 162). Partindo-se deste ponto, espera-se que cada discípulo extraia de seu mundo interior a verdade nele imanente[12].

Seguindo uma tendência natural do trabalho, ao considerarmos a premente necessidade de trabalhar a psicanálise a partir da clínica, entendemos que neste momento já temos uma introdução ao material teórico que será aprofundado, de modo que podemos introduzir ao texto um olhar para a clínica, no intuito de nos aproximarmos mais ainda daquilo que nos interessa.

[12] Ainda que seja muito prematuro fazer quaisquer comparações, poderíamos assemelhar a experiência maiêutica à técnica *per via di levare*, que será descrita adiante neste trabalho.

2. Lâminas clínicas

Valendo-nos das concepções de paradoxo apresentadas enquanto operadores de leitura da clínica e do imperativo de recorrer à soberania da experiência clínica, consideramos necessário apresentar neste trabalho fragmentos clínicos[13], descritos desde a perspectiva dos pensamentos do analista. Os fragmentos, que serão apresentados antes dos devidos aprofundamentos teóricos, não comportam o intuito de esgotá-los, tampouco o revés – a teoria apresentada para pormenorizar as passagens da clínica. Entendemos que, dada a natureza inexoravelmente paradoxal da apreensão da realidade psíquica, qualquer recorte, qualquer "lâmina" extraída da experiência clínica psicanalítica, apresentará um campo de paradoxos.

Sugerimos o uso do que batizamos de "lâminas clínicas" para analisar um fenômeno psicológico em diferentes recortes e situações, no intuito de observar um determinado aspecto técnico da apreensão da experiência clínica, disposto em diferentes temporalidades, tomando a mente do analista como campo de observação.

Para tal exercício, podemos usar alegoricamente os tipos de corte que podem ser feitos em um tronco de árvore. Utilizamos esta metáfora por se tratar simultaneamente de um elemento estático, uma espécie de fotografia de uma determinada temporalidade, mas que porta em sua inscrição um retrato vitalizado e representativo de um desenvolvimento complexo. Valemo-nos da árvore também por consistir em um elemento tridimensional que nos oferece diferentes seções, como entendemos ser a estrutura espaço-temporal de uma vivência de psicologia clínica. Outro ponto interessante é que qualquer corte traz a complexidade da experiência clínica, levando-se em consideração múltiplas temporalidades. Mais um ponto: o corte do tronco de uma árvore implica na notícia de que está morta, ou seja, de que não estamos mais tratando da cena viva, mas de um relato do vivido.

Entendemos ser uma abordagem de grande valia dada a necessidade, por vezes, de abordar o mesmo tema sob perspectivas distintas, ou de observar os efeitos de um atendimento analítico em curto e longo prazo, observando as distintas conclusões que se podem tirar de cada ângulo de observação. Uma sessão específica pode conter elementos que se encerram dentro de sua própria temporalidade, mas que quando observados no longo prazo

---

[13] Os fragmentos que serão apresentados se enquadram na resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde:
"Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:
VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito".

de um trabalho analítico, na *big picture* de um trabalho extenso de várias sessões, produzem outros sentidos.

Valendo-nos da atmosfera teórica até aqui apresentada, podemos então de um mesmo ponto derivar uma profusão de pensamentos:

> Usando uma terminologia criada em 1930 pelo físico Paul Dirac, trazida à psicanálise por Wilfred Bion em 1965 e à filosofia pelo filósofo americano Robert Nozick em 1997, *estes autores românticos e a psicanálise fazem transformações diversas sobre o mesmo ponto fixo, ou a mesma invariância*: a mente humana e as experiências emocionais. Como toda transformação que se preze, geralmente as terminologias são diferentes – *mas nem sempre*. Tipificam épocas temporais; as invariâncias, espaços-tempos. (SANDLER, 2003, p. 24, grifos do autor)

Quer seja um corte transversal abrangendo uma temporalidade maior de um caso clínico, quer seja o átimo de uma sessão, sempre haverá um espectro de elementos paradoxais. "Espectro", aqui, pode ser reconhecido em dois pontos de sua polissemia: por um lado, enquanto "aparição" ou "visão", por outro, em seu uso científico, enquanto um registro visual de quantidades apreensíveis em um determinado campo de observação. Em outros termos, podemos também definir a abertura de um fragmento de sessão como um âmbito numênico do inconsciente, um campo de possibilidades de pensar. Como define Sandler (2003), "O prefixo "Ambi" indica dois pontos de apoio, o paradoxo. Poderia ser melhor descrito como 'espaço-tempo'." (p. 132).

Apresentaremos primeiramente um corte longitudinal, que consiste em um recorte de maior temporalidade. Convencionamos usá-lo quando tratamos de observações que só são alcançadas levando em consideração uma travessia extensa, permitindo associar fragmentos dispersos ao longo da história clínica, que em algum ponto se aproximam – ou parecem se aproximar – de uma conjunção constante. Trata-se de um corte no qual o analista é capaz de enxergar uma narrativa subjacente à extensão maior do trabalho analítico, pertinente para incluir percepções e significações que demandam um amplo tempo para se formar e que envolvem, normalmente, o caso como um todo.

Em seguida apresentaremos um corte tangencial, sendo também um corte de maior temporalidade, só que circunscrevendo um eixo, uma questão específica do trabalho clínico, um ponto de observação no trabalho analítico. Convencionamos usá-lo quando tratamos de uma determinada questão, em foco, na experiência psíquica do analista, que evolui ao longo de um conjunto de sessões. Cabem neste corte ressignificações de um conjunto de percepções ao longo de um trabalho clínico, ou um conjunto de elementos que se conjugam e passam a

agrupar o mesmo tema. Associa-se ao conceito de evolução, em Bion, enquanto memórias que retornam à mente do analista em um momento do trabalho, formando novos sentidos até então não pensados.

Por fim, apresentaremos um corte transversal, consistindo em um corte de menor temporalidade. Convencionamos usá-lo quando tratamos de um momento de uma sessão, no qual se podem analisar inúmeros fenômenos ocorrendo simultaneamente na mente do analista. Consiste em um corte pertinente para observar mudanças abruptas de estados de mente e para descrever pormenorizadamente estados emocionais complexos.

Entendo que estes diferentes recortes nos possibilitarão identificar alguns paradoxos entranhados na experiência clínica, como variáveis passageiras ou estabelecidas que incidem diretamente sobre a escuta do psicanalista. O levantamento bibliográfico acerca do tema iluminará passagens das lâminas clínicas que apresento a seguir.

2.1 Corte longitudinal: a verdade oca de Bruno

Encontro-me com Bruno há alguns anos. Neste tempo tivemos um pequeno intervalo, de quatro meses, desde uma saída súbita e rapidamente justificada até um retorno turbulento. Não sei dizer porque ele saiu, não sei exatamente o que aconteceu. Nos primeiros meses que esteve comigo, suas sessões eram ocupadas por uma insistência emocional em ver-se recorrentemente como vítima. Era vítima dos abusos morais em seu último relacionamento, vítima dos abusos morais de seu chefe em uma galeria de arte, vítima também das incompreensões de seu pai.

Havia uma insistência, de minha parte, em intervir por esta via, notificá-lo de que caíra novamente neste discurso vitimizado, coisa bastante suspeita já que, se me conheço minimamente, devo ter ocupado estes primeiros meses com Bruno de formas muito diferentes. Pouco me lembro dos elementos supervisionados na época, ainda que igualmente tenha claro que tenha tratado do caso. Olhando para este passado recente, sinto como se minha memória tivesse replicado infinitas vezes a mesma experiência. Isto, por sua vez, me leva à impressão de que minhas lembranças foram apagadas e substituídas por cópias que preencheram nossos consecutivos encontros ao longo desses primeiros meses. Isto me leva a certa suspeita de que talvez sua primeira passagem pelo consultório tivesse sido pouco significativa tanto para mim, quanto para ele.

Lembro-me de seu sorriso quando eu apontava esta posição vitimizada diante de tantas relações: Bruno concordava, com uma cara de "pois é, você me flagrou" ou algo como "Viu só? Que coisa?". E lembro que, em seguida, dizia "Tenho que mudar isso" de maneira mecânica e desvitalizada. Isto me levava, por vezes, a entender que não estávamos conversando verdadeiramente. As memórias mais vívidas são de elementos sensórios: suas roupas, seu cheiro, seu cabelo.

Vem à minha memória a fisionomia de minha colega ao encaminhá-lo para mim: notificava-me, de olhos arregalados e ar vigilante, que Bruno tinha um passado difícil, que talvez seria "border", mas com uma propensão à manipulação e traços perversos. Guardei esta informação mas me permiti notar o que sentia diante de Bruno: não havia medo, não havia temores, não me sentia manipulado. Ao mesmo tempo, surpreendi-me com seus temas mais importantes, coisas relacionais, amorosas, uma briga generalizada com autoridades. Não havia espaço para falar destas coisas que falaram dele, não havia como evocá-las e, inclusive, nestes encontros elas pareciam paranoias distantes enquanto nós tentávamos sair de uma repetição de um estado emocional.

E então Bruno retorna, passados quatro meses, para me dizer que desta vez iria levar a análise "a sério" e que se sentia bem de se encontrar comigo. Diz que está muito cansado de rótulos como "transtorno de personalidade antissocial" ou "psicopatia", assumindo ter problemas complicados de roubos e mentiras, mas que acha que os diagnósticos não o definem. Diz ter um problema sério em não querer crescer, insistindo em sair com gente bem mais nova que ele. Achei interessante esta associação e disse a ele que era curioso medir sua capacidade de crescer a partir da idade de suas companhias.

Sinto que minhas falas nunca geram reverberações significativas, bem como suas falas passam por uma filtragem cheia de suspeitas em mim. Não consigo dizer que seja uma fala ou outra, mas que há uma atmosfera de desconfiança, uma certa paranoia, que eu não permito que me invada totalmente. Deixo-a como uma pulga atrás da orelha que não me impede de escutá-lo, mas que, claro, deve limitar minhas reverberações e capacidade de sonhar as coisas que vivemos na sessão. Ao mesmo tempo, sinto que caminhamos por uma espessura de contato estreita. Quando pergunto algo a Bruno, ele consegue me responder com efeitos de discurso praticamente sem conteúdo. Por vezes no antigo queixume, por vezes em relatos breves e apressados de suas experiências, carregados de interjeições e uma certa "conversa de elevador", é possível que eu sinta emocionalmente que ele me disse algo mas, ao observar o conteúdo, não encontro notícias novas. Passo a insistir, em determinadas sessões, para que

narre de maneira mais detalhada uma determinada passagem, inclusive para investigar o quanto Bruno entra em contato com suas experiências.

Sou testemunha de um momento importante, quando Bruno consegue um novo emprego. Interessado no trabalho, ansioso por recobrar um lugar no mercado de trabalho depois de uma última demissão nebulosa, há um desejo de que os treinamentos comecem logo e que possa ser bem sucedido neste novo emprego.

Pouco depois iniciamos o período de quarentena por conta da pandemia por COVID-19, e nossos atendimentos se reenquadraram na tela do celular. Bruno me encontra duas vezes em seu quarto e, logo depois, nossa sala de análise virtual ganha um novo lugar: o jardim de seu prédio. Lugar que Bruno passa a ocupar ao longo dos meses, pegando fôlego com tragos no cigarro para suportar o fastio quarentênico, recebendo eventualmente amigos para beber e prosear sentados nos bancos do jardim. Penso, aqui deste lado, que tenho sido levado para encontros mais amistosos, nos quais posso saber de coisas significativas em um lugar de maior liberdade. É lá que me conta que os treinamentos de seu novo emprego foram postergados, sem data prevista para remarcação, dada a desaceleração do mercado de trabalho.

Em determinada semana, Bruno sai sexta-feira à noite, "fura" a quarentena com alguns amigos em um bar e novamente recai, usando o dinheiro de sua família sem autorização prévia. Relata um momento de hesitação, a caminho do bar, quando descobre que o cartão de seu pai estava em seu bolso após uma compra que fizera à tarde, e que talvez não seria boa ideia entrar em um bar provido deste. O caminho para o bar é oco em sua memória, há apenas a ideia de que talvez não fosse bom estar provido do cartão de seu pai em um evento como aquele e, de repente, já havia chegado ao bar.

"E como foi o bar?", pergunto. Bruno iniciou a madrugada desabafando com amigos, soltou os cachorros, lavou roupa suja com um amigo e uma amiga que julgava interesseiros. Dentre os desabafos, surge uma tristeza que quase passara despercebida diante de tamanho descalabro. Bruno fora notificado, na manhã daquela sexta-feira, que perdera o emprego que havia conseguido, para o qual esperava a chamada para o início de seu treinamento. Ao ter a notícia, relata ter ficado por volta de duas horas parado, imóvel, no escuro de seu quarto. Logo a seguir, sai e agenda este bar para mais tarde. O que se passou em sua mente nestas duas horas? Não sabe.

Em conversa com um novo rapaz, que conhecera em um aplicativo de relacionamentos, diz morar sozinho e estar empregado, o exato revés de sua condição. A

mentira inaugura um problema, de imediato: "Quando digo, já é tarde demais", me diz. "Não tem como voltar atrás, dizer 'Viu, menti, não é nada disso que acabei de dizer'". Vejo sentido no que me diz, uma vez que tinha desejo de preservar esta nova relação, estava fascinado, apaixonado, não queria se apresentar como um mentiroso. Conversava por horas e horas e não via o tempo passar, diz que eles tinham muitas coisas em comum. Se poderia me contar sobre essas conversas? Alguma pouca coisa. Mas da maioria das horas conversadas, pouco lembrava. Digo-lhe que talvez as mentiras viriam da pressa para que coisas viessem cedo demais, afinal, ter sua própria casa e um emprego eram desejos. Suas mentiras pareciam confissões honestas de desejos singelos, vindas rápido demais, sem tempo para construção.

Pouco tempo depois Bruno me pergunta, um dia antes, se poderíamos mudar o horário de nossa sessão. Surgira um trabalho na segunda-feira, um *freelance*, seu universo profissional reabria as portas aos poucos. Noto sua foto, diferente. Uma proliferação de tons de rosa, com um sorriso. Havia claramente empolgação. Digo-lhe que sim e tenho notícias, na sessão, de que teria brigado feio com seus pais. Do *freela* teria ido direto para a casa de um casal de amigos e lá ficara até o dia seguinte. "Não posso dormir fora de casa que, no dia seguinte, estão todos de cara feia pra mim". Eu, acompanhado de minha pulga atrás da orelha, sigo pensando com Bruno em possibilidades de construção para sua vida. Ele mesmo diz ter olhado apartamentos outro dia, fala de regiões que não gostaria de morar, mas que descobrira lugares interessantes, quartos, cantos que poderiam ser seus. Do mesmo modo, recorda-se de um tempo em que morou fora de São Paulo, que teria sido a melhor época de sua vida.

Antes da próxima sessão, na semana seguinte, Bruno me procura um dia antes confirmando nosso horário. Noto que no lugar de sua foto, no aplicativo de mensagens, há uma grande bola preta. Tudo escuro. Penso: "Deve estar em luto por alguém".

No dia seguinte, poucas horas antes da sessão, recebo uma ligação, inusitada, de sua mãe. Ao saber que era ela, pensei de imediato que me contaria sobre o luto, sobre algo que havia acontecido dentro da família. No entanto, sua mãe me pergunta se por acaso eu teria agendado algum atendimento de família para eles. Eu, rapidamente tomado pela sensação de que havia ali um terreno ético delicado – outra pulga atrás da orelha? – digo-lhe, de pronto, que não. "Então acho que Bruno tem mentido bastante, inventou trabalhos que não existem e agora está te envolvendo em suas mentiras também". Digo-lhe que "pode ser", acolho sua angústia, digo-lhe que se eu só pudesse ouvir verdades, ou se estas fossem obrigações, eu não conseguiria trabalhar, ainda mais em um caso em que a mentira é um elemento importante clinicamente, e penso "acho que Bruno teve uma boa ideia". Ao mesmo tempo, me parece

surpreendente que tenha, de acordo com a narrativa de sua mãe, se despedido de mim na última sessão, subido para casa e notificado que eu havia agendado um atendimento para todos. O que teria lhe ocorrido no elevador, neste curto trajeto entre o jardim do prédio e sua casa?

Encerro a ligação dizendo que pensaria uma indicação de terapia familiar e que contaria ao Bruno sobre a ligação. Ela concorda com a indicação mas se incomoda com a notícia de que falaria com Bruno sobre nossa conversa: "Não! Melhor não! Melhor que fique só entre nós!". Eu, espantado, digo-lhe: "Como poderia mentir para ele se, justamente, tenho buscado uma comunicação verdadeira?". Sua mãe diz se preocupar com a quebra de confiança dele em mim, no que digo que prefiro que a confiança seja quebrada no campo da verdade, não da mentira. Sua mãe ainda insiste para que eu nada diga, rebato dizendo que se concordo com isso, concordo com mentir. Ela então encerra dizendo que é "arriscado", eu digo que se for o caso, "prefiro perder o paciente". Ela diz que espera que isto não aconteça, eu digo que também espero que não.

Até agora há algo que me inquieta nesta fala, "prefiro perder o paciente". Ainda que a comunicação tenha sido efetiva, no sentido de que afirmo convictamente ter certas condições para trabalhar, asseguro que tenho uma comunicação verdadeira com Bruno e que não criaria conluios, que não me sentia ameaçado pela perda do dinheiro que me pagava, que não havia preocupações que sobrepujassem minha palavra, mas há algo nesta frase que ainda reverbera em mim. Não sei sequer qual é a parte mais inquietante, se é o "prefiro" ou se é chamá-lo de "paciente". Não tenho ideia do que há aí e sinto que é algo que ainda ganhará sentido ao longo dos atendimentos, se assim for possível. Parece uma frase que ficou em um relevo diferente do resto desta passagem, em minha memória. Tampouco sei se é uma mensagem cujo relevo se atribui ao caso ou a algum episódio desconhecido de minha vida.

Bruno vem à sessão e conto-lhe sobre o ocorrido. Ele me escuta e diz que aquele era um dia difícil para ter uma notícia como aquela, que estava exausto, que acabara de retornar do velório do pai de uma amiga, que morrera subitamente de infarto. Bruno passara o dia no velório, acolheu a amiga, cuidou dela. Em algum momento minha pulga atrás da orelha me coça, será que aquela cara de cansaço, aquela ressaca, era por conta da morte de alguém, ou era por conta de alguma noitada? Bruno se chateia com a notícia, se queixa bastante sobre sua mãe, conta ao fim da sessão que já ouviu pedaços de sessões de análise de seus familiares, que sabe do desapontamento e descrença deles em relação a ele. Aponto que sua ideia de uma análise para a família era um ótimo desejo manifesto pela via da mentira, e que parecia que

havia uma invasão de todas as partes em sua casa. Ele invadia processos de análise, as finanças de seus pais, sua mãe invadia sua análise, e assim todos criam condições em que a mentira e a verdade ficam borradas por invasões.

Na sessão seguinte, Bruno me conta que acha que chegou ao "fundo do poço". Que havia mentido sobre o que fizera na casa daqueles dois amigos, naquela segunda-feira. Que naquela noite, ao beberem e se empolgarem, decidiram que gostariam de usar outros tipos de droga. Bruno então liga para sua amiga, que sabia que tinha para vender e pede para buscar. Ela avisa que ele deve pagar a quantidade que havia comprado no máximo até o dia seguinte, porque não poderia ficar em dívida com o traficante e ela mesma não teria como tirar do próprio bolso para pagar.

Bruno diz que teria assegurado a ela que sim, que tudo bem, e que no dia seguinte, sem dinheiro e assustado com o que havia feito, decidira bloqueá-la no celular. E entende que desde então estava tudo resolvido, para ele. Que se iludiu com a ideia de que se bloqueasse ela no celular, tudo estaria bem e ela desapareceria de sua vida. Não é a primeira vez, nas últimas semanas, que Bruno é capaz de falar sobre a sensação de desconexão dos afetos a partir de soluções práticas e ilusórias (quer sejam mentiras, omissões ou rupturas). Depois que algo se deu, depois que extrapolou certos limites, não há culpa, não há ressentimentos, não há nada. Esvazia. E, pelo contrário, antes desta segunda-feira, sim, tivera mais uma notícia cuja tristeza verdadeiramente sentiu: perdera uma nova vaga de trabalho, em uma seleção na qual teria ido até a fase final.

Sua amiga, que lhe cedera uma boa porção de drogas, encontra o contato de sua mãe e a aciona: alguém teria que pagar o traficante, senão a vida da família dele seria colocada em risco. Bruno diz estar muito mal com esta situação, insiste algumas vezes que chegou ao "fundo do poço". O poço, enquanto imagem, me convida a uma investigação, já que é provido de interioridade e obscuridade. Ali há espaço, tempo, distância entre todos, longe de dividir um solo comum.

Bruno então me diz: "Eu não lembro muito da minha infância. Praticamente tudo que sei foram meus pais que contaram. Tenho algumas poucas lembranças de festas de natal, em família. E sei que tive um avô que cuidou muito de mim, porque meus pais saíam de casa para trabalhar e me deixavam com ele, então foi ele que me criou, mas não lembro de quase nada com ele. Sei que ele morreu quando eu tinha sete anos, não fui a velório nem nada e só descobri que ele morreu quando eu tinha doze anos. Disso eu lembro bem! De me dar conta de que meu avô morreu. Não sei o que aconteceu nesses cinco anos em que eu não soube. A

partir dos doze anos eu tenho memórias, mas desde a época que eu tenho memórias, eu já estava no fundo do poço".

Acesso uma convicção mental de que estou fora do campo da verdade e da mentira enquanto coisas ditas, da boca para fora, superficiais, como conversas de elevador. Há uma série de elementos, das últimas sessões, desta especificamente, de sua primeira passagem de análise comigo, que confluem e me levam para um lugar onde não há pulgas ou orelhas. Há uma constatação de que há uma conjunção de elementos que estranhamente parecem se associar. A superficialidade das nossas sessões no início e este terreno de associações, de narrativas, que Bruno tem dificuldades de acessar, me levam diretamente para esta estranha fratura mnemônica em sua vida. O silêncio de duas horas em seu quarto após perder um emprego, o caminho sem memórias até o bar, as horas despendidas no velório do pai da amiga, a fisionomia exausta de quem esteve em um velório ou em um bar madrugada afora, tudo parece levar a algo que ainda não sei o que é.

Sou afetado pela confluência entre um poço e um enterro. Será que Bruno estaria em busca de seu avô? Ou de sua própria história? Será que ele tem uma casa, ou sua casa era seu avô? Sinto que esta associação, direta e expressa, entre poço e vala de cemitério, é demasiado concreta. Mas é marcante a sequência das fotos de seu perfil, de um colorido alegre, para a ausência de foto, o simbolismo da ausência de cores e sua aproximação ao luto em minhas alusões.

Será que "prefiro perder o paciente" diz respeito a algo desta história, será que é meu jeito de dizer que é melhor perder do que ficar em um vazio de mentiras? Devo desconfiar do que sua família fez, a respeito da história deste avô, ao longo desses cinco anos? Será que as falas superficiais, conversas de elevador, dizem da maneira como se pode falar da morte dentro de sua casa? Não tenho a dimensão, neste momento, do que, ao longo desta última sessão, me vem à mente. Sei que os elementos geram estes pensamentos agora, já depois da sessão. Mas tampouco sei dizer se parte do que penso agora já me ocorreu lá, enquanto tenho notícias da morte de seu avô. Na hora me ocorre dizer: "Quer dizer que, desde que você se entende por gente, você já estava no fundo do poço?". Bruno parece estimulado pelo pensamento, diz "pois é!", mas não sinto que estamos no elevador.

2.2 Corte tangencial: Tomaz, o filho do diabo[14]

O grupo[15] se inicia como tantos outros, aos poucos chegam os pacientes, alguns mais atrasados, outros já de pronto instalados na sala antes de iniciar o horário do grupo. Tomaz chega atrasado, notícia boa vê-lo chegar de espontânea vontade, coisa rara dada a recorrente tendência a ficar deitado em um dos sofás dormindo. Criei o hábito, e assim o fiz, de celebrar sua entrada: "It's Tomaz time!!!!", grito ao vê-lo, e ele me responde, com um corpo sem qualquer tônus, a voz para dentro: "It's Tomaz time!". E assim vai para seu lugar, com a boca trêmula. Acho que comecei a fazer isso porque ele usa roupas esportivas e isto sempre me lembra os jogos que assistia da NBA, nos quais, quando um jogador importante entrava na quadra, com suas roupas longas e largas, o narrador gritava empolgado: "It's shoooooow time!". E acho, também, que este ritual se consagrou porque desde que comecei a cumprimentá-lo assim, sua presença se fez mais recorrente.

Tomaz pede a palavra em um determinado momento do grupo e, claramente, sinto que a atmosfera do grupo muda. Todos ligam um estado de mente preparado para ouvir mais do mesmo e sabem que vão se comunicar com alguém cuja capacidade de expressão é bastante mais precária que a comum ao grupo. Sigo ligado em Tomaz, curioso para saber o que vai fazer: "Diga Tomaz!". Ele diz: "Então, é que eu xingo as pessoas". Imediatamente uma das pacientes, enfastiada, sussurra: "Ihhh lá vai ele de novo".

"É que eu xingo as pessoas, bato nas pessoas, chuto as pessoas, cuspo nas pessoas" e, depois de um curto silêncio, "Sinto que sou uma pessoa má! Eu acho que sou mau!", diz com o dedo em riste, como se tivesse chegado a um bom *insight*. Este seu jeito de falar sobre o que acontece dentro de si sempre me pareceu curioso, uma vez que não tem qualquer compatibilidade com um pesar. Pelo contrário, Tomaz parece orgulhar-se do que faz, dá notícias para o grupo que está fazendo isso ali mesmo, naquele momento. "Você está fazendo isso agora, Tomaz?", e ele responde, sorrindo: "Tô!".

A solução que o grupo encontra é sempre a oferta de um teste de realidade, com uma prosódia caricaturalmente educativa, dizendo que claramente ele não está fazendo isso de

---

[14] Este fragmento foi retirado de um atendimento presencial em uma instituição. Os dados do caso foram ficcionalizados para preservar a privacidade e anonimato do paciente e do grupo em questão.

[15] Os textos iniciais de Bion constituem-se de seu trabalho com grupos e seu desenvolvimento teórico a partir destes. É possível observar, em seus trabalhos posteriores, evoluções do que apresenta inicialmente no compilado *Experiências com Grupos e outros trabalhos* (BION, 1961). Ali já havia o gérmen da teoria do pensar, sendo possível identificar o aprender com a experiência emocional e a busca pela verdade psíquica no conceito de "grupo de trabalho", como também já havia a concepção de evitação da experiência emocional e temor à verdade nos chamados "grupos de pressupostos básicos" (OGDEN, 2009, p. 96)

cuspir, chutar e xingar, que isso é na mente dele apenas. Esta prosódia educativa, aos meus ouvidos, gera certo incômodo, por dar-me conta de que as repetições de alguém podem tirar a espontaneidade do encontro e gerar conversas desinteressadas, quase como precisar responder só para não deixá-lo falando sozinho, como uma mãe que já ouviu a mesma coisa tantas vezes que perdeu a paciência mas insiste em manter-se disponível. Neste ponto, entendo que há um viés amoroso nestas falas, que há um esforço de evitar o desabafo de pura e simplesmente dizer, em voz alta, "Ihhh lá vai ele de novo". Tomaz até escuta o que o grupo tem a dizer, desde uma percepção de fora de seu corpo, também educadamente, mas sempre conclui o assunto dizendo "Mas pra mim é verdade!" e, assim, parece triunfar sobre toda a conversa do grupo.

Sempre escutei estas falas e fiz alusões à agressividade, a teorias sobre psicose, ao ódio remanescente de outras cenas. Os pacientes do grupo também comumente fazem alusões deste tipo, a partir de uma pressuposição teórica ou, simplesmente, da notícia de que ideias de cuspir, chutar e matar são falas de quem está com ódio. É comum que Tomaz entre neste tipo de convite hipotético, como por exemplo relatar que havia ido a uma loja de roupas e sentiu que a vendedora queria lhe obrigar a gastar seu dinheiro. Em outra ocasião, associa o incômodo a seu treinador que lhe demandou mais exercícios do que gostaria.

É possível, claro, que estas cenas tenham lhe causado ódio. É possível também que a vida gere, continuamente, ódio ao longo de sua rotina. Mas quando o escuto, neste grupo específico, não me parece que haja nada que lhe cause incômodo. Pelo contrário, fica especialmente nítido o quanto Tomaz conta a história com um tom de "eu tenho, vocês não têm", orgulhoso do que faz dentro de si, assegurando quantas vezes forem necessárias que para ele é verdade e que, portanto, ninguém tasca.

Neste grupo Tomaz chega a dizer, como em raras vezes o faz, que é filho do diabo. O grupo logo envereda por uma trilha de investigações acerca de sua família, de sua história, se ele gosta de seu pai e sua mãe para atribuir a eles tal apelido. Novamente, aparece, ao longo do grupo, uma alusão a pressupostos teóricos, aos quais os pacientes comumente aderem principalmente por já terem encontrado boas respostas nestas investigações: são, de fato, pacientes cujas famílias carregam histórias de sofrimento e passagens biográficas verdadeiramente diabólicas.

Em um determinado momento, Tomaz insiste – "É que eu cuspo nas pessoas", e enxuga um pingo de saliva que escorria pelo canto de seu lábio molhado, trêmulo e saliente. Fico espantado com o que me deparo: Tomaz cuspiu, ali, diante de todos. O grupo nada nota,

parece desistir de tal repetição. Imediatamente revejo suas falas: "Eu cuspo nas pessoas, eu chuto as pessoas... ". Lembro-me que ainda naquela semana uma terapeuta do hospital dia viera contar que Tomaz revelara que só usava calças, e que as escolhia largas, porque tinha a perna toda deformada. Havia sofrido, quando garoto, um acidente de carro que culminou em um rápido incêndio que tomou-lhe a perna, levando-o a uma cirurgia que recobriu sua perna de enxertos, uma colagem da qual ele mesmo se envergonha.

Noto, então, que há uma transformação expressa de suas fragilidades e vergonhas em um movimento de ódio, como se ele mesmo fosse essa ofensa permanente aos olhos dos outros. Noto que talvez cada pequeno e ínfimo movimento, que aos olhos do grupo eram naturalizados e pouco notados, para ele, internamente, eram safanões, chutes feios e cuspes de saliva.

Penso, também, que talvez ele precise falar sobre isso, da maneira repetida como o faz, justamente porque esta experiência o satura, de vergonha, incômodo, e então precisa dizer o que está fazendo ali, à frente de todos, que para ele é verdade.

2.3 Corte transversal: a estranha declaração de Bárbara

Em um determinado momento da sessão, sem qualquer preâmbulo, Bárbara diz no meio de assuntos cotidianos e um demasiado cansaço de seu trabalho: "Outro dia eu até pensei em parar a análise... pra ver se eu paro um pouco de pensar", e dá uma risada nervosa. Noto que Bárbara me disse algo bastante significativo, que pensava em interromper nossos encontros, e fez uma brincadeira séria logo a seguir para reduzir o impacto de sua própria fala.

Curiosamente, o que eu escuto, ao ouvir esta fala é: "Estou apaixonada por você... e quero parar de pensar nisso". Vejo que Bárbara tenta se declarar, ao mesmo tempo quer saber se eu tenho algo a dizer, como "não se vá, fique". Noto que, para ela, dizer isto foi coisa difícil, havia uma atmosfera de tensão em sua fala e uma camuflagem no meio de assuntos banais, como se quisesse que sua declaração passasse despercebida.

Bárbara vem à análise falar algumas de desilusões recentes em seu namoro. Em suas elaborações acerca de uma crise aberta, entende que uma das motivações para seu relacionamento, que já dura oito anos e com quem mora há quatro anos, era emancipar-se de seus pais. Uma série de conflitos entre a analisanda e seu namorado abriu uma longa crise de discussões, conflitos e má convivência. Desde então, vale-se deste evento para justificar uma dúvida insolúvel em sua mente, se deveria se separar e viver outras coisas (idealizações,

sonhos, novas paixões) ou se deveria seguir se relacionando com alguém que se mostra como um bom parceiro, ainda que sinta falta do sentimento de paixão. Com seu pai tinha – e ainda tem, por vezes – uma relação sufocante, de excesso de controles e demandas. Entendo que, em uma possível narrativa – de tantas –, Bárbara não separou de seu pai e não se juntou a seu namorado, de modo que uma paixão platônica poderia se configurar como uma das únicas saídas.

Soma-se a isto uma série de questões com sua pele, que a levaram a extensos tratamentos, com diagnósticos imprecisos e dúvidas médicas. Desde que conseguiu superar estas questões com tratamentos alternativos, parece desdenhar ainda mais de seu marido, em um movimento que implica em desqualificá-lo, já que não a acompanha em sua nova e vaidosa empreitada estética.

Meus encontros com Bárbara tem um ar constrangido, envergonhado. Por vezes me faz lembrar os quadrinhos do Chico Bento com a Rosinha, em que cada um ficava em uma ponta do tronco de uma árvore sem saber o que fazer. Nos encontros com Bárbara, a solução é falar, sobre qualquer coisa, o que lhe vem à mente – e isso seria associar livremente?

Enquanto Bárbara segue falando de assuntos cotidianos, insistindo na camuflagem de sua breve declaração de um desejo (de separação?), tenho a súbita impressão de que sua fala porta uma lógica que diz de como levara sua vida até então, de um desejo de interromper seus pensamentos por alguma via quase ilógica: separar e incorporar parecem duas maneiras concretas de lidar com pensamentos sobre o amor.

Bárbara, havia pouco, deu-se a liberdade de se declarar às avessas e, ao mesmo tempo, mostrar como falar de amor é algo delicado e cheio de censuras. Toda esta interpretação minha, que aqui partilho, se assim a falasse, explicitamente, soaria como um delírio psicanalítico ou a afugentaria como Rosinha diante da Mula sem Cabeça.

Encontro um momento em que posso dizer algo e, também, a única maneira de dizer a ela que existe algo de que se é inescapável, inseparável: "Olha, Bárbara, se você quer interromper a análise ou não, quanto a isso eu não tenho muito o que dizer, você faz o que quiser da sua vida e sabe disso. Agora, parar de pensar, isso você não vai conseguir, nem comigo, nem se separando de mim". Bárbara dá uma gargalhada e responde, com uma voz fina e chateada: "Pior que eu sei!".

3. Freud e Bion: modelos teórico-clínicos

As páginas deste capítulo serão ocupadas, primeiramente, por uma apresentação da atenção flutuante e as múltiplas interferências que a constituem, propondo-nos a esboçar um conjunto de determinantes que, de maneira intrincada, contribuíram para que a apreensão da realidade psíquica na clínica freudiana pudesse ser nomeada e sustentada enquanto um dos componentes do instrumental técnico. Ao longo desta apresentação, destacaremos as passagens nas quais é possível identificar pares antitéticos que geram tensões paradoxais.

A narrativa que encontramos para apresentar a escuta freudiana ao longo de sua própria obra indica uma possível leitura da técnica dentro dos escritos do próprio autor. O que se nota, no entanto, é que Freud, talvez intencionalmente, não enraíza a proposição da escuta em atenção flutuante em seu arcabouço teórico, ao menos não de maneira explícita e sistemática como o faz com elementos metapsicológicos, por exemplo. É deduzível que sua escuta tenha uma função de apreensão da realidade psíquica, dos processos inconscientes, de abertura às associações livres, mas não há passagens de grande esclarecimento teórico acerca da técnica.

Podemos inclusive conjecturar que Freud já conservava um cuidado com o que poderiam ser aproximações constritivas entre teoria e técnica, ou que caberia a cada psicanalista – como reassegura em passagens acerca do tema – encontrar uma expressão interna a aquilo que denominava como atentar flutuantemente, ou em termos bionianos, uma pré-concepção à espera de realização[16]. Deste modo, Freud deixou campo aberto para o projeto psicanalítico expandir seu solo teórico e cada clínica se expandir em solo autoral. Se buscarmos quais as explicações teóricas para a técnica psicanalítica em Freud, a melhor resposta talvez seja que a explicação seja o todo, o conjunto da obra.

Nesta perspectiva, em seguida apresentaremos a teoria do pensar de Bion, detendo-nos à ideia de construção e teorização acerca de um espaço psíquico, enfatizando elementos que entendemos apontar para a técnica psicanalítica, dando espaço para circunscrições e expansões de aspectos da atenção flutuante tal como apresentada em Freud.

---

[16] Pré-concepção surge na obra de Bion em *Second Thoughts* (BION, 1967a) e consiste em um anseio que demanda uma realização, análoga ao conceito de "pensamentos vazios" de Kant, um estado de expectativa, de conhecimento *a priori* ou disposição inata, como o bebê à espera de um seio que o alimente. Realização, por sua vez, consiste na concretização de uma pré-concepção. Estes termos derivam da geometria euclidiana, na qual a pré-concepção consiste na pressuposição de uma estrutura de espaço enquanto forma de realização, dando-lhe um sentido, dimensionando-o. Podemos aqui considerar a realidade psíquica, uma mente enquanto um espaço à espera de um pensador, à espera de uma atitude de atenção capaz de pensá-la, como a pré-concepção do analista em estado de atenção flutuante. (LÓPEZ CORVO, 2008, p. 173 e p. 290).

Por fim, apresentaremos um capítulo sobre o estado de mente "sem memória, sem desejo e sem necessidade de entendimento", considerando que é, na obra do autor, uma nova maneira de apresentar a escuta psicanalítica, dentro de seu estilo de pensamento.

3.1 A descoberta da técnica freudiana

Circunscrever o nascimento da técnica psicanalítica exige-nos debruçar sobre as origens e a história deste campo de conhecimento psicológico. Não se trata de um estado de mente criado por mérito do acaso ou do *insight* de um atendimento. A atenção flutuante, com enunciação concisa, é apresentada na obra freudiana sem rufar de tambores, e no entanto é resultado de décadas de vicissitudes biográficas, metodológicas, teóricas e técnicas. Um olhar acurado sobre a coleção de volumes oficiais da obra de Sigmund Freud, datados de 1886 a 1939, faz notar uma gradativa timidez[17] que o mérito da técnica ganha nas publicações.

É recomendável que as partes que compõem o todo sejam lidas sob a ressalva de que a teoria da técnica apresenta-se de maneira peculiar na obra freudiana. Enquanto a metapsicologia e outros temas foram progressivamente sistematizados, a questão da técnica encontra-se em textos fundamentais a ela dedicados e no entanto, para compreendê-la de maneira global, veremos que será necessário recolher uma série de pistas espalhadas pela obra do autor. É neste sentido que Gay (2012) considera que cada caso clínico apresentado por Freud consiste em um "curso condensado de técnica psicanalítica (GAY, 2012, p. 300). Nos deteremos neste item a recortes e trechos do autor que contribuem para a construção das múltiplas facetas que compõem a técnica psicanalítica e, mais especificamente, o estado de mente em atenção uniformemente flutuante. As páginas seguintes estão reservadas ao esforço de discriminar e pormenorizar os principais fatores que, direta ou indiretamente, contribuíram para o nascimento desta modalidade de técnica clínica.

Contextualizar o nascimento da técnica, cujo batismo se deu precisamente em junho de 1912, requer a observação tanto das publicações prévias, quanto das que a sucederam em curto prazo. Na segunda década do século vinte a psicanálise consagrou-se como um campo complexo resultante de longos anos de investimento e sustentação política por parte de seu criador e seu secto. Trata-se de uma década que engloba, inicialmente, os artigos sobre a

[17] Ao observarmos a quantidade de discussões sobre técnica no início das publicações psicanalíticas (a hipnose, o método da concentração, os tratamentos hidropáticos, os experimentos e evoluções das intervenções), temos claro que este assunto deu, progressivamente, lugar a publicações de outras naturezas dentro da obra freudiana. Phillips (2002) considera que parte desta progressiva "timidez" adviria da contradição entre o que Freud recomendava e as notícias que viriam de sua clínica.

técnica; em seguida, em 1914, apresenta um mergulho nas profundezas do narcisismo em virada teórica histórica, concomitantemente à publicação de *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (FREUD, 1914a) texto singular no qual encontramos a polifonia biográfica, teórica e política de Freud. Em menos de um ano surgem densos artigos metapsicológicos organizadores do pensamento teórico, dentre eles, *O Inconsciente*, texto fundamental para esta pesquisa (FREUD, 1915). Ao fim da década, Freud está devidamente imbuído de material para tecer as tramas da segunda tópica, tocado pelo assolamento da guerra e da melancolia para desvendar os mistérios da destrutividade.

Ao fim do recorte histórico aqui oferecido, surgem dois textos que exemplificam a riqueza e complexidade da psicanálise neste momento. Em 1919, no texto *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?*, Freud apresenta o tripé necessário à formação de qualquer psicanalista, constituído de análise pessoal, formação teórica e supervisão clínica (FREUD, 1919a). Já em 1923, em *Dois verbetes de enciclopédia*, Freud aponta o entrelaçamento necessário à construção do conhecimento psicanalítico: a psicanálise é método de investigação, técnica de tratamento e arcabouço teórico dentro da psicologia (FREUD, 1923). À moda da complexidade e da polifonia já apresentadas em outros trabalhos, Freud explicita nestes dois últimos textos de maneira esquemática o quanto um analista e um conceito nascem do resultado de uma multiplicidade (ou tridimensionalidade) de interferências.

É a partir deste referencial que olharemos para a modalidade técnica de atenção clínica em questão. Tomaremos como norteadores os textos em que a atenção flutuante se faz presente para, então, buscar as raízes dos componentes que explícita ou implicitamente podem ter contribuído para sua constituição e, mais especificamente, para a composição dos paradoxos que compõem a técnica psicanalítica.

A regra técnica referente à escuta surge nitidamente enunciada no texto *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (FREUD, 1912a) no qual, em tópicos, Freud enuncia diretrizes fundamentais para o trabalho analítico. Trata-se de um dos artigos sobre a técnica, conjunto de publicações dedicadas a esclarecer e organizar a transmissão dos aspectos técnicos do ofício psicanalítico. Neste texto Freud já de pronto indica que as regras apresentadas aplicam-se a sua individualidade, legando aos médicos e suas personalidades espaço para experimentarem outros formatos "ante os pacientes e a tarefa a ser cumprida" (FREUD, 1912a, p. 84). Logo no início do texto já há elementos caros a esta pesquisa. Freud associa a escolha da técnica à natureza de sua personalidade, supondo que outros modelos de trabalho possam surgir. Outro aspecto digno de destaque consiste na técnica implicar em uma

posição ante o paciente e ante uma tarefa a ser cumprida, oferecendo simultaneamente uma condição para que o analisando fale e uma condição para que o analista escute, dirigindo-se portanto a um trabalho mútuo, feito pelo par analítico.

Sem mais preâmbulos, segue o exato fragmento em que a atenção flutuante fora oficialmente enunciada. No primeiro tópico do texto Freud relata o espanto e curiosidade que a memória do psicanalista pode gerar em outras pessoas, ao suporem um tipo de "proeza mnemônica", dada sua capacidade de reter em memória "inúmeros nomes, datas, detalhes de lembranças, pensamentos espontâneos e produções patológicas" (FREUD, 1912a, p. 148). Que técnica seria possível para "dominar tão grande material"? Segue a primeira parte de sua resposta:

> Ela rejeita qualquer expediente, como veremos, mesmo o de tomar notas, e consiste apenas em não querer notar nada em especial, e oferecer a tudo o que se ouve a mesma "atenção flutuante", segundo a expressão que usei. Assim, evitamos uma fadiga da atenção, que certamente não poderíamos manter por muitas horas ao dia, e escapamos a um perigo que é inseparável do exercício da atenção proposital. Pois, ao intensificar deliberadamente a atenção, começamos também a selecionar em meio ao material que se apresenta; fixamos com particular agudeza um ponto, eliminando assim outro, e nessa escolha seguimos nossas expectativas ou inclinações. Justamente isso não podemos fazer; seguindo nossas expectativas, corremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos; seguindo nossas inclinações, com certeza falsearemos o que é possível perceber. Não devemos esquecer que em geral escutamos coisas cujo significado será conhecido apenas posteriormente. (FREUD, 1912a, p. 148-149)

Nota-se que Freud trata de múltiplos assuntos simultaneamente. Explicita o artifício para uma boa memória, parece sugerir uma técnica que previna o fastio resultante de um excesso de concentração e horas de trabalho consecutivas, mas o mais importante: apresenta nos meandros deste fragmento a modalidade de apreensão técnica psicanalítica, com longas raízes na complexidade e polifonia da estrutura de seu pensamento. Freud aponta neste parágrafo uma série de aspectos merecedores de aprofundamento, dentre eles: a espera para que os elementos surjam e ganhem sentido; o cuidado com não selecionar material e gerar uma apreensão parcial dos elementos clínicos; a evitação do enviesamento da atenção para inclinações e expectativas pessoais.

No que concerne aos paradoxos apresentados neste trecho, focos de nosso interesse, podemos identificar primeiramente uma posição que visa evitar a identificação de um material específico, tomado pelo foco da atenção, em detrimento da apreensão de uma totalidade. Estamos claramente no campo do *e* no lugar do *ou*, sobredeterminando apreensões que podem criar continuidades, contradições e rupturas.

Partindo deste olhar espectral maior, podemos elencar paradoxos mais específicos ou outras perspectivas acerca deste amplo olhar uniforme sobre os elementos. Neste trecho é possível identificar a proposta de sustentar aquilo que já se sabe e aquilo que ainda não em um mesmo nível de atenção, privilegiando um saber que não seja excludente ou uma tendência a abolir componentes que não integrem harmonicamente um determinado pensamento. Também podemos identificar, neste mesmo campo, um paradoxo temporal, no qual algo apreendido em um determinado momento pode ganhar sentido apenas em um momento futuro, deixando ideias pensadas em momentos diferentes sobre uma mesma superfície mental, alinhavando futuro e passado dentro de um mesmo campo paradoxal de ligações.

Freud segue sua apresentação da atenção flutuante um pouco adiante, no mesmo texto:

> Como se vê, o preceito de notar igualmente tudo é a necessária contrapartida à exigência de que o analisando relate tudo o que lhe ocorre, sem crítica ou seleção. Se o médico se comporta de outra maneira, desperdiça em boa parte o ganho que resulta da obediência à "regra fundamental da psicanálise" por parte do paciente. Para o médico, a regra pode ser formulada assim: manter toda influência consciente longe de sua capacidade de observação e entregar-se totalmente à sua "memória inconsciente", ou, expresso de maneira técnica: escutar e não se preocupar em notar alguma coisa. (FREUD, 1912a, p. 150)

A regra de escuta teria sua correspondente regra de fala dentro do encontro analítico, de modo que cada qual, na dupla de trabalho, deve dar vazão aos pensamentos sem selecioná-los ou suprimi-los. O analisando, nesta configuração, deve exprimir tudo que lhe vier à mente, sem selecionar o material, por mais que isto possa gerar estranheza, incômodo, vergonha, ou qualquer outro tipo de censura. Há, portanto, duas diretrizes (atenção flutuante e associação livre), cada qual para uma das partes do encontro analítico, mas ambas apontando para o esforço de colocar na mesma superfície de atenção (analista) ou atenção e expressão (analisando) o conjunto de associações que lhes ocorrer. "Escutar e não se preocupar em notar alguma coisa" dá à mente do psicanalista um lugar de nascedouro de paradoxos.

Este novo trecho dá prosseguimento e simultaneamente acrescenta novos elementos à apresentação do estado de mente freudiano. Biograficamente a associação livre tem nascimento impreciso, mas parece ter se constituído progressivamente entre 1892 e 1898 (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 38), época que abarca um campo teórico abrangente em diferentes publicações, dentre as quais podemos destacar *Comunicação Preliminar* (FREUD, 1893b) e *Psiconeuroses de Defesa* (FREUD, 1894) – constituindo os primeiros esboços metapsicológicos, de forte base nosográfica e psicodinâmica; *Projeto para uma*

psicologia científica (FREUD, 1895a) – teoria de base neurofisiológica do funcionamento psíquico publicada postumamente; e *Estudos sobre a histeria* (FREUD, 1895b) – construção teórica com consistente fundamentação clínica, incluindo extensos relatos de caso que esboçam a sutil transformação da técnica. Ainda que seja uma década que marca os textos pré-psicanalíticos, já se organizava expressiva densidade de articulações entre a teoria e a técnica.

Um elemento comum a todas estas publicações é a ideia de "associação". Encontramos na mesma época múltiplos esforços clínicos para desvelar: (a) as conexões perdidas que causavam os sintomas neuróticos, (b) a concepção de diferentes mecanismos de defesa diante de associações que gerariam desprazer ao aparelho psíquico (psiconeuroses de defesa e neuroses atuais), e (c) um esboço do aparelho neurológico que concebe a associação como uma circulação de energia no interior de um esquema neuronal, gerando sucessivas bifurcações.

A energia que corre pelos neurônios seguiria seu fluxo sináptico de acordo com as configurações protoplasmáticas dentro do aparelho neuronal, percorrendo caminhos de acordo com as barreiras de contato – sistema que leva em conta o registro mnêmico de acontecimentos anteriores para gerar "escolhas" psicofisiológicas de caminhos associativos. A modelação sucessiva do protoplasma neuronal, por conta da repetição de determinadas trilhas associativas, culmina na representação de uma memória, ao passo que outros caminhos de bifurcação tornam-se obstaculizados dadas as evitações de desprazer. Encontra-se aí a ideia de um aparelho capaz de antecipar os efeitos do pensar, ideia que se perpetuará e se fortalecerá metapsicologicamente na obra freudiana[18].

Freud era habilidoso em estabelecer aproximações entre a atmosfera etérea das ideias e o solo elétrico e enigmático das vias neuronais, de modo que estas conexões novas e inusitadas não eram tão facilmente assimiláveis por seus interlocutores. Se por um lado Freud encontrou em Fliess um fiel escudeiro para acompanhar e estimular seus novos pensamentos, há outros autores que detinham uma força de exclusão e discriminação de campos de produção de pensamento. Em 1920, Freud publica um curto texto, *Contribuição à pré-*

[18] Um exemplo do modelo de antecipação surge mais claramente na segunda teoria da angústia, apresentada por Freud em *Inibições, sintomas e angústia* (FREUD, 1926). Nesta teoria o ego é capaz de antecipar inconscientemente uma excitação que está para se repetir e então, caso haja perigo para o funcionamento mental, o ego dispara a angústia como sinal, gerando como resultado o recalque da ideia disparadora deste mecanismo.

história da técnica psicanalítica[19] (FREUD, 1920a), no qual transforma uma crítica excludente em elogio parcial, abrindo caminhos para novas associações e memórias.

Havelock Ellis apresentara em seu último livro a ideia de que a psicanálise deveria ser vista como realização artística no lugar de produção científica. Freud entende a asserção de Ellis como uma resistência à análise, mas também como lisonjeiro elogio, revelando sua identificação com a ciência e seu despudorado apreço pelas artes. Ellis identifica uma publicação de 1857, do Dr. J. J. Garth Wilkinson (médico com fama de poeta e místico), na qual propõe um método de fundamentação idêntico à associação livre, só que para fins religiosos e literários:

> 'Um tema é escolhido ou registrado no papel', afirma ele, 'e quando isso é feito, a primeira ideia que vem à mente (*impression upon the mind*), após a redação do título, é o começo da elaboração daquele tema, por mais estranha ou sem nexo que pareça a palavra ou a frase'. 'O primeiro movimento do espírito, a primeira palavra que surge, é consequência do esforço de imersão do tema dado'. Prossegue-se coerentemente com esse método, e Garth Wilkinson diz: 'Sempre constatei que isto leva ao íntimo da questão, como que por um instinto infalível'. (WILKINSON, 1857 *apud* FREUD, 1920a, p. 311)

Podemos reconhecer neste processo inspirador para Freud o valor das livres trilhas associativas, principalmente enquanto um modelo de apreensão dos pensamentos que derruba a pretensão da construção de um saber antes de uma comunicação. Aqui, pelo contrário, primeiramente são levantados os elementos que espontaneamente surgem à mente para, em uma condição de passividade, entregar-se à condução das palavras, dos pensamentos, chegando ao íntimo de questões que talvez sequer tenham sido devidamente delineadas.

O próprio termo, "atenção flutuante", carrega em si o paradoxo no qual é preciso simultaneamente atentar e distrair-se. Rodrigué (1995b), por exemplo, denomina a atenção flutuante de "atenção desatenta" (p. 237). Gay (2012), diante do mesmo tema, aponta na técnica de apreensão do inconsciente o cultivo de uma "passividade alerta" (p. 301).

Freud segue identificando momentos anteriores ao surgimento da psicanálise nos quais já encontra a regra fundamental da associação livre, tomando a crítica de Ellis como oportunidade para encontrar a postulação técnica em textos que precederam sua enunciação.

Trata-se de movimento similar ao que Thomas Ogden propõe em *What's true and whose idea was it* (OGDEN, 2003), artigo no qual sugere um descolamento entre os conceitos

[19] Interessante observarmos, a seguir, que Freud nos oferece enquanto pré-história da técnica elementos de natureza predominantemente biográfica, sem grandes contribuições epistemológicas, sem enraizamentos teóricos, quase como vicissitudes do passado que o conduziram a um estado de mente.

e suas autorias, apontando que uma vez apresentado um novo conceito, projeta-se uma luz inédita sobre as publicações anteriores, podendo encontrá-lo inclusive antes de seu nascimento formal[20]. É assim que Otto Rank encontrou nas correspondências entre Schiller e Körner a recomendação de considerar o pensamento espontâneo a quem quiser ser produtivo. É assim, também, que Freud encontra um vestígio biográfico apagado de suas trilhas mnemônicas. Ferenczi dá-lhe a notícia de ter ouvido de um colega em Budapeste que a associação livre encontrar-se-ia nas linhas escritas por Ludwig Börne, escritor político e satírico judeu-alemão, em 1823, no único livro de juventude que Freud ainda guardava, cometendo o lapso de memória ao esquecer o ensaio em questão. Neste, o admirado Börne sugere um método eficaz para tornar-se um bom escritor:

> Eis aqui o método prometido. Tomem algumas folhas de papel e escrevam por três dias, sem falsidade e hipocrisia, tudo o que lhes passar pela cabeça. Escrevam o que pensam de si mesmos, de suas mulheres, da guerra com os turcos, de Goethe, do processo Fonk, do Juízo Final, de seus superiores – e, após três dias, ficarão admirados com os pensamentos novos e inauditos que tiveram! Essa é a arte de se tornar um escritor original em três dias! (BÖRNE, 1862 *apud* FREUD, 1920a, p. 313)

Curiosamente os exemplos utilizados por Börne são corriqueiros na obra freudiana. Goethe lhe ofereceu importantes alegorias, "o que pensa de si mesmo" é elemento de anos de autoanálise partilhada com Fliess, "suas mulheres" circunscreve o vasto espectro de questões sobre a feminilidade, "seus superiores" estariam presentes tanto pela via do complexo de Édipo quanto pelos textos sociais de Freud, nos quais bem caberiam também os temas da guerra e da religião.

Três anos depois de responder a Ellis sobre os rumores históricos da livre associação e a validade científica da psicanálise, Freud (1923) publica a reescrita das consígnias técnicas em *Dois verbetes de enciclopédia*, artigo de reapresentação da psicanálise em sua mais atualizada complexidade. Ali Freud afirma sua crença no determinismo dos fatos mentais, relembrando Bernheim e seu abrandamento nas atitudes sugestivas frente à constatação de que as associações estariam ao alcance do paciente:

---

[20] No artigo, Ogden exemplifica esta trama anacrônica de articulação e autoria dos conceitos a partir da postulação das relações de objeto interno de Melanie Klein postuladas entre 1935-1940 e *Luto e Melancolia* de Freud (1917). Para Ogden, é possível ouvir a voz de Klein no texto freudiano, ainda que tenha sido publicado duas décadas antes da teoria kleiniana. O autor entende que Freud teria portanto escrito sobre relações de objeto interno apesar de não tê-las pensado. Este movimento aproxima-se sobremaneira da proposição de uma técnica atenta e flutuante em Freud, dado que elementos expressos podem ganhar sentido somente *a posteriori*, e por este motivo carecem de atenção uniformemente flutuante. Podemos, da mesma maneira, ver que Freud, nesta busca pela associação livre antes de seu nascimento, escrevia nas entrelinhas o que Ogden viria a pensar no artigo aqui citado.

> Observou posteriormente que a insistência era desnecessária e que ideias copiosas quase sempre surgiam na mente do paciente, mas eram retidas de serem comunicadas e, até mesmo, de se tornarem conscientes devido a certas objeções colocadas pelo paciente, à sua própria maneira. (FREUD, 1923, p. 255)

Em sequência, Freud elenca alguns motivos que poderiam impedir a liberdade de uma associação, como o fato de ser desagradável, parecer absurda, desimportante ou irrelevante para a investigação. Nestas ideias super ou subvalorizadas estariam alocadas as pistas para associações de maior relevância na descoberta do material esquecido.

O verbete seguinte dá sequência à técnica e contém título peculiar, se tomarmos como referência a crítica à psicanálise feita por Ellis citada há pouco: *A Psicanálise como Arte Interpretativa*. Neste tópico, Freud postula que a arte da interpretação psicanalítica se propõe a aprofundar a hipótese de Breuer de que os sintomas neuróticos eram:

> [...] substitutos significantes de outros atos mentais que foram omitidos. Tratava-se agora da questão de encarar o material produzido pelas associações do paciente como se insinuasse um significado oculto, e de descobrir, a partir dele, esse significado. A experiência logo mostrou que a atitude que o médico analítico podia mais vantajosamente adotar, era entregar-se à sua própria atividade mental inconsciente, num estado de *atenção imparcialmente suspensa*, a fim de evitar, tanto quanto possível, a reflexão e a construção de expectativas conscientes, não tentar fixar particularmente coisa alguma que ouvisse na memória e, por esses meios, apreender o curso do inconsciente do paciente com o seu próprio inconsciente. (FREUD, 1923, p. 256, grifo do autor).

Para além da expansão da enunciação da técnica, este trecho traz também um novo desdobramento. O encontro analítico se dá mediante dois esforços individuais, culminando em uma comunicação entre inconscientes, uma vez que os esforços técnicos de ambas as partes estão em trazer à superfície os elementos velados pelas defesas psíquicas. Trata-se, em outros termos, de engendrar um contato promovedor de associações entre dois inconscientes, com a ressalva de que este contato é feito primeiramente na mente do analista, uma vez que, pelos fundamentos técnicos, a ordem inicial deste contato normalmente consiste na escuta do analista e na fala do analisando. O inconsciente do analista é colocado como "órgão receptor" para o inconsciente do analisando, bem como "o receptor do telefone em relação ao microfone" (FREUD, 1912a, p. 156). A "arte interpretativa", a que Freud se refere, se prestaria a um segundo momento, no qual o analista comunica ao analisando o material oculto que conseguiu decifrar, etapa que não cabe a esta dissertação.

Colocar-se enquanto órgão receptor implica, neste fragmento de Freud, não fixar elementos na memória, de modo a manter uma fluida comunicação entre as associações e

conceder espaços para novos e inusitados pensamentos, mantendo-se nesta atitude de permitir que as ideias venham à mente sem controlá-las intencionalmente.

A concepção de uma comunicação entre inconscientes, já apresentada brevemente nos artigos metapsicológicos (FREUD, 1915), inaugura um problema de difícil esclarecimento dentro da própria teoria, uma vez que se propõe que parte da técnica envolva justamente os aspectos inacessíveis do psiquismo, um fenômeno constatado e, no entanto, carente de explanações mais rigorosas. Neste caso, vale lembrar Freud citando Hamlet: "existem mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia". Curiosamente este trecho é recorrido após Freud retificar que o relato de caso do Homem dos Lobos não é resultado de suas expectativas, e sim daquilo que lhe apareceu "como vivência independente". Encerra este parágrafo da seguinte maneira: "Quem fosse capaz de excluir ainda mais radicalmente as suas convicções prévias, poderia certamente descobrir mais coisas desse tipo" (FREUD, 1918, p. 20). Aos poucos a atenção flutuante se configura como um continente de paradoxos que, na condição analítica, confluem para o mesmo objetivo. A passividade alerta consiste em um estado permanente de indecidibilidade, colocando em suspensão elementos do passado, do presente e do futuro, deixando-os à deriva na mente, livres de convicções prévias que os formatem antecipadamente. Assim, o paradoxo temporal, o paradoxo entre passividade e atividade e o paradoxo de saber e não saber circunscrevem vértices de uma mesma atitude.

O analista deve abdicar de convicções, fazendo prevalecer a regra da abstinência. E no entanto, é importante que tenha um caminho de autoconhecimento, que tenha percorrido um percurso próprio de análise. Neste sentido, é impreterível incluir nos aspectos fundamentais para a composição da atenção flutuante a autoanálise de Freud, fato que permitiu ao criador da psicanálise reconhecer os espaços internos de sua mente e a natureza dos fenômenos que nela se manifestavam. Oriunda de um período de gestação da psicanálise – iniciada de acordo com Gay (2012) entre algum momento da metade dos anos de 1890 e mais investida após o falecimento do pai do autor em 1896, o processo de autoanálise se revela para Freud como um terreno fértil para a criação da própria psicanálise, valendo-se deste movimento reflexivo como elemento crucial na escuta psicanalítica. Aqui não nos deteremos ao conteúdo deste processo, esmiuçado por biógrafos, em especial por Didier Anzieu em *A Autoanálise de Freud* (ANZIEU, 1989).

Cabe aqui reconhecer que o uso de seu próprio material onírico, de suas próprias reminiscências e associações se revela como um primeiro modelo prototípico de análise, no qual Freud descobre suas próprias resistências e cria em Wilhelm Fliess um

interlocutor/analista, com quem se correspondeu ao longo de anos sob a garantia do sigilo necessário para revelar aspectos obscuros de sua intimidade. Neste árduo e longo trabalho, é notória a capacidade de introspecção e auto-observação de Freud, cruciais, desde aí, para a escuta de qualquer analisando.

> O método que Freud empregava em sua autoanálise era o da associação livre, e o principal material em que se baseava era oferecido pelos sonhos. É claro que não se restringia aos sonhos; também reunia as lembranças, os lapsos orais ou escritos, o esquecimento de versos ou nomes dos pacientes, e permitia que essas pistas o levassem de ideia a ideia, através do "costumeiro desvio" da associação livre. (GAY, 2012, p. 113)

Fica nítido que a associação livre aqui tem uma qualidade equivalente à atenção flutuante. O desvio livre das associações ou a flutuação uniforme da atenção são equivalentes no exercício de dar margem para que os elementos inconscientes emerjam à superfície de alcance da consciência[21]. Freud exercitava, de maneira inaugural, os dois polos do par analítico. Ao longo da obra, manteve a insistente contradição de apontar que a verdadeira autoanálise não existe, pois é preciso uma alteridade para identificar aquilo que é intangível à própria percepção, mas reiterou por vezes a necessidade deste movimento reflexivo no trabalho psicanalítico.

Um fenômeno clínico que chamou a atenção de Freud desde o princípio de sua clínica – e que eleva a autoanálise ao protagonismo – é a contratransferência. Ainda que este recorte da realidade tenha sido apreendido no início de sua clínica, Freud trouxe-o à tona apenas em seus artigos técnicos, após longa troca de cartas com Ferenczi a respeito do tema. Freud já se queixava para Fliess a respeito do sono que sentia nas análises vespertinas em 1898 e da tortura que sentia diante de seus pacientes em 1900 (RODRIGUÉ, 1995a). Enquanto se autoanalisava nas interlocuções com Fliess, reconhecia em si experiências sensórias durante os atendimentos, tomando-as como indícios de resistências interiores.

Inclusive em sua autoanálise notamos que Freud se intrigava pelos fenômenos emocionais que extrapolavam a continência da escuta e da fala, revelando para Fliess um campo de sensações expressas com grande honestidade. Freud confessava em 1897 que algo

---

[21] Phillips (2002) aponta que Freud tenta buscar, através da técnica, um modo de estar diante de alguém que pudesse simultaneamente libertar o paciente e o próprio analista, de modo que se possa sentir, pensar e falar livremente. Para o autor, Freud interessava-se em saber "que tipo de liberdade o analista precisa encontrar em si para conceder liberdade à fala do paciente" (p. 13, tradução nossa). Desta maneira, Phillips propõe o conceito de "flutuação livre", tanto no exercício da associação do analisando quanto da atenção do analista. Este alinhamento é colocado pelo próprio comentador como uma tarefa limitada, dado que a "ideia de técnica consiste em alguém saber o que está fazendo" (p. 15), contradizendo justamente a concepção freudiana de que onde o ego progride, o inconsciente recua.

fermentava e fervilhava em si, que algo acontecia e não sabia ao certo o que era, inquieto com um aspecto emocional inapreensível que operava como resistência. Comunica Fliess, notificando-lhe que algo da mesma natureza poderia lhe ocorrer também: "Algo proveniente das mais profundas profundezas de minha neurose insurgiu-se contra qualquer avanço na minha compreensão das neuroses, e você, de algum modo, esteve envolvido nisso" (FREUD, 1897, p. 348). Finalmente, consegue nomear seu estado emocional como "paralisia temporária", e queixa-se de oscilações de humor. Em pouco mais de uma década, a concepção de contratransferência estará devidamente incorporada à obra:

> Agora que um considerável número de pessoas está praticando a psicanálise e, reciprocamente, trocando observações, notamos que nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas, e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma autoanálise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes. (FREUD, 1910a, p. 130)

À medida que a observação dos fenômenos analíticos se amplia, a técnica extrapola o campo da fala e da escuta, ampliando as margens da atenção flutuante para um vasto campo de apreensões. A psicanálise deixa de ser uma decifração dos processos inconscientes desde a fala até a escuta e converte-se em "uma relação inter-humana com todos os avatares imaginários possíveis" (MIJOLLA, 1987 *apud* RODRIGUÉ, 1995, p. 236). A presença da contratransferência no campo da atenção flutuante apenas lhe compete uma capacidade ainda maior de conter paradoxos, desta vez no sentido de implicar em seu espectro de apreensão travessias emocionais indeterminadas em sua origem. Neste sentido, a atenção flutuante alcança o patamar de uma técnica de apreensão dos rumores inconscientes do par analítico.

Neste momento da autoanálise de Freud, depois de um longo tempo de carreira, se conjugam alguns elementos valiosos que vinham se esboçando ao longo de sua vida até então. Guardaram-se importantes associações que Freud, pouco depois, dera cabo de transformar em Psicanálise, incorporando seu conhecimento neurológico, clínico e teórico a um novo saber. Serão apresentadas algumas passagens que farão aceno aos capítulos subsequentes.

Em 1892, Freud escreve o artigo *Um caso de cura pelo hipnotismo*, no qual apontaremos apenas uma importante digressão acerca da concepção dos elementos antitéticos em sua apreensão clínica. Freud diferencia "intenções" de "expectativas" enquanto dois tipos distintos de ideias, atribuindo às primeiras a predominância da importância pelo resultado, e às segundas o grau de incerteza inerente a esta expectativa. Freud segue:

> A incerteza subjetiva, a contra-expectativa como tal, está representada por um conjunto de ideias ao qual darei o nome de 'ideias antitéticas aflitivas'.

> No caso de uma intenção, essas ideias antitéticas se passam assim: 'Não vou conseguir executar minha intenção, porque isto ou aquilo é demasiado difícil para mim, e eu sou incapaz de fazê-lo; sei, também, que algumas outras pessoas igualmente fracassaram em situação semelhante. 'O outro caso, o de uma expectativa, não precisa de comentário: a contra-expectativa consiste em enumerar todas as coisas que talvez possam acontecer-me, diferentes da que eu desejo. (FREUD, 1892, p. 176)

Complementa Jones (1989): "Característica da histeria é a ausência de consciência da oposição, mas a pessoa encontra sua vontade absolutamente freada, como no caso presente, por alguma perturbação corporal produzida pelas ideias antitéticas" (p. 247). Fato é que o surgimento espontâneo da antítese e seus desdobramentos de elaboração e adoecimento estarão presentes nos próximos anos da obra Freud.

Em *Estudos sobre a Histeria* (FREUD, 1895b), Breuer já havia observado que "a concepção da energia do sistema nervoso central como quantidade distribuída pelo cérebro de maneira modificável e flutuante não tem nada de nova", citando o físico francês Georges Cabanis. Flutuariam nas tramas neurológicas as ideias antitéticas?

Freud escreve o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895a) inspirado pelo projeto newtoniano em múltiplas camadas: ao mesmo tempo em que busca um esforço de encontrar as leis do movimento do funcionamento mental, busca também verificação científica e assume suas limitações acerca do até então inconstatável (GAY, 2012, p. 96). Em seu primeiro capítulo do Projeto, Freud apresenta um importante conceito: as "barreiras de contato".

Estas barreiras constituem um conceito importante para Freud, dado que explica a "memória", fato que considera carecer de ser explicado por qualquer teoria psicológica. As barreiras de contato seriam compostas por duas classes distintas de neurônios: uma primeira classe permite que as ideias passem de maneira indiferenciada, de modo que após a descarga de excitação, estes conservam seu estado original; a segunda classe seria composta de neurônios que se diferenciam, de modo que só permitem a passagem da excitação parcialmente, ou com dificuldade. Estes, da segunda classe, denominados Ψ, são capazes de se diferenciar diante da passagem da excitação, não retornam ao estado anterior, reservam a memória da descarga.

Haveria então neurônios permeáveis, destinados à percepção, e outros impermeáveis, alterados pelos estímulos, como redes capazes de reter alguns peixes. De acordo com Freud a memória se constrói justamente na "diferença de facilitação entre os neurônios" (FREUD, 1895a, p. 401), ou seja, que é este relevo de registros que resulta em uma experiência

mnêmica. A composição neurológica da barreira de contato resulta em uma trama protoplasmática de diferenciações e indiferenciações, permitindo o registro das experiências.

Sobrepondo-se ao esquema neurológico apresentado, do qual destacamos especialmente o conceito de barreira de contato, Freud apresenta os componentes psicopatológicos que se articulam com seu modelo neurofisiológico. Freud apresentará uma relação lógica dentro do campo da memória, pela via associativa, denominando de *Proton Pseudos Histérica* o motivo do início do sofrimento histérico. "*Proton pseudos",* a "primeira mentira" em grego, é uma expressão dos *Primeiros Analíticos* de Aristóteles e está diretamente associada à teoria do silogismo, um modelo de lógica que implica deslizamentos que buscam a verdade (se A=B e B=C, A=C). No capítulo em que Aristóteles trata da *Proton Pseudos* o que está em pauta são as falsas premissas que resultam falsas conclusões, ou seja, de que "uma declaração falsa é o resultado de uma falsidade anterior" (FREUD, 1895a, p. 464).

Pela via do silogismo, então, só que em sua qualidade negativa de condução ao engano, as memórias da histeria se correlacionam, encobrindo uma cena inicial verdadeira mas intolerável, que manteria uma série subsequente de falsas continuidades, obliterando o sentido inicial gerador de sofrimento. É o princípio da ideia de que na histeria sofre-se de reminiscências.

Freud apresenta o caso Emma para demonstrar como duas espécies de processos de neurônios Ψ se entrelaçam, de modo que uma lembrança aos doze anos que Emma considera ser a origem de sua fobia em entrar sozinha em lojas, encobre na realidade outra cena, aos oito anos, na qual fora abusada pelo dono de uma confeitaria. Esta sobreposição de cenas é apresentada por Freud graficamente, esboçando trilhas de conexão entre as ideias e a condição tópica delas, de modo a representar o que Emma era capaz de acessar e o que estava encoberto pela condição do recalque. Aqui Freud ainda não havia teorizado a respeito da sexualidade infantil, mas já tinha um esboço prévio de uma série de conceitos que se mantiveram ao longo de sua obra, apresentados de maneira mais psicanalítica em *Psiconeuroses de defesa* (FREUD, 1894) por exemplo.

Ao iluminar sua própria história ao longo de sua autoanálise com seus primeiros *insights* a respeito da condição de sobreposição de memórias, Freud encontra na ideia de "lembranças encobridoras" uma maneira narrativa de descrever este trânsito lógico pelas imagens mnêmicas, demonstrando a anacronia inerente a um funcionamento neurológico que não pressupõe a lógica de tempo da consciência.

O tema é trabalhado em dois textos, *Lembranças encobridoras* de 1899 e *Lembranças da infância e lembranças encobridoras*, capítulo integrante de *Psicopatologia da vida cotidiana* (FREUD, 1901). Ambos textos apresentam a qualidade encobridora que uma lembrança pode ter, colocando sob suspeita a potencial ilusão de finitude criada por uma memória, uma armadilha capaz de gerar a falsa sensação de que "o cerne da questão" foi encontrado.

O primeiro artigo, de 1899, fica encoberto ao longo de suas subsequentes publicações pelo segundo, curiosamente. A obra imita a vida psíquica: no primeiro texto Freud apresenta um amigo de quem havia tratado que era, nada mais nada menos, que ele mesmo. O conteúdo demasiadamente biográfico parece ter inibido Freud de dar o devido valor a este texto, que revela em muitas camadas elementos importantes de sua vida e o mecanismo do encobrimento das lembranças em sua mais absoluta franqueza[22].

Há quatro sutilezas que gostaríamos de pontuar neste texto. A primeira, que Freud conta o quanto a sensação de encobrimento lhe desperta atenção. Na lembrança de infância, a cor amarela das flores e o gosto do pão despertam-lhe uma sensação que qualifica como alucinatória (FREUD, 1899, p. 343), indicando que estas memórias encontram-se em um relevo predominantemente sensorial e, portanto, devem transportá-lo para outros significados ocultos. Há algo parecido com esta experiência no que Freud vai denominar, mais adiante, como *O Inquietante* (FREUD, 1919b), também conhecido como o estranho-familiar, texto carregado de elementos antitéticos, ao qual daremos menor atenção dada a densidade de conceitos sobre a teoria da castração apresentados no texto.

A segunda sutileza, é o fato de que neste texto Freud descreve um caso em que a memória encobridora vem antes dos fatos encobertos. Trocando em miúdos, é uma memória que encobre cenas futuras. O aparelho psíquico faz uso de seu potencial de deslocamento pelo tempo para colocar uma memória de infância à frente de outros elementos que possam ser de custoso reconhecimento para o ego. Assim, o vestido *amarelo* da moça por quem Freud se enamorou na adolescência e as flores *amarelas* que vira tempos depois em um passeio desolado pelas montanhas são transportados para o amarelo das flores de sua lembrança de infância. Essa qualidade de deslocamentos temporais será atribuída a uma das capacidades de deslocamento onírico, de modo a inverter o tempo das experiências, de modo a torná-las enigmáticas.

---

[22] Talvez este seja um momento da obra de Freud que possa ter inspirado Bion a escrever sua trilogia, *Um Memorial do Futuro* (BION, 1975a, 1977b, 1979). Aqui há tanto uma multiplicidade de personagens em diálogo anacrônico, quanto a inversão das temporalidades, como veremos adiante.

A terceira sutileza, de que Freud recorre à pesquisa do casal Henri (FREUD, 1899, p. 337), para expor a diferença que pode ser notada sobre quando surge a primeira lembrança de infância de cada pessoa. Algumas pessoas consideram que suas primeiras lembranças derivariam de um tempo antes de seu primeiro ano de idade, ao passo que outras encontram suas primeiras memórias mais próximas a seus dez anos. A diferença remete a algo como "quando cada pessoa se entende por gente", ou seja, de onde vem os primeiros registros de memória.

Por fim, a última sutileza: Freud aponta, no texto de 1901, que há uma prova cabal de que as memórias são transformadas ao longo do tempo. Para muitas pessoas, suas memórias de infância vem à mente como se estivessem se vendo em terceira pessoa, ou seja, é uma prova explícita de que há um autor observando a cena que foi, evidentemente, transformada, distanciando-se da experiência original, em primeira pessoa.

O encobrimento das memórias se daria por conta de elementos custosos que carecem de ser encobertos, de modo que a memória principal fica eclipsada e o que se iluminam são memórias colaterais que carregam, silenciosamente, a memória original, em uma atitude paradoxal de substituir e manter a memória, simultaneamente.

> Nos anos que se seguiram, Freud estabeleceria insofismavelmente que a incoerência é o quinhão inelutável, ainda que não desejável, do homem. Ele gostava de citar um verso de um dos seus autores preferidos, o poeta suíço Conrad Ferdinand Meyer, sobre "o homem com todas as suas contradições". [...] Alguns dos seus primeiros pacientes haviam lhe ensinado que os seres humanos podem saber e não saber ao mesmo tempo, entender intelectualmente o que emocionalmente se recusam a aceitar. (GAY, 2012, p. 102)

Ao longo do trabalho recorreremos a outros trechos pertinentes da obra de Freud, mas neste momento entendemos que é interessante apresentar algumas características da obra de Bion que dialogam amplamente com os elementos apresentados até aqui. A proximidade entre os textos pode gerar uma inquietante sensação de continuidade e descontinuidade entre as obras, fato que nos parece inevitável e, por vezes, intencional, ao longo da escrita.

3.2 A teoria do pensar de Bion

Podemos observar agora, a partir da construção teórica de Bion, como se recolocam, em outro arcabouço, os espaços psíquicos mapeados por Freud, sondados pela atenção flutuante. Bion, em *Second Thoughts*, percorre um caminho que guarda semelhanças com a ideia de Freud de, a partir dos processos de sofrimento, apreender o funcionamento psíquico.

Em seu próprio estilo, imbuído do pensamento kleiniano, apresenta um compilado de textos estruturais em sua obra acerca da parte psicótica da personalidade – e de uma série de conceitos que serão, aos poucos, evocados ao longo deste trabalho. Por fim, endereça o leitor à sua teoria do pensar.

Logo no início do texto *Teoria do pensar* (BION, 1962a), que inaugura um primeiro esboço de sistematização de seu futuro projeto epistemológico acerca do funcionamento mental, Bion atesta que o processo do pensar depende de dois desenvolvimentos, fundamentalmente: o pensar e os pensamentos. Trata-se de um movimento de interação entre duas partes, consistindo na criação de uma espacialidade: é preciso conceber um processo pelo qual os pensamentos possam passar para serem pensados.

Orientado pelos paradigmas de Freud e Klein, Bion associa a constituição desta espacialidade como resultado da tolerância à frustração. A falta do seio da mãe, o não-seio, pode se converter na mente do bebê em espaço para o pensar, um aparelho, ainda primitivo, capaz de superar o "abismo da frustração":

> [...] superar o abismo de frustração entre o momento em que se sente uma necessidade e o momento em que a ação apropriada para satisfazer a necessidade culmina em sua satisfação. A capacidade de tolerar a frustração permite assim que o psiquismo desenvolva o pensamento como um meio em que a frustração que é tolerada se torna por si só mais tolerável. (BION, 1962, p. 155, tradução nossa)

Quando a pré-concepção[23] do seio não culmina em uma realização de encontro do seio, ou seja, quando a expectativa do seio é frustrada, dois fenômenos psíquicos distintos podem resultar deste evento. Uma das possibilidades deste processo é a evacuação desta experiência, ao invés de sua assimilação, resultando em uma ausência de espaço interno, uma hipertrofia das identificações projetivas e, consequentemente, um aparelho que livra a psique dos acréscimos de estímulos. A realização negativa – ausência do seio – culmina, nesta possibilidade, em intolerância à frustração, resultando em ataques destrutivos.

Bion já apresentara no mesmo livro, no texto anterior, *Ataques ao elo de ligação* (1959a), a qualidade e especificidade destes ataques. A parte psicótica, caracterizada pela intolerância à frustração, reativa às dolorosas notícias do princípio de realidade, rompe as qualidades de ligação dos processos do pensar. Os ataques sádicos ao seio da mãe, na fantasia do bebê, são prototípicos e podem se converter em ataques a quaisquer objetos que sirvam de elo de ligação, quer sejam relações interpessoais, diálogos, percepções, pensamentos, ideias,

[23] Conceito apresentado na pág. 52.

palavras, recorrendo à identificação projetiva para expulsar do metabolismo mental as partes consideradas intoleráveis. O ataque aos elos de ligação garante, assim, uma relação de parcialidade tanto do sujeito com os objetos, quanto – e em decorrência – do sujeito em relação a si mesmo, já que há rupturas entre ideias, memórias, experiências, pedaços da mente de modo geral. O que é atacado, portanto, é a própria capacidade de perceber e manter contato com a realidade. Trata-se de um ataque ao aparelho de pensar, uma fragmentação da capacidade de contato com a realidade.

Associado a esta dimensão teórica acerca de alguns fenômenos mentais se sobrepõe um entendimento de Bion acerca dos elementos matemáticos e sua relação com o funcionamento mental, de modo que possamos construir a ideia de um espaço interno a partir de princípios da geometria. Assim, linhas, pontos, círculos, os elementos matemáticos capazes de traduzir as ligações – e que estruturarão simbolicamente o funcionamento mental – darão lugar, futuramente, à complexidade das relações no campo da linguagem. Dentre os inúmeros motivos biográficos, podemos dizer que Bion interessou-se pelo campo da matemática fundamentalmente para aproximar-se das abstrações puras, considerando que os processos de construção de pensamento se dão dentro do aparelho do pensar e que, portanto, recorrer aos objetos matemáticos ampliaria a capacidade intuitiva, já que o processo do pensar deriva primitivamente de um arranjo de elementos, não de conceitos.

Se houver intolerância à frustração, a pré-concepção e a realização da falta do seio formam concepções matemáticas próximas a condição de coisa-em-si, sendo "evacuadas em alta velocidade como mísseis para aniquilar o espaço" (BION, 1959a, p. 156). A ideia de "aniquilar o espaço" porta justamente o sentido de um colapso da experiência de espacialidade e temporalidade, abortando a realização mental da experiência, impedindo a construção de concepções e, portanto, precarizando o mundo simbólico. Como rompem-se ligações, como não se constroem concepções mentais de uma experiência, como não há a estruturação interior de uma dimensão espaço-temporal, resta ao sujeito uma região de apreensão confusa, sem dualidades definidas, sem dentro e fora, sem interior e exterior, em uma continuidade indiferenciada entre sujeito e objeto.

Temos outra possibilidade: de que o bebê, diante da falta do seio, encontre capacidade para tolerá-la. Neste caso, a pré-concepção do seio culmina na tolerância à realização negativa – a frustração, dando lugar ao processo do pensar, ou seja, à capacidade de suportar a experiência da falta e simbolizá-la. Se há tolerância à frustração, esta se dá justamente pela formação de concepções a partir dos elementos matemáticos. Podemos entender, em outros

termos, que as relações de linguagem contém, em sua estrutura primordial, a realização de relação entre dualidades, entre "seio e bebê, dois olhos, dois pés e assim por diante" (BION, 1962a p. 155, tradução nossa).

Até aqui, notamos dois funcionamentos mentais distintos que podem facilmente ser observados nas lâminas clínicas há pouco apresentadas. Diante de Bárbara, coloca-se a questão sobre o que ela haveria pensado e o analista teria ouvido; coloca-se no caso, igualmente, a dúvida sobre o próprio pensamento, entre o descabido de falar ou calar diante da experiência vivida. No caso de Tomaz, igualmente, parece haver na mente do analista uma experiência nítida de diferenciação em relação à percepção de outros integrantes do grupo, bem como da própria fala de Tomaz. O próprio paciente, em contrapartida, demonstra certa soberania de sua experiência em relação às percepções compartilhadas: "Mas para mim é verdade" coloca em cena, justamente, a ruptura com a possibilidade de dualidade aberta pelo grupo.

A concepção de dualidades opera, inclusive, no interior de sua obra, ao longo da construção da teoria do pensar. Bion identifica simetrias entre a relação que se estabelece entre matemática aplicada e matemática pura, e a relação que podemos observar entre os fatos de uma análise e o sistema teórico que a corresponde.

Aqui se inaugura um projeto no qual Bion assume uma distância entre o que se vive em uma experiência e o processo de pensar o vivido, uma outra maneira de se referir ao pensamento enquanto fenômeno distinto do processo de pensar. O texto de Bion passa a operar tanto como um pensamento crítico a respeito da teoria e da prática psicanalítica, como também convoca os psicanalistas a observarem seus próprios processos de pensar ao longo das sessões. No abismo que se forma entre teoria pura e teoria aplicada, Bion procura encontrar recursos que o permitam articular dinamicamente o pensar psicanalítico e a experiência clínica, evitando-se a produção de um pensamento que ilusoriamente se coloque como saturado, finito e irreversível, inibindo o largo espectro de possibilidades de apreensão dos fenômenos que se dão na sala de análise.

Em seu primeiro livro da fase epistemológica, *Aprendendo com a Experiência* (BION, 1962b), o autor pormenoriza sua teoria do pensar, valendo-se da teoria matemática das funções como uma maneira de apresentar um modelo epistemológico do funcionamento mental, no qual experiências precisam ser assimiladas pelo aparelho de pensar. Trata-se da transformação de elementos brutos, próximos à coisa-em-si de Kant, em elementos pensáveis, transformados em "impressões visuais, auditivas e olfativas, que são armazenáveis na

memória, utilizáveis no sonho e no pensar inconsciente de vigília" (SYMINGTON; SYMINGTON, 1999, p.83, tradução nossa).

Ao passo que Freud entende que os processos oníricos seriam uma distorção, uma mensagem cifrada, cujo objetivo seria dificultar o processo de compreensão do funcionamento inconsciente, Bion os entende como uma natureza de assimilação das experiências em uma primeira esfera imagética. Artifícios da defesa em Freud, a condensação e deslocamento imaginarizados nos sonhos são, em Bion, a prova de que há uma função capaz de produzir imagens visuais a partir das experiências sensoriais, quer sejam de fontes externas ou internas. Aos elementos brutos, fenômenos não-pessoais, inanimados, impressões sensoriais que não podem ainda ser representadas psiquicamente, dá-se o nome de "elementos β". Aos elementos resultantes deste processo, com a possibilidade de mentalização, dá-se o nome de "elementos α". As evoluções dos elementos α dão origem a imagens oníricas produzidas em sono ou vigília, abstrações mentais, experiências subjetiva. À função, capaz de transformar uma experiência emocional em um elemento mental, dá-se o nome de "função α".

A tolerância ou intolerância à frustração enquadram-se neste modelo: quando falha a função α, quando a falta do seio não se converte em uma realização da falta, ao invés de se configurar o início de um processo de simbolização, inaugura-se um universo de clivagens e consequente persecutoriedade. As partes evacuadas, clivadas, retornam de maneira ameaçadora para uma mente incapaz de elaborar esta experiência. Ao invés de se constituir um espaço interno (um abismo onde cabe a falta, nasce o pensamento e surge capacidade de ligação), inaugura-se uma experiência de não dualidade, de continuidade indiscriminada, caótica e catastrófica, resultando, nestes eventos, um funcionamento psicótico.

Se há prevalência da função α, este processo repetido de realizações culmina na estruturação de espaços mentais. As impressões de experiência armazenam-se e passam a servir ao funcionamento mental, ao passo que os elementos α constroem um campo de ligações, associações, formando o que Bion denomina, inspirado pelo texto de 1895 de Freud, *Projeto para uma Psicologia Científica* (FREUD, 1895a), de "barreira de contato". A barreira de contato é, na obra de Bion, constituída enquanto uma membrana formada por elementos α, criando uma fronteira entre terrenos, a consciência e a inconsciência. Com qualidade alfandegária, a barreira de contato permite tanto a diferenciação de terrenos internos, quanto um trânsito seletivo e dinâmico entre ambos, ganhando a cada nova experiência maior complexidade.

> A natureza da barreira de contato dependerá da natureza do fornecimento de elementos-alfa e da forma de relacionamento entre eles. Eles podem

> coexistir. Eles podem ser aglomerados. Eles podem ser ordenados sequencialmente para dar a aparência de narrativa (pelo menos na forma em que a barreira de contato pode se revelar em um sonho). Eles podem ser ordenados *logicamente*. Podem ser ordenados *geometricamente*. (BION, 1962b, p. 285, tradução nossa, grifo nosso)

Aqui podemos, por um instante, interromper a construção dos alicerces que nos nortearão para analisar o material do qual estes vão se constituindo. É este material que, fundamentalmente, nos interessa nas próximas páginas. Bion remonta ao conceito de barreira de contato, algo que constrói e está na fronteira entre consciência e inconsciência, por onde passam elementos que resistem a estabelecer ligações diretas. Mais ainda, Bion se vale de um conceito que faz fronteira, também, com a neurofisiologia de Freud, estabelecendo uma proximidade turva entre abstrações e funcionamento neurológico.

Há, nesta fronteira entre terrenos e paradigmas, tanto uma condição para as associações lógicas entre os elementos α quanto para a disposição geométrica destes. É possível inferir que há uma organização narrativa, pela via de um sentido, e uma disposição abstrata, circunscrita a um espaço mental. A lógica pressupõe uma concatenação formal associativa e a geometria pressupõe um espaço onde abstrações buscarão realizações. Organização e disposição, duas ideias que sugerem um espaço, ou seja, o lugar interno criado pela ausência do seio. Considerando que tolerar paradoxos significa tolerar a natureza antitética dos pensamentos, estaríamos às voltas com o espaço onde este trabalho pode ser viabilizado ou obstruído?

Deixemos esta pergunta em suspenso e retomemos o campo das divisões que favorecem o pensar. Notamos até aqui que, se falha a função α, criam-se catástrofes internas, confusões e indiscriminações, conexões caóticas entre ideias e uma ausência de relevos psíquicos. Se vinga a função α, surgem relevos, territórios, trânsitos internos. A falta de espaços estabelecidos dá lugar a uma dinâmica e a uma autonomia dos processos inconscientes, que ficam fora do acesso de uma apreensão atenta e objetiva.

Este espaço interno, fora do campo da intencionalidade consciente, garante uma contínua capacidade de abstração para o desenvolvimento do pensar, uma trilha paralela à vigília e ao sono capaz de digerir novos estímulos sensoriais. É graças a este processo que se pode viver as experiências de acordar e dormir, tendo garantida uma via oculta, a função α, capaz de assimilar novos estímulos e transformá-los em imagens, devaneios, pensamentos.

A *reverie* surge como conceito importante na construção da função α por uma via intersubjetiva. Conceito pouco utilizado por Bion, mas de grande valia para seguirmos nossa

compreensão acerca da teoria do pensar. O protótipo da função α, antes que se estabeleça autonomamente como um mecanismo de gerar abstrações, é a capacidade materna de metabolizar os fenômenos emocionais primitivos do bebê. Bion encontra neste modelo de relação uma simetria com a qualidade metabólica da mente do analista, receptiva aos elementos inassimiláveis pela mente do analisando, construindo-se um par capaz de processar os elementos β.

Bion descreve o estado de *reverie* enquanto capacidade da mente em se colocar como função α em um par, com grande amplitude de receptividade, levando em consideração o conceito de identificação projetiva, de Melanie Klein, que consiste em uma defesa ligada aos temores infantis, na qual o bebê projeta os sentimentos maus dentro do seio bom da mãe, que torna-se um modelo prototípico de receptação dos elementos indigestos do processo de simbolização do bebê. Nas palavras de Bion:

> O termo *reverie* pode ser aplicado a quase qualquer conteúdo. Desejo reservá-lo apenas para os conteúdos que são inundados por amor ou ódio. Tomando-a neste sentido restrito, *reverie* é aquele estado de espírito aberto à recepção de quaisquer "objetos" do objeto amado e, portanto, é capaz de receber as identificações projetivas do bebê, sejam elas sentidas pelo bebê como boas ou más. Em suma, a *reverie* é um fator da função-alfa da mãe. (BION, 1962b, p. 303, tradução nossa)

Bion encerra sua primeira obra epistemológica, *Aprendendo com a experiência*, definindo que a função α seria fator da "função psicanalítica de personalidade", definida por Ψ. "A função α é fator, ou seja, é um elemento da função psicanalítica de personalidade (Ψ)" (BION, 1962b, p. 355). Em seguida, apresenta uma nova abstração capaz de iluminar outros aspectos de seu modelo psíquico e, mais especificamente, a relação de união entre pré-concepção com impressões sensíveis, originando a concepção, elevando a relação de evacuação e receptividade a um nível maior de abstração, em diferentes âmbitos (a relação com o seio, a relação com a mente da mãe e a relação psicanalítica). A qualidade destas relações encontraria seu modelo na relação de continente-contido, representada por ♂♀[24].

Ascender a um campo maior de abstração implica extrapolar a natureza desta relação para um modelo de crescimento aplicável à teoria do pensar. O modelo de continente-contido, ♂♀, estabelece uma relação de complementaridade dinâmica, extrapolável para relações das mais diversas naturezas. Um bebê que busca o seio de sua mãe, o analisando que busca a mente do analista, o analista que busca a mente de sua supervisora, a supervisora que busca

[24] Bion utiliza estes símbolos por se tratarem tanto do modelo da cópula, como também para indicar a identificação projetiva. A conjunção destes elementos faz referência à pré-concepção do casal parental em acasalamento, a cena primária.

seu analista. Na mesma proporção que se dá esta dinâmica na interpessoalidade, dá-se também internamente. Um pensamento encontra um pensador, a livre associação busca a atenção flutuante, uma pré-concepção busca uma realização e torna-se uma concepção, que por sua vez se coloca como uma nova pré-concepção, inaugurando um novo ciclo. O modelo pode indicar tanto a possibilidade de continência, quanto seu revés. Um continente (♀) pode sufocar um conteúdo (♂) com sua rigidez e impossibilidade de abrigo, por exemplo.

Bion toma como modelo de crescimento do continente (♀) o conceito de retículo integral, de Elliott Jaques, como um mecanismo mental capaz de conceber o objeto total. A descrição do mecanismo, inspiração para o conceito de continente-contido, é melhor descrita pelo próprio Jaques em sua obra:

> [...] esquema mental de um objeto total e os meios necessários para criá-lo e organizá-lo, de tal forma que as lacunas tanto no quadro mental do objeto quanto nos métodos de criação do mesmo sejam estabelecidas. Conscientemente, é uma combinação de todos ou quaisquer conceitos, teorias, hipóteses, noções de trabalho ou pressentimentos. Inconscientemente, é uma constelação de ideias em sentimentos, memórias em sentimentos, fantasias e objetos internos, unidos e sintetizados ao ponto de direcionar o comportamento, mesmo que não seja tornado totalmente consciente. (JAQUES, 1960 *apud* LÓPEZ CORVO, 2008, p. 293)

Na explicação de Bion, o continente (♀) constitui-se como uma rede viva e dinâmica estruturada por uma série de vacúolos (vesículas) que se expandem e se agregam, formando um retículo, uma pequena rede. Este retículo seria formado por vacúolos (lacunas) e emoções (fios que formam a malha do retículo). O retículo recebe conteúdo (♂) de maneira crescente, de modo que é necessário tolerar o desconhecido (BRUNET; FONSECA; JACKSON, [20--?], p. 73).

Até aqui, temos uma apresentação um tanto instigante e complexa acerca do conceito de continente-contido. Um retículo que aguarda por novos elementos a serem contidos, uma malha emocional à espera de expansões. Rapidamente, no mesmo parágrafo, Bion introduz a alegoria de Jaques (1960) e faz uma associação com o modelo lógico de Tarski, sem dar notícias ao leitor sobre o que este significaria. A lacuna de Bion merece, neste momento, um parênteses teórico.

Alfred Tarski, lógico e matemático polonês, construiu a Teoria dos Modelos, influência fundamental para a teoria do pensar de Bion. A teoria contempla justamente a associação entre modelos matemáticos de lógica, associados ao universo semântico. Skelton (1995), em artigo a respeito dos modelos de lógica que contém o pensamento bioniano, explica de maneira didática a relação entre Tarski, continente-contido e a teoria do pensar.

A ideia de "modelo" é apresentada por Bion, em *Aprendendo com a Experiência* (BION, 1962b). Uma experiência qualquer pode ser usada como modelo para uma experiência futura, atribuindo-se a esta função o equivalente à atenção em Freud (1911), quando atribui à qualidade de buscar no mundo exterior os dados já conhecidos, familiares, internos.

> O valor de um modelo é que seus dados familiares estejam disponíveis para atender a uma necessidade interna ou externa urgente. O que Bion e Freud parecem estar buscando aqui é a noção de que quando nós (como os animais) estamos em um estado de incerteza, procuramos precedentes ou modelos em nossa experiência passada. É interessante notar que Freud usa a palavra 'modelo' no sentido de um paradigma, em vez de uma representação. Ele a usa no sentido de 'um pai modelo' em vez de 'o modelo econômico da mente'. Bion a usa no último sentido, mas veremos que ambos os sentidos da palavra estão implícitos. (SKELTON, 1995, p. 392, tradução nossa)

A teoria dos modelos trata da construção de novos modelos a partir de modelos antigos, em relações intuitivas de representação. Skelton (1995) aponta, como exemplo, a possibilidade que um observador tem, ao conhecer o funcionamento do sistema solar, de iluminar a complexa matemática da estrutura do átomo, sobrepondo-se modelos de funcionamento. O sol, o núcleo. Os planetas, elétrons. A nova experiência das estruturas subatômicas puderam se tornar apreensíveis graças a um modelo já conhecido.

Neste sentido, a teoria dos modelos aponta que o mesmo "conjunto de fatos" pode equivaler como mecanismo de diferentes modelos. Assim, geometrias não-euclidianas podem se basear na conhecida geometria euclidiana. Um modelo ampliado dá continência a um modelo anterior, mas ganha uma lógica mais complexa. Um modelo leva a um próximo, que leva a outro, e assim consecutivamente. "A Teoria dos Modelos investiga assim as relações entre as estruturas dos conjuntos de fatos – geralmente chamadas de 'teorias lógicas' e seus modelos" (SKELTON, 1995, p. 392). Nas palavras de Bion (1959b), "A lógica é, possivelmente, aquele elemento por meio do qual se espera estabelecer a coerência entre elementos que, de outro modo, permaneceriam separados e persecutórios [...]" (p. 60, tradução nossa).

Nas teorias da lógica, há um princípio básico chamado de "lógica de primeira ordem", uma linguagem algébrica capaz de expressar, de maneira sintética, tanto o raciocínio físico e matemático, quanto a lógica por trás dos processos mais comuns da vida cotidiana. Se caminharmos para uma redução do funcionamento da linguagem, podemos chegar a termos suficientemente abstratos, como a relação de objetos com quaisquer qualidades. Na lógica de primeira ordem, elementos se juntam sem qualquer tipo de pressuposto, não carecem de um

exame da verdade ou de testes de realidade. Deste modo, podemos estabelecer quaisquer conexões, sem a necessidade de atribuir um valor exato. Na lógica de primeira ordem, é tão possível dizer que "6 é par" quanto que "7 é par".

Quando a ordem lógica caminha para uma ordem mais restrita, temos então o que Skelton (1995) denomina por "lógica predicativa". Esta lógica pressupõe que uma incógnita, *x*, por exemplo, nos leve a um maior nível de abstração e que possa conectar-se a vários elementos. Por exemplo, se considerarmos a lógica predicativa "x é par", ao dizermos "6 é par", temos matematicamente que 6 é uma satisfação ou *realização* de "x é par". Dentro da lógica predicativa, elementos específicos cabem enquanto possibilidade de ligação, gerando uma experiência de dualidade entre grupos.

Encontramos falhas na lógica predicativa, por vezes, nas crianças, quando buscam realizar experiências emocionais sem dominarem devidamente o léxico dos adultos. O homem dos ratos, por exemplo, traz para uma sessão com Freud uma passagem de sua infância, frequentemente lembrada por sua mãe. Enquanto pequeno, o homem dos ratos teria se enraivecido com uma surra que tomava de seu pai e passou a atacá-lo com as palavras que tinha, já que não conhecia palavrões: "Seu lâmpada! Seu lenço! Seu prato!", gritou o homem dos ratos, buscando uma conexão (FREUD, 1909b, p.67). Nesta ocasião, a criança precisa de um pai capaz de decodificar este afeto, de modo a compreender a comunicação aparentemente ilógica de seu filho.

Retomando os modelos lógicos, temos aqui o modelo algébrico, abstrato, da pré-concepção do seio materno, em busca de realização. O bebê nasce com uma pré-concepção de encontro com este objeto específico, o seio, capaz de realizar este encontro incógnito. Do mesmo modo, quando no lugar do seio surge um objeto substituto, a lógica predicativa da pré-concepção do seio materno não encontra uma realização, ou, em outros termos, encontra uma realização negativa, a frustração. A possibilidade de crescer, de tolerar a frustração, implica em um câmbio contínuo de modelos, a partir de novas realizações que geram novas pré-concepções.

No caso do homem dos ratos, a pré-concepção encontrou uma realização. Seu pai, abismado com seus "xingamentos", responde: "Esse menino será ou um grande homem ou um grande criminoso!" (FREUD, 1909b, p. 67). O ódio, então desferido para o pai, retorna para o pequeno homem dos ratos, aturdido com seu destino pré-concebido.

A teoria das funções, em contrapartida, subverte a lógica predicativa. Ao invés de se dizer "x é par", a função aponta para uma operação de transformação em uma imagem: "a raiz

cúbica de x" é uma função, ou seja, ela leva um elemento a outro. Trata-se de um "processo de transformar objetos em outros objetos" (SKELTON, 1995, p. 393). Desta forma, o processo mental do adulto, da mãe em estado de *reverie,* é o resultado de inúmeros processos de satisfação e insatisfação, um complexo retículo continente, de modo que os modelos da mãe são o resultado de um longo e extenso trabalho da função α, tornando-a capaz de conter os novos modelos de funcionamento do bebê.

A ideia de função, aqui, permite que a frustração do bebê, diante da realização negativa, encontre uma transformação. Sem necessidades de predicado, sem uma exigência de lógica precisa de realização, a função α transforma a experiência bruta, sensória, da frustração da ausência do seio, em elemento psíquico. Do mesmo modo, a *reverie* materna opera enquanto função transformadora dos elementos primitivos inassimiláveis pelo bebê, enquanto um grande retículo continente, aberto ao inusitado.

> Agora deveria ser possível ver mais claramente a analogia lógica matemática. O funcionamento da mente adulta é, em si mesmo, uma função das satisfações (e insatisfações) daquelas funções primitivas estabelecidas na infância. Os processos mentais do adulto são uma função dos processos mentais infantis e da infância, que são profundamente influenciados pela qualidade da maternagem recebida. Esta é uma reafirmação da ideia, agora familiar, de que vemos novas experiências a partir de experiências antigas – o axioma central da psicanálise e também da Teoria do Modelo. (SKELTON, 1995, p. 394, tradução nossa)

Podemos fechar o parênteses e observar o motivo pelo qual esta digressão lógico-matemática tem grande valia. Primeiramente, podemos entender o motivo pelo qual Bion deixa esta pista logo após apresentar ♂♀. A teoria dos modelos, de Tarski, associada ao retículo de Jaques, coloca ♂♀ como um elemento fundamental do processo de pensar, capaz de deslizar entre diversos modelos de crescimento da mente. Podemos também observar, de um outro lugar, as substituições feitas nas lembranças encobridoras de Freud, por exemplo, uma memória operando como continente para outra. E podemos, talvez, deduzir que a tolerância de paradoxos, identificada em Bion, em Freud e na ironia romântica, opera como um modelo comum, talvez um fator da Fα, ou uma qualidade do inconsciente.

Nos parágrafos seguintes, Bion acena para algo desta natureza. Se a ideia de tolerância, contida na concepção de continência, já se apresenta fortemente ao longo do *Aprendendo com a Experiência* (BION, 1962b), aqui temos uma representação do pensamento de Bion sendo capaz de conter as paredes do retículo, em um novo modelo autoral. Este modelo de interação entre continente-contido (♂♀) é dinamicamente representado por Bion: "[...] temos, por um lado, (♀ ≠ ♀ + ♀...) e por outro (♂.♂.♂…), em

que os sinais + representam variáveis substituíveis por sinais que representam emoções e os sinais . representam uma constante que representa a dúvida" (BION, 1962b, p. 358, tradução nossa).

Aqui, por fim, temos algumas considerações importantes. Bion aponta que este modelo é mais maleável do que aparenta ser nessas abstrações, uma vez que é vivo, animado. A dinâmica de seu funcionamento[25] depende justamente das variáveis apresentadas acima: por um lado, para que se efetive o aprender com a experiência, o continente (♀) precisa se manter integrado e diminuir progressivamente sua rigidez, de modo a se reestruturar progressivas vezes para se tornar mais receptivo, expandindo-se. Por outro, a penetrabilidade do contido (♂) depende do valor de ".". Tanto "+" quanto "." são emoções e, portanto, compõem as funções de personalidade.

Em *Elementos de Psicanálise* (BION, 1963), próxima obra da fase epistemológica, Bion incrementa a teoria do pensar pela via de sua leitura do complexo de Édipo, que estabelece uma relação de continente-contido (♂♀) com a leitura freudiana do mito. Em *Sobre a Arrogância*, Bion (1957a) já havia se dedicado a observar a travessia edípica sob um novo vértice, colocando à frente do crime sexual a relação de arrogância que Édipo estabelece com a verdade. Bion já se aproximava, naquele momento, dos processos do pensar.

Outros elementos que até então apareciam como secundários na narrativa freudiana, cuja intenção era obter um bom produto para fundamentar sua teoria da libido, aqui aparecem em nova hierarquia na interpretação bioniana:

> [...] a esfinge, que propõe um enigma e se destrói quando este é respondido; o cego Tirésias, que possui o saber e lamenta a determinação do rei em procurá-lo; o oráculo que incita a busca que o profeta lamenta; e novamente o rei que, uma vez concluída sua busca, sofre a cegueira e o exílio. Esta é a história cujos elementos são perceptíveis em meio às ruínas da psique e cujas referências dispersas à curiosidade, arrogância e à estupidez apontaram o caminho. (BION, 1957a, p. 131)

Não nos dedicaremos aos pormenores de sua explanação, uma vez que nos interessa dedicar estas páginas à qualidade abstrata de sua teoria, aqui, em 1957, ainda em *status nascendi*. É digno de nota, no entanto, que aqui Bion já se coloca em um novo ponto de observação diante de Édipo e ilumina pontos que, dentro do pensamento freudiano, aparecem em um relevo de menor importância dada a intenção teórica da narrativa.

---

[25] Apresentamos aqui a relação de continente-contido comensal, ou seja, relação na qual ambas partes crescem, como na relação mãe-bebê, em que ambos podem experimentar crescimento mental (LÓPEZ CORVO, 2008, p. 87)

Bion desenvolve, em *Elementos de Psicanálise* (BION, 1963), a relação entre a situação edípica e o conteúdo dos pensamentos, buscando, da mesma forma, a qualidade abstrata, o "mecanismo" que estrutura a narrativa, ainda que julgue a ideia mecânica imprópria, "quando a vida é um elemento essencial no sentido aqui considerado" (p. 41, tradução nossa).

À ideia de "situação edípica" aplica-se a realização de relacionamentos pai-mãe-bebê (a triangulação), a pré-concepção emocional (que culmina em realização e concepção) e a reação psicológica despertada por essa experiência. Este caminho, descrito sucintamente, consiste em uma aproximação que Bion faz entre a experiência singular de travessia do mito, colocando a combinação de elementos da narrativa em correspondência a um sistema dedutivo científico. A questão sexual, contida dentro deste sistema, não tem condição independente, circunscrevendo-se em uma lógica predicativa com outros componentes do mito. Em outros termos, o componente sexual do mito está condicionado a outros elementos, associado lógica e geometricamente na constituição de uma narrativa.

Em relação comensal de continente-contido (♂♀)[26], Bion entende que Freud e o mito de Édipo estabelecem esta mutualidade de crescimento. O mito, o instrumento para a descoberta da psicanálise. A psicanálise, o instrumento capaz de expandir a leitura do mito.

> Nenhum elemento, tal como o elemento sexual, pode ser compreendido exceto em sua relação com outros elementos; por exemplo, com a determinação com que Édipo prossegue sua investigação sobre o crime, apesar das advertências de Tirésias. Consequentemente, não é possível isolar o componente sexual, ou qualquer outro, sem distorção. O sexo, na situação de Édipo, tem uma qualidade que só pode ser descrita pelas repercussões decorrentes de sua inclusão na história. Se for removido da história, perde sua qualidade, a menos que seu significado seja mantido com uma ressalva proposital de que "sexo" é um termo usado para representar o sexo como é vivenciado no contexto do mito. (BION, 1963, p. 41-42, tradução nossa)

Bion segue:

> O mesmo se aplica a todos os outros elementos que propiciam a abstração do mito. No que diz respeito a elucidar os elementos da psicanálise, considerarei a sequência causal, conforme expressa no mito, como um elemento à medida que julgarmos necessário abstraí-la, ainda que esteja sujeita a ligar todos os elementos, conferindo-lhes uma qualidade psíquica particular. (BION, 1963, p. 42, tradução nossa)

Bion então apresenta a sequência de fatos que constitui o modelo mítico de Édipo. Desde o pronunciamento do oráculo de Delfos, a advertência de Tirésias, o enigma da

[26] Bion (1970) postula outros modelos de relação continente-contido, além da relação comensal. Seriam os modelos de relação parasitária e simbiótica. Nos deteremos, neste trabalho, ao modelo de relação comensal, que pressupõe que ambas as partes, continente e contido, crescem quando vinculadas.

Esfinge, a obstinação arrogante de Édipo e os infortúnios resultantes deste trajeto. Por fim, Bion acrescenta uma observação, considerada um último elemento a ser levado em conta no mito: "A questão original é apresentada por um monstro, ou seja, por um objeto composto por uma série de aspectos incongruentes" (BION, 1963, p. 43, tradução nossa). Oferecemos uma leitura para desdobrar este elemento, colocado como observação por Bion, quase um pano de fundo lançado sobre o mito, uma indagação que, por princípio, porta uma qualidade contraditória. Seria uma pergunta que espera uma resposta?

Chuster (2002) aponta que este aspecto revela a parte psicótica do mito de Édipo, através da arrogância da Esfinge. A imagem da Esfinge já revela um caráter cindido da bissexualidade, de modo que a parte psicótica forma, bizarramente, um corpo de leão com cabeça humana. Chuster segue: "Ser enigmática é uma atuação de escolha para atacar os vínculos, uma forma de expressar a incapacidade da função alfa, isto é, incapacidade de receber uma questão e devolvê-la de forma que quem a formulou possa utilizar a resposta" (CHUSTER, 2002, p. 54). Tratava-se portanto de uma pergunta com lógica predicativa, cuja realização culmina em aniquilamento, em interrupção da continuidade dos processos de pensar: "Decifra-me ou te devoro".

Bion segue este trecho apontando os efeitos desta leitura do mito de Édipo na clínica psicanalítica, como já o fez em *Sobre a Arrogância* (1957a), colocando o psicanalista a refletir sobre seu lugar no modelo da tragédia grega, capaz de estrangular[27] a curiosidade diante de um estímulo contraditório, com rosto de humano e fúria de leão: o que ameaça o conhecimento é a ruptura com dualidades, de modo que o saber só caiba em um, de um lado, de uma maneira, sob condições terroríficas.

Migremos, agora, para o estado de mente "sem memória, sem desejo e sem necessidade de entendimento" de Bion, na busca por uma subversão das dualidades em um estado uníssono com o analisando.

3.3 O estado de mente em Bion: "sem memória e sem desejo"

Temos, atualmente, acesso a um vasto material das comunicações de Bion. O estado de mente proposto pelo autor, que aqui denominaremos concisamente de "Sem memória e sem desejo", é referido em publicações escritas, comunicações orais e supervisões clínicas. Optaremos, para apresentar o conceito, pelas notas intituladas *Notas sobre memória e desejo*

[27] Esfinge é uma derivação do verbo grego *sphinx*, que significa "estrangular" (CHUSTER, 2002, p. 43).

(BION, 1967b) e tidas como as poucas páginas nas quais nascem formalmente as ideias de Bion sobre o tema. Utilizaremos também dois capítulos de *Atenção e Interpretação* (BION, 1970): *A Realidade Sensorial e Psíquica* e *Opacidade de Memória e Desejo*. Por fim, pudemos acessar um material recentemente publicado, transcrição feita por Chris Mawson de uma comunicação oral datada de 1965, incluído nas obras completas de Bion e intitulado *Memória e desejo* (BION, 1965b). Esta última publicação nos oferece novos elementos para acessar o pensamento original de Bion e suaviza a natureza polêmica de sua breve comunicação publicada em 1967, como veremos a seguir.

As notas sobre memória e desejo são consideradas pelo próprio editor das obras completas, Mawson (2014), um texto gnômico, cortante, curto e conciso. Ogden (2015) vê as mesmas poucas páginas como um "artigo inacabado", uma espécie de esboço que convida o leitor a elaborar e responder, inserindo-se justamente no que vimos ser progressivamente a proposta maiêutica das comunicações bionianas. O comentador entende ainda que a intenção de Bion seria justamente chocar, no esforço de "abalar o *status quo* solidamente estabelecido das metodologias então vigentes" (OGDEN, 2015, p. 290, tradução nossa).

Bion apresenta seu estado psicanalítico de mente como um "ato positivo de abstenção", uma "disciplina positiva de evitar memória e desejo" (BION, 1970, p. 246). A positividade da disciplina proposta consiste justamente no reconhecimento da existência de ambos, memória e desejo, e simultaneamente no esforço de evitá-los durante uma sessão psicanalítica. Deve-se banir da mente estes elementos, livrando-se do hábito de lembrar, desejar ou querer qualquer coisa durante o trabalho psicanalítico, incluindo a necessidade de entendimento do que está se dando na sessão.

Restaria assim, à mente do analista, somente aquilo que está se dando no momento presente do encontro psicanalítico e nada mais. Bion é categórico em suas notas[28] no que concerne a esta direção e aponta que quanto mais crítica e angustiante for a situação clínica, mais surgirá na mente a necessidade de recorrer a lembranças, procurar alguma teoria ou buscar algo dentro de si que possa gerar uma evasão do presente. O autor reitera enfaticamente que diante de um aumento de ansiedade (também gerado pela própria disciplina sem memória e sem desejo), deve-se sustentar o mesmo preceito de evitação destes elementos

[28] Vale mencionar que se trata de um texto preparado para ler em público e, por isso, o estilo destoa consideravelmente de seus trabalhos escritos na mesma época.

mentais, tornando cada sessão única, inserida no tempo presente da experiência emocional[29]: sem história (memória) e sem futuro (desejo).

Se nos detivermos a este recorte, podemos chegar a conclusão precoce de que há paradoxos claramente explicitados na apresentação da atenção flutuante que, neste caso, perdem seu lugar. O paradoxo do tempo, por exemplo, enquanto proposição de alinhavo entre sessões, partindo-se do pressuposto de que algo escutado pode ganhar sentido apenas posteriormente, em futuras sessões, aqui parece se extinguir. Do mesmo modo, o lugar da atenção no estado de mente bioniano parece mudar radicalmente. Vejamos para onde Bion nos conduz.

Como estamos aqui, desde o princípio, diante do reconhecimento de algo que se deve eludir e por conseguinte de sua recomendável evitação, é preciso incluir as advertências do autor sobre o que se dará ao permitir a intrusão de memórias e desejos na mente do analista. Bion trata simultaneamente dos efeitos de sua proposição e do que se dá ao não cumprir a disciplina, o que culminaria na "deterioração constante das faculdades de observação" (BION, 1970, p. 264, tradução nossa) e em "certa queda neurológica das faculdades mentais" (BION, 1967b, p. 207, tradução nossa). Em outros termos, recorrer a memórias e desejos implicaria em debilitar a capacidade mental do analista.

Uma das inspirações para esta disciplina de apreensão clínica advém de uma carta enviada por Freud a Lou Andreas-Salomé em 1916, na qual relata que para atingir um estado mental capaz de compensar a obscuridade de um fenômeno clínico, precisava cegar-se artificialmente, focando toda a luz em um único ponto de escuridão (FREUD, 1916). Ao recorrer a este trecho, Bion estaria justamente se aproximando da concepção freudiana de usar o inconsciente como um órgão receptor (MAWSON, 2014, p. 4).

> Mas uma das coisas é que, para enxergar com clareza, é preciso ficar bastante cego – metafórica e literalmente. É realmente uma espécie de falta positiva na mente, se é que se pode colocar assim; que quanto mais escuro o ponto que você deseja iluminar, mais escuro você tem que ser – você tem que apagar toda a luz para ver. (BION, 1965b, p. 13, tradução nossa)

Não pretendemos cotejar teoricamente os estados de mente de Freud e Bion, mas é preciso recorrer a Freud para apresentar Bion neste momento. "Sem memória e sem desejo" surge de uma trama de conceitos incorporados à obra e, também, como diferenciação e

[29] "Experiência emocional" é um conceito referido recorrentemente ao longo da obra de Bion, apresentado mais expressivamente em *Aprendendo com a Experiência* (1962b). De modo geral, a experiência emocional consiste no atravessamento de emoções que impregnam os vínculos, sendo, primitivamente, impressões sensoriais captadas pelo psiquismo e passíveis de sofrer transformações mentais (ZIMERMAN, 2004, p. 86).

continuidade à "atenção flutuante" de Freud. Mawson (2014) considera que a técnica em Bion remonta aos textos freudianos que tratam dos sonhos, da técnica e da natureza das funções egoicas, ou seja, toma a atenção flutuante desde outros vértices teóricos. O próprio Bion comenta rapidamente que sua técnica diverge das práticas comumente aceitas e que, portanto, deve-se "considerar a base teórica implícita na prática aceita" (BION, 1970, p. 264, tradução nossa).

Ainda que Bion recorra especificamente a memórias e desejos, há uma nomenclatura técnica, psicanalítica e freudiana capaz de comunicar aquilo que propõe evitar na clínica. Bion entende que "impressões dos sentidos e objetos dos sentidos" (BION, 1967b, p. 205, tradução nossa), quando evocados pela consciência, interpõem-se à percepção de um fenômeno presentificado. Ogden (2015) considera que Bion estaria propondo uma separação entre emoções (depressão, ansiedade, medo, etc) e suas impressões sensoriais (correspondentes físicos). Ao destrincharmos memória e desejo, encontraremos em comum o papel da consciência como um órgão sensório utilizado para apreender as qualidades psíquicas.

Bion propõe que possamos entender a memória, primeiramente, da maneira mais ordinária possível, a partir do que se possa conceber no senso comum. Inclui à composição desta concepção o que Freud chamou de "notação" e suas relações com a memória em *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico* (FREUD, 1911). Diante de uma necessidade interior inadiável de realização de uma descarga motora, o funcionamento mental é capaz de recorrer às impressões de sentido guardadas internamente, justamente notações que constituiriam parte da memória (p. 113). Este sistema anteciparia o aparecimento de uma impressão de fato, valendo-se assim de uma ação antecipatória regulada pelo princípio de prazer-desprazer, recorrendo a um registro de memória provido de sensorialidade no lugar de uma realização pautada pelo princípio de realidade, ou seja: recorrer à memória é uma forma de descarga do desprazer. O desejo para lembrar de algo pode, portanto, surgir defensivamente, "se apresentar por ter se precipitado uma crise emocional" (BION, 1967b, p. 206, tradução nossa).

O desejo, da mesma maneira, deve ser entendido de maneira ordinária e guarda semelhança com a memória. A memória evoca coisas que alguém gostaria de possuir e, portanto, contém o desejo em sua fórmula. Em acréscimo a isto, Bion inclui a expressão e realização de desejos dos sonhos, como revelado na obra freudiana. No que tange aos desejos, todos devem ser evitados em uma sessão, incluindo o desejo ou a memória do entendimento.

Nas palavras de Bion: "Para ser um desejo, a ideia deve ser sentida como satisfeita" (BION, 1970, p. 258, tradução nossa).

Uma vez discriminados os termos e feitas algumas considerações, podemos então chegar à concepção de Bion de que os termos devem ser indiscerníveis sob uma determinada perspectiva. Memória e desejo deveriam representar um único fenômeno que é o extravasamento de ambos, assim Bion tenta definir que a memória é a versão do desejo voltada para o passado (BION, 1967b, p. 208). Ambas, reminiscências e antecipações, seriam realizações relacionadas a outras realizações, fazendo com que memória e desejo liguem uma conjunção constante[30].

Memórias e desejos teriam como origem em comum justamente o fato de que estão deslocados do presente. São formulados prontos e portanto já esgotados em sua possibilidade de construção, estando vinculados fundamentalmente ao princípio de prazer, ligados a elementos de prazer e dor. Consistem fundamentalmente em remontagens feitas pelo campo sensorial, prescindindo do encontro com o novo.

Os elementos em questão, este deslocamento do presente para o passado ou para o futuro, consistem fundamentalmente de imagens sensórias, derivam de um pano de fundo de experiência sensória (*background of sensuous experience*) (BION, 1965b, p. 8). Este fundo de experiência sensória remonta justamente a uma fase do desenvolvimento na qual o princípio do prazer é dominante, tornando a experiência do encontro analítico demasiadamente limitada, já que sensorialmente pode levar o analista apenas para percepções prazerosas ou desprazerosas, em um pequeno escopo de possibilidades de apreensão da experiência psicanalítica.

Aqui temos um pensamento complexo interessante. Ainda que haja a recomendação de evitar estes elementos, isto não significa que estes não estarão presentes na construção de novas abstrações durante a sessão. As abstrações devem ser construções apartadas do fundo sensorial inerente à memória e ao desejo, não deve estimulá-los, mas ambos podem ter contribuído em sua formulação (BION, 1970, p. 245). Aqui talvez possamos identificar um reingresso de paradoxos que pareciam abandonados na leitura de Bion. Se por um lado Bion parece sugerir o exercício da atenção flutuante para uma temporalidade mais comprimida, o tempo de uma sessão, por outro lado memória e desejo participam das sessões, não como

[30] Ao considerarmos que memória e desejo são elementos que formam uma conjunção constante, entendemos que apesar de apontarem para diferentes posições na temporalidade, respondem ao mesmo pretexto sensorial do qual tratamos no texto.

protagonistas, tampouco como registros alienados do encontro com o analisando, mas enquanto elementos que podem emergir à mente do analista.

Em *Atenção e Interpretação* (BION, 1970), o autor propõe importantes associações entre memória, desejo e o conceito de continente-contido. Sob o vértice deste conceito, a memória opera como continente de evacuações de identificação projetiva, uma espécie de registro sensorial capaz de abrigar um elemento indigesto pela mente. Neste sentido, memórias são enganadoras dada sua origem de possessividade e evacuações, ou seja, de tramas internas do aparelho orientadas pelo princípio de prazer-desprazer (BION, 1970, p. 245). O passado estaria contido "dentro" da memória, mas o futuro já não poderia estar contido da mesma maneira. Os desejos estariam igualmente contidos "na" mente, mas seriam igualmente possessões, só que capazes de "possuir" a mente. O desejo pode possuir a memória ou a personalidade que a abriga, por exemplo (BION, 1970, p. 255).

Para Bion (1970) haveria duas classes de fatos mentais:

> Uma é a evocação de memória e desejo com impulsos de possessividade e avidez sensorial: os impulsos geram memória e desejo; memória e desejo geram avidez sensorial. Outra é a evocação de memórias e desejos porque a experiência em *at-one-ment* se assemelha à possessividade e à satisfação sensorial. (p. 248, tradução nossa)

O que Bion apresenta neste ponto seria equivalente à concepção de uma atenção capaz de flutuar entre as dimensões sensoriais e não-sensoriais da sessão (OGDEN, 2015, p. 292). As memórias e desejos deixam qualquer elemento saturado, ocupando um espaço de percepção fundamental. Ocupar a mente com elementos perceptíveis aos sentidos inibe a faculdade mental voltada ao um outro campo, fora do escopo apreensível pelos sentidos, "ultra"ou "infra" sensorial.

Como dito acima, uma parte considerável desta proposição de Bion nasce dentro de sua própria obra, tendo como base sua teoria do pensar desenvolvida ao longo dos anos precedentes à publicação das notas sobre memória e desejo, complexificada na construção de seus trabalhos de natureza predominantemente epistemológica. O estado de mente bioniano é, então, não apenas um olhar sobre a técnica psicanalítica, mas sobre a ética e o lugar da verdade dentro do campo.

Propor um estado de mente no qual o analista deva literalmente jamais sentir ter visto um paciente antes, implica não somente uma mudança de observação dentro da clínica, mas uma revisão do lugar das anotações e relatos clínicos feitos pelos analistas fora de uma sessão, dado que um relato já é uma memória, e não mais a experiência emocional em seu estado

bruto. Para Bion, portanto, relatos de caso são sempre transformações do que foi possível acessar da experiência real.

Descrições clínicas seriam representações pictóricas ou sensoriais de uma experiência emocional que realmente existiu. No entanto, o caminho para relatar uma sessão implica na "transformação em apresentação visual e depois na verbalização da apresentação visual" (BION, 1965b, p. 10), implicando um falseamento do que está acontecendo na mente do analista. A memória e o desejo tornam-se obstáculos que se interpõem entre o analista e a experiência emocional da sessão (BION, 1967b, p. 209). Este ponto não nos levará somente a extrapolar a questão da sensorialidade dentro da mente do analista para a transformação da experiência nos relatos de caso, mas fundamentalmente nos colocará em contato com o modelo de mente proposto por Bion.

> O que testemunhamos em uma sessão analítica eu não creio que possa jamais *ser* a experiência real; nós não sabemos o que seria isso, mas o que conhecemos é a experiência à medida que foi transformada – pelo paciente – em várias formas de representação verbal. (BION, 1965b, p. 16, grifo do autor, tradução nossa)

Bion já recorrera, neste ponto, a uma importante passagem de *Mal-estar na Civilização* (FREUD, 1930), na qual afirma que a representação pictórica seria algo inadequado para prover um modelo complexo como a mente. Assim que Bion aponta que, se por um lado a pintura de um milharal pode ser reconhecida por duas pessoas da mesma cultura mediante o reconhecimento de invariantes que as levem ao ponto comum de que ali naquele quadro há um milharal, o mesmo não se dá, de maneira tão simples, no encontro psicanalítico.

Para o analista, este tipo de transformação pode levá-lo a saber *sobre* o paciente e *sobre* análise, de maneira distanciada da experiência emocional, deflagrando o desafio contínuo que se impõe ao exercício de articular a experiência prática com as abstrações da teoria psicanalítica. A disciplina "sem memória e sem desejo" deve, portanto, definir a diferença entre aqueles que "praticam a psicanálise e aqueles que falam sobre ela" (BION, 1965b, p. 15). Falar *sobre* algo dificilmente implica acessar a experiência emocional do presente da sessão.

Aqui nos deparamos com aproximações entre o estado sem memória e sem desejo e a atenção flutuante de Freud, principalmente no que concerne a aquilo que seria uma estado de atenção aberto à captação inconsciente dos fenômenos. Bion recorre por vezes à expressão freudiana da atenção flutuante, entendendo que as experiências sensoriais podem impedi-la. O

desejo de prestar atenção, por exemplo, uma vez que um analista estivesse cansado e se obrigasse a manter-se atento, impediria a flutuação e tornaria a presença do paciente opaca (BION, 1973, p. 67) Em contrapartida, Chuster (1999) faz a ressalva de que estabelecer uma simples continuidade entre os conceitos implicaria em ignorar o "possível projeto de transformação" presente na obra de Bion (CHUSTER, 1999, p. 131).

Bion se propõe, a partir deste estado de mente, a usar o inconsciente para se chegar a uma interpretação, e não a usar a consciência para entender o inconsciente (CHUSTER, 1999, p. 132). Estaríamos muito mais próximos, no campo de intervenção, de uma descrição do que ocorre no vínculo, distanciando-nos assim de interpretações de conteúdo típicas da psicanálise freudiana, por exemplo.

> A realidade do inconsciente é incognoscível e não tem equivalente global em nenhuma linguagem conhecida. Assim, não há equivalência no mundo de algo como a totalidade do inconsciente. Trata-se inclusive de sua definição: o inconsciente, em sua essência, é aquilo de que não há equivalente em lugar algum, em coisa alguma, ou em alguém. Logo não há referência possível dentro de qualquer certeza (CHUSTER, 1999, p. 45)

O inconsciente poderia ser caracterizado como infinito e incognoscível, ou seja, ele é o ressurgimento espontâneo, intangível e infindável daquilo que não sabemos. Qualquer fenômeno envolvido em sua apreensão é da ordem do inefável e, portanto, qualquer sistema determinista, ou em outras palavras, qualquer experiência anterior, é incapaz de apreendê-lo. É possível apenas "falar apropriadamente do indeterminismo e infinitude por trás da dimensão finita das palavras e ações às quais temos acesso" (CHUSTER, 1999, p. 59). Uma escuta psicanalítica deveria sustentar, justamente, uma abertura permanente às imanências, fora do campo do já-vivido e das reservas sensoriais do aparelho psíquico. Em outras palavras, o "inconsciente não é o reino das sensações físicas. Sensações físicas residem no domínio da experiência consciente" (OGDEN, 2015, p. 292)

Este estado de abertura e disponibilidade inconsciente para esta presença o mais próxima da qualidade absoluta acarreta, de acordo com Bion (1965b, 1967b), em um aumento instantâneo da ansiedade do analista, justamente porque o analista estará aberto a coisas que não sabe nomear. Para Bion, quando podemos representar um estado emocional como "ansiedade", algo já se desenvolveu na mente do analista. Estar sem memória e sem desejo em uma sessão implica justamente em suportar e sustentar a angústia diante do inominável.

> Em minha experiência, acho quase sempre que o desejo de lembrar o que o paciente disse, ou qualquer desejo de curar o paciente, invariavelmente me parece surgir na situação, e em uma formulação, cuja intenção é manter-se

> afastado e manter fora da mente certos outros sentimentos. (BION, 1965b, p. 12, tradução nossa)

O autor considera que a tentativa de evocar memórias e suplantar o presente com desejos equivale a caminhar por uma areia movediça que não dá lugar à experiência, fazendo sucumbir a apreensão da realidade emocional. O analista que, por exemplo, tende a evocar um excesso de teorias, estaria muito mais próximo de uma fragilidade psicótica do que gostaria de imaginar (CHUSTER, 1999, p. 24). Bion propõe justamente trocar a areia movediça destas evocações conscientes pelo terror de se tornar infinito pela suspensão de memória, desejo e entendimento.

> Quanto mais o analista se torna especialista em excluir memória, desejo e compreensão de sua atividade mental, mais suscetível estará, ao menos em um primeiro momento, a experimentar emoções dolorosas que geralmente são excluídas ou filtradas pelo aparelho convencional de "memória" da sessão, teorias analíticas, muitas vezes desejos disfarçados ou negações da ignorância, e "compreensão". (BION, 1970, p. 261, tradução nossa)

Por fim, neste estado de evitação de uma série de fenômenos sensoriais, resta a Bion apontar o que pode surgir na mente do analista. Diferentemente desta memória desejada, buscada ativamente pelo analista, Bion pressupõe que pode surgir uma representação que flutue para dentro da mente como um todo, sem ser convidada ou conscientemente evocada. A este fenômeno mental, que pode surgir como um tipo de memória também, Bion dá o nome de "evolução", cuja característica, como nos sonhos, é de ser "totalmente presente e repentinamente ausente" (BION, 1967b, p. 206, tradução nossa). Para Bion, em qualquer sessão uma evolução acontece, e o estado de mente sem memória e sem desejo seria o "escuro e sem forma" voltado à captura deste fenômeno (BION, 1967b, p. 206).

4. Apreensão da realidade psíquica: trançando conceitos

Ao longo deste capítulo, pretendemos desenhar caminhos entrelaçados entre os conceitos, valendo-nos do que já apresentamos até aqui. Serão feitas digressões e acréscimos teóricos que nos parecerem pertinentes, percorrendo um sinuoso caminho da trama de conceitos, cujo resultado, acreditamos, iluminará de muitas maneiras a tolerância de paradoxos na clínica psicanalítica.

O desenho desta trama de conceitos será como uma trança entre o período romântico, Freud e Bion, permitindo que se interpolem dinamicamente, à medida que encontramos continuidades e distinções entre eles. Talvez a dinâmica da apresentação perca qualidade didática, no sentido de os conceitos não estarem devidamente depurados. O texto ganha, em contrapartida, a vivacidade da experiência clínica, da flutuação entre os conceitos, como talvez se conversem na mente do analista. Quanto a esta outra lógica, cabem as palavras de Skelton (1995):

> Tenho notado frequentemente que aqueles que têm interesse primordialmente clínico são muitas vezes os menos lógicos, na medida em que parecem contradizer-se muito. Isto ocorre porque deixam muitas possibilidades em aberto, mas seria ridículo supor que, se todos os bons clínicos são ilógicos, então todos os analistas ilógicos são bons clínicos. No entanto, esta parece ser a suposição inconsciente de muitos analistas, pois, em seu entusiasmo pela "atitude analítica adequada", eles parecem ter desenvolvido uma fobia de razão e lógica. (p. 390)

A motivação dos subtítulos é autobiográfica e terá sua justificação devida na conclusão deste trabalho, mas nos permitiremos a liberdade poética, dado que "a espera, o recuo e a tolerância de paradoxos" contemplam um movimento identificável tanto na obra freudiana (na atenção flutuante), quanto na obra bioniana (na capacidade negativa e no conceito de continente-contido), desaguando em mar de múltiplos paradoxos. Para além de notarmos equivalência com os autores, a sequência também revela algo da qualidade da clínica aqui apresentada, perceptível tanto na apresentação das lâminas clínicas, quanto na discussão destas feita mais adiante.

4.1 A espera

Há, nos volumes de Freud, uma primeira notícia breve de que a atenção flutuante já era praticada por ele em 1909, na publicação do relato de caso do Pequeno Hans. No correr da

narrativa Freud, diz: "Ao leitor, que nunca realizou uma análise, posso recomendar apenas que não queira entender tudo logo, mas dê uma certa atenção imparcial a tudo o que vem, esperando pelo resto" (FREUD, 1909, p. 192).

Trata-se apenas de um dos pontos elencados no texto de 1912, no entanto este pequeno fragmento é síntese de um longo trajeto do autor. Primeiramente, trata-se do primeiro momento em que Freud anuncia explicitamente praticar o que será nomeado posteriormente como atenção flutuante. Além disso, este fragmento parafraseia o admirável e atento espírito de Jean-Martin Charcot, mestre de Freud nos idos tempos de Salpêtrière. O estilo de Charcot, à semelhança da futura técnica freudiana, já aparece em 1886, quando o discípulo descreve seu mestre no Relatório de Paris:

> Podia-se verificar a maneira como ele, inicialmente, ficava indeciso em face de alguma nova manifestação difícil de interpretar; podia-se seguir os caminhos pelos quais se esforçava por chegar a uma compreensão; podia-se estudar o modo como avaliava as dificuldades e vencia; e podia-se observar, com surpresa, que ele nunca se cansava de observar o mesmo fenômeno, até que seus esforços repetidos e sem prevenções lhe permitissem chegar a uma visão correta de seu significado. (FREUD, 1886, p. 44)

Freud parece carregar este espírito de observação atenta e expectante ao longo de sua obra. Em 1893, no falecimento de Charcot, Freud escreve um obituário em sua homenagem e lá está, novamente, em outras palavras, a mesma observação: "Costumava olhar repetidamente as coisas que não compreendia, para aprofundar sua impressão delas dia-a-dia, até que subitamente a compreensão raiava nele" (FREUD, 1893a, p. 22). A mesma referência aparece uma última vez em suas publicações justamente em "Contribuição à história do movimento psicanalítico" (FREUD, 1914a), dois anos depois de formalmente apresentar sua própria técnica de observação atenta e flutuante. É conjecturável que Freud tenha carregado consigo o estilo de observação de Charcot até que este fosse incorporado em sua técnica de cunho próprio.

> Há permanentemente nos textos freudianos uma advertência contra querer ir ao fim do caminho da cura em uma linha reta e em um ritmo regular. É preciso deixar que as coisas aconteçam e ter a íntima convicção de que acontecerão a seu tempo e a seu modo. (FIGUEIREDO & COELHO JUNIOR, p. 22, 2008)

Qualquer psicanalista que tenha atravessado alguma aula ou curso sobre a história da psicanálise tem notícias de que Charcot teria sido o primeiro grande mestre da psicanálise, a quem Freud acompanhou por anos. Aqui, Charcot não configura o começo de um movimento, mas a ponte entre a colisão de dois grandes movimentos de pensamento e a origem da psicanálise. Nas palavras de Sandler (2000):

> O Movimento Romântico, como o Século das Luzes, deu-se no "espaço-tempo" europeu de 1750 a 1920; de Rousseau a Proust, passando por Victor Hugo. Ressalto a França por me parecer que neste solo houve a ignição do que é romântico. Rastilho de pólvora: logo veio a polinização cruzada, pois os iluministas e os românticos, em busca do homem universal, desconheceram nacionalidades. *Universal que persistiria, mais do que em qualquer outro domínio, na psicanálise, no inconsciente humano – há filhos que sobrepujam os pais e aperfeiçoam-lhes as obras.* Foi da França para a Alemanha, e o fato iria se repetir na história da psicanálise, na profunda influência de Charcot sobre Freud, que lhe foi sempre grato. (p. 23, grifos do autor)

Retomando a retrospectiva dos vestígios da técnica antes de 1912 na obra freudiana, não é apenas esta primeira notícia da atenção flutuante que merece destaque no decorrer do relato de Pequeno Hans. Talvez não à toa sua recomendação técnica neste texto aproxime-se tanto do que vira e ouvira de Charcot. Freud aproveita o relato para reabrir mais uma vez, em sua obra, um diálogo sobre a sugestão, antiga técnica de tratamento das histerias, desta vez em defesa da autonomia psíquica de seu analisando, reconhecendo sua realidade psíquica. Relata testemunhar um menino de cinco anos que tem pensamento próprio, que acessa conteúdos típicos da sexualidade infantil sem qualquer tipo de sugestão por parte do analista. Contumaz, Freud aponta que vinte e dois anos depois de iniciar seu engajamento nas questões científicas, nota em seus críticos a ideia de sugestão enquanto escusa para justificar a falta de pensamento, diferentemente de duas décadas atrás, quando a sugestão era tida como técnica assertiva e eficaz de cura. Para aqueles que o criticavam, um garoto como Hans teria sido sugestionado pelas ideias de seu pai, conhecedor das teorias freudianas da sexualidade infantil, daí que seu filho ofereceria tão rico material para seu analista. Já para Freud, "Não existe arbitrariedade na psique; o caráter não confiável das afirmações das crianças vem da preponderância de sua fantasia, assim como o caráter não confiável das afirmações dos adultos vem da preponderância de seus preconceitos" (FREUD, 1909, p. 236). Hans era, portanto, um garoto com ideias próprias e seu analista reconhecia isto.

Abre-se, logo ao início da epicrise do caso, uma janela para uma rápida vista da antiga técnica de sugestão, peça fundamental da hipnose, podendo-se notar referências a Liébault e Bernheim, nomes importantes no exercício da hipnose e suas variações, com quem Freud teve oportunidade de dialogar pessoal e textualmente. Desdobra-se aqui nova raiz de ligação direta com a atenção flutuante, tal como enunciada em 1912.

A sugestão configura-se como uma das raízes mais profundas da criação e sustentação da psicanálise. Trata-se da técnica utilizada junto à hipnose para induzir estados de rebaixamento de consciência e forjar a remissão de sintomas ou o acesso a lembranças

recalcadas pela via da palavra de autoridade do médico. Freud, inspirado por Charcot, Breuer, Bernheim, Liébault, Benedikt, dentre outros, experimentava a técnica de sugestão tanto para elucidar elementos obscuros (método catártico) como para induzir pacientes a chegar a alguma lembrança específica e nodal que se supunha fundamental na explanação e dissolução dos sintomas neuróticos (método de concentração).

Aproximadamente quatro anos antes da publicação do Pequeno Hans, Freud retornava à Universidade de medicina de Viena para palestrar. Sua última apresentação ali datava de 1895, época efervescente de discussão do recém publicado *Estudos sobre a Histeria* (FREUD, 1895b). Desta vez, Freud vem atualizar sua plateia, contar-lhes que já há bons anos abdicou da técnica sugestiva, apontando necessidade de desconfundir a psicanálise com esta, que tanto já foi debatida e utilizada. A conferência, de 1905, publicada com o título *Sobre a Psicoterapia* (FREUD, 1905a), contém importante alegoria para diferenciar técnica sugestiva e técnica analítica. Emprestadas de Leonardo da Vinci, duas expressões italianas distinguem metaforicamente a essência de cada uma das técnicas. A terapia sugestiva seria equivalente à produção artística *per via di porre*, como na pintura, na qual é preciso derramar tinta na tela para produzir uma nova peça. A terapia analítica, por sua vez, seria *per via di levare*, como na escultura, na qual o ofício do artista consiste em tirar da pedra bruta a escultura que já está dentro dela[31]. Comparativamente, portanto, a sugestão seria uma imposição de fora, do médico para o paciente, ao passo que a análise seria um desvelamento do que está por detrás das defesas do paciente, ou seja, trata-se de trabalhar para descobrir o que já está ali.

É possível reconhecer o avesso da sugestão e da hipnose no enunciado da atenção flutuante, de tal maneira que podemos propor que sob determinados aspectos uma modalidade técnica seria negativo da outra: a sugestão implica em intencionalidade, parcialidade, seleção de material e uma posição de autoridade ativa do terapeuta no intuito de conduzir e forjar determinados comportamentos e estados mentais, como Charcot demonstrava em sessões

[31] Em 1914 Freud oferece um exemplo interessante, no qual extrai *per via di levare* um sentido novo de uma escultura concluída há séculos por Michelangelo Buonarroti, o Moisés da Basílica de São Pedro. Em recorrentes idas a Roma, Freud empenhou-se em revisitar a escultura em busca de decifrar e extrair dela um novo sentido, diferente do que já teria lido em uma série de críticos renomados de arte. Seguindo a recomendação de Charcot, observou a mesma escultura recorrentes vezes, a mesma que levou Michelangelo a perguntar "Por que não falas?" quando encerrada sua obra. O texto resultante desta insistente atenção à mesma escultura calada e cheia de expressividade foi publicado anonimamente, tendo sua autoria assumida apenas dez anos depois. Nele, Freud oferece uma interpretação original da escultura, assumindo que o Moisés esculpido por Michelangelo não fora o Moisés bíblico que sucumbe à ira e deixa cair as tábuas com os dez mandamentos que trazia do Monte Sinai. Para Freud, em análise minuciosa, Michelangelo opta por esculpir um Moisés que abre mão das paixões para proteger o que é de sua responsabilidade. (FREUD, 1914b)

públicas de hipnose. A hipnose, ademais, implica na condição de ausência de consciência por parte do paciente, fato que foi se tornando progressivamente inviável para Freud.

Primeiramente, a inviabilidade se dava pelo retorno dos sintomas, ainda que sob novo formato. Freud e Breuer assim o experimentaram tantas vezes: apesar de conhecerem a memória de suas pacientes por uma via privilegiada (a hipnose), notificá-las do que foi notado sob estado alterado de consciência gerava uma melhora provisória do quadro da histeria. Aos poucos surge a *talking cure* como resolução mais conveniente e eficaz, ainda que mais custosa e demorada. Os conteúdos inconscientes que eram acessados conscientemente, pelo trabalho da fala, surtiam efeito mais definitivo, ainda que o trabalho fosse mais árduo.

Freud descreve, ainda em 1905, uma versão mais abrangente a respeito da apreensão do inconsciente. Em meio ao caso Dora, Freud descreve os simbolismos escondidos na pantomima dos pacientes. É aí que aponta a múltipla sensorialidade envolvida no encontro psicanalítico, para além do poder da sustentação da observação:

> Quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir fica convencido de que os mortais não conseguem guardar nenhum segredo. Aqueles cujos lábios calam denunciam-se com as pontas dos dedos; a denúncia lhes sai por todos os poros. Por isso, a tarefa de tornar consciente o que há de mais secreto no anímico é perfeitamente exequível. (FREUD, 1905b, p. 78-79)

Do mesmo modo podemos tomar como inspiração Laurence Sterne, romancista irlandês, em *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristam Shandy*, livro publicado 150 anos antes do caso Dora. Gay (2012) é quem faz referência à obra, estabelecendo uma conexão com a concepção de que o inconsciente se manifesta por todos os poros (e muito antes de Freud descobrir as especificidades de uma sessão psicanalítica):

> Existem mil aberturas despercebidas, prosseguiu meu pai, que dão passagem imediata a um olhar penetrante dentro da alma de um homem; e sustento, acrescentou ele, que um homem sensato não conserva seu chapéu ao entrar numa sala – ou não o tira ao sair dela, sem que algo escape que o revela. (STERNE, 2005, p. 374)

Observar estes detalhes era um desafio para Freud. Em *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900) já categorizava dois tipos distintos de atenção, observados na diferença entre um estado de repouso da mente e um estado de reflexão crítica, caracterizado fisionomicamente pela testa franzida, um estado de tensão.

> Em ambos os casos deve haver uma concentração da atenção, mas a pessoa que reflete também exerce uma crítica devido à qual rejeita uma parte das ideias que lhe surgem depois de tê-las percebido; interrompe outras imediatamente, de modo que não segue os caminhos de pensamento que elas abririam; e, quanto a outras ainda, sabe se comportar de tal maneira que elas

> de forma alguma se tornam conscientes, ou seja, são reprimidas antes de sua percepção. (FREUD, 1900, p. 122-123)

Freud relata, então, que busca em seu trabalho clínico um estado de "atenção móvel", próximo ao estado de pré-adormecer, próximo também do estado hipnótico, ambos caracterizados pela emersão de representações involuntárias, que surgem em "imagens acústicas e visuais". (FREUD, 1900, p. 123). As tais representações involuntárias, capazes tanto de revelar importantes auto-observações, também surgiriam como possibilidades de apreensão de elementos da fala de uma paciente.

As pacientes de *Estudos sobre a Histeria* já indicavam o entrave entre a técnica sugestiva e o lugar da fala. Elisabeth von R, por exemplo, anunciava que nada mais lhe passava em mente sobre a investigação de Freud. Este, por sua vez, dizia confiar piamente em sua técnica: "Não mais aceitava, quando ela afirmava que nada lhe ocorrera. Assegurava-lhe que algo devia ter lhe ocorrido e ela talvez não estivesse atenta" (FREUD, 1895b, p. 221), e então aplicava o método da concentração, que consistia em pressionar a cabeça da paciente com as mãos, pedindo-lhe que lembrasse da memória em questão. Nota-se no trecho citado que a atenção, que viria a se tornar flutuante, tem neste momento inaugural um lugar de demanda ativa sugestiva.

Emmy von N, outra paciente da mesma época, aos recorrentes gritos de "Fique quieto!", é tida como a paciente que enuncia pela primeira vez a demanda de associar livremente, pedido atendido e expandido para outras pacientes. Na passagem, Freud pedia à paciente que procurasse lembrar até o próximo dia se suas dores de estômago estavam sempre associadas a ataques de zoopsia, quando Emmy o surpreende: "Bastante agastada, me diz que eu não devia perguntar sempre de onde vinham isso e aquilo, mas sim deixá-la contar o que tinha a me dizer" (FREUD, 1895b, p. 96). Freud aquiesce, com notória sensibilidade, e Emmy segue suas associações, com maior liberdade.

Façamos agora um exercício de especular as inspirações ocultas ou indeterminadas que servem de base para a construção da técnica psicanalítica. Freud nos oferece em sua obra uma importante articulação entre teoria, técnica e método. Para além disso, declara com honestidade seus entraves e dúvidas ao longo de sua escrita. Organiza uma série de conhecimentos de maneira inusitadamente nova e, ainda assim, se observarmos a técnica clínica e o estilo freudiano, há uma série de concepções apriorísticas as quais, se não forem questionadas, podem ser simplesmente naturalizadas. É preciso, claro, ter cuidado com este terreno de exploração: não há qualquer intenção, nesta via especulativa, de chegar a

conclusões ou reduzir a atenção flutuante a suas heranças mais distantes. Tampouco há aqui o intuito de equivaler qualquer pensamento anterior a Freud a seu próprio constructo. Procuramos, todavia, pontos de contato no contexto cultural, científico e filosófico da época de Freud que possam iluminar a compreensão da técnica e, mais especificamente, da atenção flutuante do analista.

Tomemos como ponto de partida uma citação de Nietzsche, publicada em 1886, mesmo ano em que Freud relata pela primeira vez ter captado de Charcot uma capacidade persistente de observação no intuito de que algo novo surgisse.

> Para nosso olho é mais fácil reproduzir uma imagem amiúde produzida que reter o novo ou diferente de uma impressão: para que isso não sucedesse seria preciso mais força. Ouvir novos sons é difícil para o ouvido, compreendemos mal uma língua estrangeira e involuntariamente tratamos de transformar estes sons em palavras que nos parecem mais familiares. [...] Toda mudança, toda novidade nos provoca sentimentos de hostilidade. Nos fenômenos sensoriais mais simples reinam as paixões de temor, de amor e de ódio, incluindo a paixão passiva da inércia. (NIETZSCHE, 1886, p. 105-106)

É possível notar uma série de aspectos que se aproximam dos elementos depurados na atenção flutuante. A voz de Nietzsche ilumina, sob outro ângulo, a recomendação de Charcot de atentar ao mesmo fenômeno até que algo novo surgisse, um tempo de espera que parece considerar tanto a paixão passiva da inércia que evita a percepção de algo novo quanto a crença de que o novo pode se manifestar de dentro de algo.

Temos aí uma concepção peculiar no que tange a conhecer as coisas. A capacidade de surgir algo novo em um fenômeno depende de quanto o observador é capaz de suportar uma nova ideia dentro de si. Ou, sob outro ângulo, "O mundo é o poema sonhado pela vida interior" (ROYCE, 1892, p. 167, tradução nossa). Ora, lembremo-nos do árduo caminho que Freud percorreu ao longo dos anos de sua vida para abrir a percepção de seus interlocutores a aquilo que ele ineditamente notava. Igualmente, recordemo-nos do trabalho autoanalítico que teve de percorrer para transpor resistências que lhe impediam de ver – inclusive a si mesmo, no que já apontamos como a transposição das resistências. Em outro exemplo, sua exaustiva análise do Moisés de Michelangelo, que nos revela novas facetas da escultura e do escultor, *per via di levare*.

Todos estes movimentos freudianos têm em comum uma espécie de investigação acerca das imanências advindas das coisas, ou seja, partem da concepção de que os entes (e a mente humana) tem em si próprios seu início, seu fim, suas evoluções, portam uma essência capaz de se fenomenalizar. Para a concepção romântica de educação, o homem deve

empreender uma formação "de dentro para fora" (CATTAPAN, 2019). Daí que Freud considerava fundamental que um psicanalista conhecesse a si mesmo em sua própria análise para que pudesse se dedicar a analisar seus pacientes. Da mesma forma, dedicou-se a este caminho por e desde dentro de si em sua autoanálise.

Freud extrapola este mesmo método de apreensão dos fenômenos, dedicando-se a extrair novos sentidos de obras artísticas, mitos e tragédias gregas, romances, biografias e, claro, dezenas de pacientes. O sentido dos sintomas e das angústias dos pacientes, por exemplo, estaria justamente dentro deles, comunicado de maneira criptografada através de condensações, deslocamentos, conversões, pantomimas, parapraxias das mais diversas naturezas, etc. A psicanálise surge como uma ferramenta, dotada de teoria, método e técnica, capaz de desvendar as moções anímicas escondidas nas coisas. Friedrich Schelling, filósofo romântico alemão, revela o quanto este modelo de abstração desde uma interioridade é oriundo do pensamento romântico:

> Mais do que qualquer outro pensador de seu tempo, Schelling concebeu que os valores e mitos, muito longe de serem auto-engano dos povos antepassados, ou mistificações deliberadas de padres e poetas, eram encarnações concretas do impulso humano de criar, que o homem compartilhava com toda a natureza. Ecoando Vico, ele afirmou que os homens só compreendiam o que viam a partir de dentro, como atores, e não de fora, como observadores. (BERLIN, 1999, p. 256)

Loureiro (2002) revela que para Schelling toda a matéria era dotada de vida imanente e portaria uma inteligência inconsciente (p. 60). De acordo com a autora, esta concepção de inconsciência das coisas é simultaneamente núcleo do programa estético romântico e núcleo da metapsicologia freudiana (p.59).

Como advertido há pouco, este aspecto em comum gera uma vastidão de conexões entre a estética romântica e a técnica psicanalítica, não significando que haja equivalências absolutas entre a obra de um autor, Freud, e um movimento científico, filosófico e artístico. Este é um tema que se tornou polêmico inclusive para Freud que, diante das equivalências entre o período romântico e a psicanálise escritas por Thomas Mann, manifestou explícito desagrado. Figueiredo (2002) aponta, neste sentido, que a psicanálise surge como um enclave no movimento romântico, ou seja, algo feito da mesma matéria-prima mas que se tornou independente e inassimilável em relação a sua origem.

E o movimento romântico, por sua vez, o que teria sido, em termos de produção de pensamento dentro de uma linha histórica da filosofia?

> O que foi o movimento romântico? Um aprofundamento e desenvolvimento do Século das Luzes? Ou uma reação deletéria a ele? Os estudiosos se

> dividem. Minha investigação me diz que ele foi um paradoxo: uniu desenvolvimento à reação contrária. (SANDLER, 2000, p. 26)

Um movimento[32], que apresenta como um de seus cernes de funcionamento a tolerância dos paradoxos, é capaz de carregar ao longo do século XIX um espectro considerável de elementos de naturezas distintas, valendo-se das mais diversas heranças culturais e filosóficas, sendo capaz de sonhar ao longo de um século a indigesta anatomia cartesiana.

> Recomeçava a aventura no desconhecido, o resgate da mente após tentativas de mapeamento racionalista, que haveria de provar ser um fator de desgaste do campo da filosofia. Trata-se de uma lição da história que o movimento psicanalítico aproveitou desde seus primórdios. (SANDLER, 2000, p. 75)

A ideia de "alma" presente em Rousseau e Goethe inaugura uma nova perspectiva para a apreensão da realidade psíquica, daí que o questionamento de Kant acerca do lugar da alma, abandonado desde Descartes e a inviabilidade empírica de encontrá-la anatomicamente, pode retornar nos sonhos dos poetas. A mente não porta mais simplesmente a racionalidade, há coisas no corpo que o movem e não são de carne e osso:

> A consciência não é mais um cenário ou palco no qual associações (no sentido de Locke e Hume) "funcionam" sob leis que, esperava-se, fossem newtonianas. Alma, espírito, consciência, como se chamou nessa época, ou mente, psique, personalidade, caráter, como viria a se chamar depois, tinha uma autonomia que incluía uma força livre e criadora: as paixões. Foi desse terreno recém-aberto que a psicanálise iria se instalar, devolvendo cientificidade e observação empírica a um campo que nasceu minado. (SANDLER, 2000, p. 79)

Encontramos, curiosamente, associações aleatórias a palavras como "alma", "caráter" e "personalidade" na boca do próprio Bion em um seminário na clínica Tavistock (BION, 1976a), ao responder uma pergunta sobre o motivo pelo qual usaria, por vezes, a palavra "personalidade" e, outras tantas, a palavra "caráter". Bion diz usá-las indiscriminadamente, como "alma", como algo que não sabe dizer exatamente o que é, mas que existe (p. 9).

Um dos absolutos no idealismo romântico, ou em outros termos, um dos elementos impreteríveis e independentes na construção do pensamento no Movimento Romântico é a *autoconsciência*:

---

[32] Sandler (2000) aponta diferenças cruciais entre a ideia de Movimento Romântico e sua contrapartida caricata, o Romantismo. Para o autor, o Movimento Romântico consiste em um conjunto de autores (filósofos, romancistas, poetas) capazes de recolocar enigmas sobre o realismo iluminista, sem recair em uma atitude demasiadamente idealista e passional, como se dá na radicalidade do movimento, o Romantismo.

> Necessária para o quê? Para a apreensão da realidade. Estes românticos e idealistas aproximavam-se mais e mais do fato de que a apreensão da realidade, depois de ter caminhado a partir de uma posição simplista, "sujeitos conhecem objetos", demandava algum tipo de consideração à apreensão da realidade psíquica. A mente lhes importava, não apenas a matéria. (SANDLER, 2003, p. 50, grifos do autor)

A partir do momento que existe um lugar interno, para o qual a própria consciência pode se dirigir, está preparado o solo para a psicanálise. A reabertura deste terreno interno e desconhecido, depois dos incrementos de observação exigente dos iluministas, resulta em apenas esperar a visita de Freud. É interessante notarmos, inclusive, que a própria obra freudiana parece ser uma reedição desta passagem, na qual a partir de 1914 o conceito de narcisismo abre uma nova visita, desta vez para a teoria psicanalítica entrar nos terrenos mais inconscientes da alma, colocando diante deste terreno reinaugurado pelos românticos uma placa de "sob nova direção". A ordeira deste terreno, desta vez, seria a metapsicologia.

> *A consequência maior do movimento romântico, que penso ser a psicanálise mesma, proveniente da medicina e da ciência, foi considerar a mente como instrumento, método e objeto de estudo.* "Mas isto é Kant", poderá dizer alguém. Interessa-nos que o período romântico deixou sementes que foram usadas de modo prático por Freud; foi a primeira vez que o ser humano começou a perceber *a inexistência do observador neutro*. Na observação, interferia a vida emocional. Não se falava nestes termos, mas o fato já estava lá. (SANDLER, 2000, p. 33, grifos do autor)

Flutuemos agora para as contribuições que a teoria do pensar e o estado de mente bioniano podem dar ao tema da espera charcotiana, temporalidade favorecedora para uma realização psicanalítica. Temos que o modelo de Bion pressupõe um ponto crucial no início do funcionamento mental: a decisão sobre fugir da frustração ou modificá-la (BION, 1962a, p. 155). Se há fuga, todos os pensamentos ganham a qualidade de objetos internos maus, demandando imediata evacuação. Se há modificação, surgem elementos capazes de criar uma temporalidade própria do sujeito.

A proposta de apreensão da realidade psíquica na clínica bioniana se configura justamente como esta capacidade de tolerar a frustração:

> O paciente pode estar descrevendo um sonho, seguido por uma memória de um incidente ocorrido no dia anterior, seguido por um relato de alguma dificuldade na família de seus pais. O relato pode levar três ou quatro minutos ou mais. A coerência que estes fatos têm na mente do paciente não é relevante para o problema do analista. Seu problema - eu o descrevo em etapas - é *ignorar essa coerência para que ele se depare com a incoerência e experimente a incompreensão do que lhe é apresentado. Sua própria análise deveria tê-lo possibilitado tolerar esta experiência emocional, embora ela envolva sentimentos de dúvida e até mesmo de perseguição*. Este

> estado deve durar, possivelmente por um curto período, mas provavelmente por mais tempo, até que surja uma nova coerência. (BION, 1963, p. 85, grifo nosso, tradução nossa)

Tolerar a experiência emocional, suportar a dúvida e perseguição advindas desta, significa esperar por um arranjo de elementos que possam alcançar a qualidade de abstração, uma transformação mental. Até que a função α faça seu trabalho, a concentração de elementos β gera no analista a sensação de desintegração, incoerência e persecutoriedade (BION, 1963, p. 38), aspectos que demandam continência e elaboração inconsciente.

Freud já diz em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (FREUD, 1911), citado por Bion em *Teoria do pensar* (BION, 1962a), que originariamente o pensar provavelmente se configura como um processo inconsciente e, aos poucos, mediante a "ligação a resíduos verbais", assume um lugar consciente. Em outros termos, ainda, o pensar inconsciente voltado para as relações entre as impressões de objeto dá, aos poucos, lugar à ligação a imagens verbais da pré-consciência, permitindo um fluxo de imagens resultantes.

A saída para essa turbulência pode culminar tanto em processos de cisão estendidos para ao "interior dos próprios processos de pensamento" (BION, 1962a, p. 155), quanto em processos de formação de símbolos, "cujo efeito terapêutico depende da habilidade de unir dois objetos para que fique patente sua semelhança, e se atenue a diferença entre eles". Atenuar a diferença significa encontrar uma qualidade de ligação, uma função capaz de associar objetos.

À medida que observamos os passos catastróficos do funcionamento psicótico, podemos observar a contrapartida pertinente à qualidade receptiva da mente do psicanalista, de modo que ao pensarmos intolerância, podemos decalcar a construção da tolerância, qualidade da função α. Quando o bebê identifica na falta do seio, um seio mau, temos uma pulverização catastrófica de malignidade, ao ponto em que o reencontro com o seio configurará "evacuar seio mau". Ao invés de reconhecer diferentes impressões de objeto que podem se ligar pela relação de ligação entre presença e ausência, o bebê toma-os ambos, bom e mau seios, presença e ausência, como graus idênticos de concretude, sem relevos mentais, sem atribuir qualidades psíquicas distintas. O repúdio ou tolerância ao pensar são, justamente, reflexos desta relação primordial.

A contrapartida configura uma mente capaz de estabelecer ligações, configurando um aparelho do pensar favorável a tolerar, associar elementos, construir narrativas. Atribui-se a este conjunto de fatores favoráveis à experiência psicanalítica uma nova abstração, a "função psicanalítica de personalidade", articulada com a teoria do pensar por Ribeiro (2019):

> O termo "função psicanalítica da personalidade" aparece na obra de Bion (1962/1991) em um único momento, quando descreve o vínculo K, o vínculo do conhecimento. Zimmerman (2004) afirma que essa função representa uma atitude diante da verdade e do conhecimento de si; ou seja, o movimento da mente humana na busca do sentido e da verdade das experiências emocionais, próprio a cada um. (p. 180)

E, mais adiante:

> O sonhar, por meio da *reverie* / função alfa, é um dos principais processos por meio dos quais a função psicanalítica da personalidade se manifesta. Bion propõe que a mente é equipada com essa função geradora, criadora de sentido, no infindável processo de elaboração das experiências emocionais, e da necessidade humana de encontrar o sentido e a verdade, única a cada um. (p. 181)

Função cuja custosa apropriação demanda milhares de horas de análise, supervisão e o hábito do ofício. Fato é que uma das tendências mentais está destinada a cindir, a fragmentar, resultante da destrutividade oriunda da pulsão de morte postulada por Freud, ou da destrutividade e da posição esquizo-paranoide postulada por Melanie Klein. Paradoxalmente, a posição esquizo-paranoide carrega capacidade de construção e vitalidade, dado que sua força é não apenas disruptiva, mas criativa e apontada para o crescimento.

Neste sentido primordial em que há uma tendência ao menor gasto de energia do princípio de Nirvana, ou que a apreensão primordial dos objetos é parcial, as experiências de descontinuidade ou continuidade pela via da malignidade são tão ou mais presentes que as de continuidade benéfica. A malignidade nas experiências de continuidade é descrita por Bion (1962a, p. 155) como minúsculos elos de ligação impregnados de crueldade (o "." do contido ou o "+" do continente), ligando os objetos de maneira cruel, perdendo a condição de plasticidade, de maleabilidade.

> Continente o contido são suscetíveis à conjunção e à permeação pela emoção. Assim, conjugados ou permeados, ou ambos, eles mudam de uma maneira geralmente descrita como crescimento. Quando desunidos ou despidos de emoção, eles diminuem de vitalidade, ou seja, se aproximam de objetos inanimados. Tanto o continente quanto o contido são modelos de representações abstratas de realizações psicanalíticas. (BION, 1962b, p. 356)

Nesta relação, caso seja promovedora de crescimento, recombinam-se os elementos dos muitos sistemas dedutivos científicos envolvidos em continente e contido, gerando expansões de ligações, capazes de promover novas experiências emocionais, *ad infinitum*. Bion denomina como ♂^{n} e ♀^{n}, sendo n representação da contínua possibilidade de

recombinações e expansões. A condição para que o contido de expanda[33], depende da capacidade de "tolerar a dúvida" e do "senso de infinito". (BION, 1962b, p. 360).

Para concluir os atributos fundamentais à sustentação da espera, apresentaremos alguns parágrafos referentes à característica de "capacidade negativa", considerada por Bion um elemento fundamental para o trabalho psicanalítico. As inspirações para o conceito derivam de duas passagens que Bion apresenta em um seminário na Sociedade Britânica de Psicanálise (BION, 1976b), ou seja, próximo ao fim de sua obra e, portanto, mais de uma década depois dos trabalhos de que ocupam a maior parte desta dissertação.

A primeira inspiração que leva Bion a falar de capacidade negativa é um trecho de carta que Freud escreve a Lou Salomé no dia 25 de maio de 1916, já referido anteriormente:

> Eu sei que escrevendo tenho que me cegar artificialmente para poder focar toda a luz em um ponto escuro, renunciando a coesão, harmonia, efeitos edificantes e a tudo aquilo que chamamos de elemento simbólico, assustado, como estou, com a experiência de que qualquer reivindicação, qualquer expectativa carrega dentro o perigo de destruir a verdade, apesar de podê-la embelezar. (FREUD, 1916, p. 65)

Bion inicia este seminário, antes da citação acima, com uma provocação: ao ser cobrado por apresentar exemplos clínicos, diz que desta vez se valerá de um: tratará da sessão clínica que as pessoas de sua platéia terão com seus pacientes no dia seguinte. Projetando a necessidade de memórias para um futuro incógnito, Bion lança todos a um esforço de imparcialidade.

> Eu acho que quando se trata da sessão real, o que sofremos não é falta de conhecimento, falta de teorias, falta de treinamento, tanto quanto demasiado conhecimento, demasiada teoria e demasiada luz. Agora, para essa pesquisa particular que estamos envolvidos, não penso em uma luz brilhante, se é que posso usar este modelo, mas em fazer uma situação tão obscura que um fio da vida aparecerá. (BION, 1977c, p. 130)

A outra inspiração para a ideia de capacidade negativa – e de onde vem a expressão propriamente dita, é atribuída a uma carta que o poeta romântico John Keats escreveu para seus irmãos em 22 de dezembro de 1817:

> [...] várias coisas se entrelaçam na minha mente (ele está fora caminhando com Dilke) e imediatamente me ocorreu qual qualidade é necessária para formar o Homem de Êxito, especialmente em Literatura, e que Shakespeare possuía tão imensamente – refiro-me à Capacidade Negativa, isto é, quando um homem é capaz de existir com incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer tentativa impaciente de alcançar fato e razão – Coleridge, por exemplo, se contentaria com uma verossimilhança isolada apanhada no

[33] Contanto que o vínculo K seja cabível nesta ocasião. Vínculo K seria a capacidade de transformar experiências emocionais em conhecimento.

> Penetralium do mistério, uma vez que era incapaz de se contentar com um conhecimento pela metade" (KEATS, 1817, p. 277)

Penetralium seria a parte mais secreta de uma construção. Samuel Taylor Coleridge, um dos fundadores do movimento romântico, desenvolveu um modelo de pensar a experiência poética baseado em dois modos filosóficos distintos de desenvolvimento da aprendizagem: o imitativo (mecânico) e o orgânico (imaginativo). "A mente, diz Coleridge, nada mais faz do que produzir sistemas de signos e, em sua 'cegueira de autocomplacência', é incapaz de perceber que não são símbolos, mas 'um produto falsificado da compreensão mecânica'" (MÉLEGA, 2011, p. 251). Traduzindo a passagens de Keats, Coleridge recorreria a uma combinação de elementos, entre o imitativo (verossimilhança) e o orgânico, em um processo de conhecimento adquirido predominantemente a partir de si mesmo.

Valer-se da capacidade negativa significa, justamente, suportar meias verdades, tolerar a experiência de não ter a menor ideia do que está acontecendo, conviver com a incerteza, a dúvida, até o ponto em que os elementos dispersos encontrem um ponto de confluência, ou que se conjuguem em alguma imagem psíquica na mente do analista[34]. Seguindo a ideia de conjunção constante, a imagem se forma "*fora* da geometria euclidiana (dedução-indução), fora da lógica aristotélica, superando-a sem recusá-la. Surge de um solo fértil e obscuro; é uma razão-mistério que a ciência positivista desconhece" (NAFFAH NETO & CINTRA, 2012, p. 37).

Este processo de espera é feito de múltiplas experiências, de idas e vindas, aquietações e inquietações, invisíveis pelo lado de fora, mas turbulentas por dentro. Nas palavras de Naffah Neto e Cintra (2012):

> Um psicanalista aprende o trabalho miúdo, anônimo, de atenção ao detalhe, de inserção na rede temporal da experiência, um trabalho de anamnese constante: retomar o fio solto do mal-estar que aí está e confiá-lo aos elementos da história que precisam ser resgatados e relativizados, lembrados e esquecidos, em um contínuo processamento metaforizante. (NAFFAH NETO & CINTRA, 2012, p. 36-37)

Seguiremos agora para as formações de linguagem e os elementos de pensamentos resultantes da condição de sustentação deste tempo, a espera, para que novos elementos surjam à mente do analista.

---

[34] A este movimento de formação de uma imagem, ou de identificação de uma conjunção constante, Bion dá o nome de "fato selecionado" (BION, 1962b, p. 352). Não desenvolveremos este conceito ao longo do trabalho por uma escolha em priorizar, nesta pesquisa, os estados de sustentação da dúvida, da incerteza, a tolerância de paradoxos, sem o estabelecimento de uma escolha ou uma comunicação, que em alguns casos seria um movimento seguinte para o psicanalista, caso não opte por seguir em silêncio quando uma imagem se forma ou uma interpretação lhe vem à mente.

4.2 O recuo

Retomemos os vestígios do romantismo que podemos encontrar na técnica psicanalítica. Para Rancière (2009), o pensamento freudiano só é possível com base na revolução poética-estética romântica, na qual surgem paradoxos fundamentais na edificação do estatuto do inconsciente. Tomemos o primeiro deles, segundo as palavras do autor:

> Tudo fala, isso quer dizer também que as hierarquias da ordem representativa foram abolidas. A grande regra freudiana de que não existem "detalhes" desprezíveis, de que, ao contrário, são esses detalhes que nos colocam no caminho da verdade, se inscreve na continuidade direta da revolução estética. (RANCIÈRE, 2009, p. 36)

Aqui encontramos o movimento fundamental das duas proposições técnicas psicanalíticas, atenção flutuante e livre associação, cada uma responsável por colocar em uniformidade, elevando a um nível aproximado de contato com a consciência todos os elementos, abstraindo censuras, fazendo prevalecer a abstinência de julgamentos diante das associações. No inconsciente romântico, bem como no freudiano, há sentidos naquilo que é considerado insignificante (RANCIÈRE, 2009, p. 11).

Sigamos agora para o segundo paradoxo engendrado pelo inconsciente estético do romantismo, que Rancière (2009) denominará de "pensamento no não-pensamento":

> [...] existe pensamento que não pensa, pensamento operando não apenas no elemento estranho do não-pensamento, mas na própria forma do não-pensamento. Inversamente, existe não-pensamento que habita o pensamento e lhe dá uma potência específica. Esse não-pensamento não é só uma forma de ausência de pensamento, é uma presença eficaz de seu oposto. Há, portanto, sob um ou outro aspecto, uma identidade entre o pensamento e o não-pensamento, a qual é dotada de uma potência específica. (RANCIÈRE, 2009, p. 34)

Consideremos, também, a correspondência hegeliana entre pensamento e não-pensamento no patamar existencial, ou seja, eu e não-eu. A autoconsciência proposta por Schelling implica, inexoravelmente, este paradoxo de que, para ver-se, para olhar para dentro, é preciso ser si-mesmo e ao mesmo tempo inaugurar um olhar alheio a si para observar-se:

> Podemos examinar *como* isso se dá na obra de Hegel. Para o "absoluto" se autoconceber, ele precisa de *"desdobrar"* entre **ele** e o **não-ele**, que correspondem, a meu ver, ao Ego e ao Não-Ego de Fichte [...]. Hegel não usa estas terminologias. Usa o termo "Ser". Na hora que ocorre este *"desdobramento"*, ocorre também uma oposição dialética: o Absoluto se opõe a si mesmo e ao Outro. (SANDLER, 2003, p. 50, grifos do autor)

Esta identidade entre pensamento e não-pensamento, entre o exercício da linguagem e a impossibilidade de apreensão absoluta de um fenômeno, diz da aguda consciência que os românticos têm do hiato entre palavra e coisa (LOUREIRO, 2002, p. 253). Este impasse gerado entre a proposição técnica e a teoria psicanalítica, de trabalhar a apreensão no terreno do incessante inapreensível, se apresenta inclusive na contradição entre a técnica possível e o objeto a que ela se destina já que, segundo Mahony (1990), a essência da linguagem é linear ao passo que os acontecimentos psíquicos são sobredeterminados.

Cottet (1989) considera, neste contexto, que o analista se coloca em sua atenção a serviço dos processos secundários e o analisando, ao livre associar, coloca-se a serviço dos processos primários. Aqui podemos incluir os opostos se quisermos sustentar nossa proposta dos paradoxos, sem clivar as funções mentais, reservando apenas uma parte do funcionamento mental para cada parte do par analítico. Podemos notar, ao longo deste trabalho, o quanto a questão da técnica em Freud implica justamente esta ambiguidade que, a nosso entender, é inerente à natureza da realidade psíquica e, mais especificamente, ao estatuto de permanente intangibilidade do inconsciente. As regras de flutuação e liberdade no exercício da psicanálise encontram-se em constante tensão com a concepção de resistência.

Colocar o estado de mente sem memória e desejo para agir na clínica, ou seja, transformar as múltiplas impressões do presente em interpretações, pode resultar em uma atitude que Figueiredo e Coelho Junior (2008) consideram de demasiada implicação, no qual tudo que um paciente disser será usado contra ele (p. 31). Os autores defendem um estado de reserva, para que a apreensão da realidade psíquica se dê, ou, em seus próprios termos, que a "superfície psíquica" do paciente seja alcançada, sem atropelar as resistências em um excesso de implicação (p. 31).

Há, portanto, uma evidente assimetria no campo da apreensão, se compararmos o campo de percepção da atenção flutuante com o exercício da associação livre. A predominância dos processos secundários na atenção flutuante implica o analista em ouvir, notar, ter notícias de si e pensar o que fazer, experiências sobredeterminadas e acessíveis apenas através da estreita linha do fluxo de consciência sob a atenção flutuante.

Aqui deparamo-nos com a estreita linha na qual podemos apreender a realidade psíquica, pela dedução das representações e as antíteses que subjazem a elas, alternadamente, mas nunca ao mesmo tempo. O paradoxo, neste caso, é o campo deduzido de manifestações em linearidade, quer seja através do fluxo de pensamento, quer seja através das associações livres. A ideia do novelo de lã, tão comum em imagens de um analista escutando, é bastante

representativa desta questão inerente à consciência. Um outro modelo é o de Freud, no trem, assistindo às paisagens ao longo de uma viagem.

É justamente a condição da consciência – sua estreiteza, que gera a discrepância entre os reinos da consciência e da inconsciência. Enquanto no primeiro só uma coisa de cada vez é permitida, no segundo todas as coisas existem surreal e simultaneamente. O princípio da ironia buscaria esta condição maior? Esta abrangência de elementos díspares, fora da lógica comum? Freud descreve, por exemplo, o recalcado se manifestando de maneiras distintas na neurose obsessiva e na neurose histérica. Na neurose obsessiva, por ser um sofrimento predominantemente racional, as ideias conflitantes advêm em dois tempos, primeiro uma, depois outra – primeiro o desejo, depois a culpa. Na neurose histérica, em contrapartida, por ser um sofrimento convertido em representações fora do campo das palavras, ambos desejo e culpa podem manifestar-se em um único ato, como se dá nos ataques histéricos.

> A dificuldade surge quando se perde de vista o fato de ambos serem **um só**. A divisão parece estar parcialmente – mas apenas parcialmente – ligada a um modo de falar. Os processos de formação e formulação verbal dependem de uma capacidade de formar vínculos, mas também de não-vinculação, ou um *splitting* útil. Não é sequer possível falar, verbalizar – o ato de falar – sem este *splitting*. O *splitting* no âmbito da percepção e de etapas de apreensão parece ter deixado a ideia de que a realidade seria clivada. (SANDLER, 2003, p. 120, grifos do autor)

Em *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud, no capítulo sobre os recursos figurativos do sonho (será que estamos no campo da *reverie*?), contraria uma afirmação anterior de que o sonho não teria recursos para representar contradições. Aqui Freud entende que os sonhos suportam sentidos antitéticos, contanto que consigam encontrar uma solução para representar as tensões antitéticas, de modo que não se manifestem escancaradas. A oposição pode encontrar um substituto por deslocamento, o "não" pode ser representado por uma abrupta paralisia, ou as contradições podem se estender ao longo da temporalidade do sonho, de modo que em um momento da narrativa se configura uma inversão de clima, de imagens, de valores, de modo a representar, em dois tempos, a tensão paradoxal operante no material trabalhado pelo sonho. São infinitas as possibilidades, dentro da maleabilidade da linguagem e das possibilidades oníricas, de abrigar antíteses, de ligar opostos:

> Altamente notável é o comportamento do sonho em relação à categoria de *oposição* e da *contradição*. Essa categoria é simplesmente negligenciada; o "não" parece não existir para o sonho. Com especial predileção, as oposições são reunidas ou figuradas numa unidade. O sonho também toma a liberdade de figurar um elemento qualquer pela sua antítese de desejo, de modo que de início não sabemos se um elemento que admite um oposto está contido

> positiva ou negativamente nos pensamentos oníricos. (FREUD, 1900, p. 341, grifos do autor)

Esta passagem serve como estímulo para o artigo *Sobre o sentido antitético das palavras primitivas* (FREUD, 1910b), no qual é percorrido um caminho de retorno à antiguidade. Freud identifica, na pesquisa de Karl Abel, publicada em 1884, um percurso de dissecação da formação das palavras. Encontraremos, nos próximos parágrafos, a capacidade de Freud de percorrer meio caminho em direção às abstrações da constituição do pensamento.

Karl Abel descreve um número significativo de palavras com dois sentidos na antiga língua egípcia. São palavras que representam tanto uma coisa ou um sentido, quanto seu radical oposto. O autor rejeita a hipótese de homofonia casual e tampouco considera que isto seria relativo à precariedade de uma civilização que, bem sabemos, era o revés desta hipótese: os egípcios eram avançados em cultura, em engenharia, nos códigos de leis, na construção de um pensamento moral.

Há, para além de palavras que portam sentidos antitéticos, algumas que carregam, de fato, os dois sentidos no mesmo vocábulo, formando-se estruturas como "velhojovem" ou "longeperto", somando-se contradições conceituais e assegurando que os gestos ou as ocasiões tornariam explícito qual parte da palavra a comunicação busca. Freud cita as palavras de Abel: "Assim, desde que todo conceito é irmão gêmeo de seu oposto, como poderia ele ser primeiramente pensado, como poderia ser comunicado a outras pessoas que buscavam pensá-lo, se não medido pelo seu oposto?" (ABEL, 1884 *apud* FREUD, 1910b, p. 307).

Os sentidos de "velho" ou "jovem" não existem para os egípcios da antiguidade. É a relação de continuidade e diferença entre ambas que cria um sentido, revelando que em um primeiro momento não havia distinção das partes da antítese, mas uma palavra apenas capaz de significar um espectro de experiência sensorial. Trocando em miúdos, Freud está aqui dizendo que no início não era o verbo: no início era o paradoxo.

Freud apresenta alguns exemplos da língua de outros povos da antiguidade que carregam a primitividade paradoxal das palavras. No latim, por exemplo, *sacer* significa tanto "sagrado" quanto "maldito" (FREUD, 1910b, p. 309). O mesmo se aplica para a palavra *noa*, em *Totem e Tabu* (FREUD, 1912b, p. 42), que significa tabu, palavra que porta simultaneamente o sentido de sagrado e impuro. Dentre os exemplos, vale citar um que existe até hoje, na língua inglesa: *without* significa "sem", mas traduzindo ao pé da letra, resulta em "comsem".

Coloquemos agora o pensamento de Bion para iluminar a hierarquia das representações. Lembremos que Bion situa o conceito de barreira de contato como membrana de separação e ligação, separando fenômenos mentais em dois grupos, funções de consciência a funções de inconsciência (BION, 1962b, p. 289).

A capacidade de ligação entre mentes, dada através das palavras, encobre a qualidade inconsciente que subjaz aos sentidos partilhados. Bion atribui a este fenômeno o nome de "hiato semântico", considerando que se dois adultos usarem a palavra "amor", indicam necessariamente coisas diferentes. Paradoxalmente, a palavra aproxima, ao passo que ressurge uma distância dado que "amor" configura experiências distintas. Isto significa que uma abstração é capaz de produzir generalizações, ao mesmo tempo que uma abstração afasta da experiência singular.

A palavra, portanto, estaria a serviço das qualidades secundárias de Kant, ou seja, aquilo que se aproxima das impressões dos sentidos. As qualidades primárias teriam a condição de inacessibilidade ao pensar, são o númeno, a coisa-em-si. Esta diferença entre qualidades secundárias e primárias, apresentada rapidamente em *Aprendendo com a Experiência* (BION, 1962b), tem por objetivo colocar o lugar do não-saber, do desconhecido, dentro de uma esfera epistemológica. Troca-se o inconsciente freudiano, enquanto desconhecido-conhecido do recalque, de um outro tempo, pelo incognoscível bioniano, infinito vazio e sem forma, enquanto um campo que não cessa de se impor à capacidade de conhecer.

Bion trata do problema das representações "considerando que passos seriam necessários para estabelecer um método bem sucedido de não-representação" (BION, 1962b, p. 318, tradução nossa). No funcionamento psicótico, a palavra perderia a qualidade de abstração e generalização, enquanto efeito da função α. Deste modo, as palavras indicam concretude, tornam-se coisas-em-si. No funcionamento psicótico:

> [...] "palavras são coisas". Em um sistema formal, projetado para representar o vínculo K, é necessário introduzir elementos que representem a não-representação. Isto pode ser feito muito simplesmente tomando emprestado da geometria algébrica o procedimento pelo qual uma mudança de sinal, digamos para uma linha AB, representa uma mudança no sentido da linha. K representa o vínculo que eu esbocei: -K representa o vínculo constituído pelo NÃO entendimento, ou seja, o mal-entendido. (BION, 1962b, p. 319, tradução nossa)

O vínculo K consistiria no processo de ligação entre produção de sentidos e experiências emocionais, a construção de signos. Sua contrapartida, -K, representa o caminho

na direção inversa, a concretização das palavras, tirando-lhes a qualidade comum aos elementos α. Recolocando a teoria do apoio de Freud em um novo patamar de compreensão, em que "fome e amor" se convertem em "enunciado concreto e abstração". O enunciado concreto seria: "Eis o seio de que depende para satisfazer a fome por alimento". A abstração, seria: "Eis algo que dá e lhe dá o que deseja, quando o deseja".

Bion entende que a adesão a enunciados concretos consistiria na intolerância à frustração própria ao aprender, abrigando-se em "fantasias de onisciência e uma crença em um estado onde as coisas são conhecidas. Conhecer algo consiste em 'ter' algum 'pedaço de' conhecimento [...]" (BION, 1962b, p. 333, tradução nossa). A cena de Édipo diante da Esfinge revela o pendor lançado pelo monstro para o enunciado concreto: "Decifra-me ou te devoro" leva justamente à ilusão de decifração e ao aniquilamento diante da possibilidade de conhecer ao invés da partilha de ter *um tanto* de saber. O resultado, uma tragédia psíquica.

Enunciados concretos constituem elementos β, isto é, "a coisa-em-si e não o nome que a representa" (BION, 1962b, p. 350). Se há modificação da coisa-em-si, constituem-se elementos α, isto é, "o nome é nome da representação de uma coisa-em-si". A concepção de mente bioniana caminha nestes dois sentidos, de ligação e rupturas, em um interjogo destes campos, entre a coisa-em-si e a capacidade de abstração. Voltemos agora para as articulações entre Freud e o período romântico, para averiguarmos o quanto este interjogo bioniano é capaz de iluminar a atitude romântica.

As águas turvas pelas quais nadam os psicanalistas, apreendendo estes múltiplos fenômenos simultâneos em suas flutuações, é semelhante à concepção de inconsciente de Freud, na qual os opostos representacionais coexistem e cujo terreno mapeado constitui-se de sinuosa paisagem de tópicas, instâncias, pulsões, princípios e fantasias. O inconsciente freudiano, bem como o romântico, vive a "abolição de um conjunto ordenado de relações entre o visível e o dizível, o saber e a ação, a atividade e a passividade" (RANCIÈRE, 2009, p. 25)

Este terreno quebradiço, carregado de rachaduras e fragmentações, pedaços independentes e inapreensíveis, que marcam e qualificam a experiência de apreensão da realidade, é considerado pelos românticos como resultado de uma alienação que o ser humano vive em relação ao mundo natural. Schubert, por exemplo, batiza este movimento de "queda", uma verdadeira clivagem entre homem e natureza, à medida que sonha a restauração desta unidade perdida. Na "queda" de Schubert, o homem progressivamente desenvolveu-se intelectualmente e afastou-se de sua natureza primitiva. Schlegel, da mesma forma, considera

que o entendimento e a reflexão são os principais responsáveis pelo isolamento, pela separação e pela destruição das totalidades. Nas palavras de Peter Szondi: "A essência da época moderna é a cisão; a finalidade em direção à qual ela tende principalmente é a unificação. A vontade de ultrapassar as contradições e de unificar o que está separado motiva as declarações mais diversas de Schlegel" (SZONDI, 1991, p. 95).

A cisão com a natureza não a elimina, mas a deixa sem dono correndo pelas entranhas, arrebanhando elementos do pensamento, reinaugurando movimentos primitivos. O Homem dos Ratos (FREUD, 1909b), por exemplo, perguntava-se como podia que em momentos tão diferentes de sua vida ressurgisse a ideia da morte de seu pai associada a seus desejos de casar com sua amada. Nas palavras de Sandler (2000):

> A negação do que é Natural e Simples aparece nos estudos sobre a assim chamada neurose obsessiva e em *O Mal-Estar na Civilização*; Freud vinculou aos assim chamados processos civilizatórios a dificuldade que nós, seres humanos, temos em diminuir o *"imenso golfo"* puramente psíquico em relação à nossa animalidade. Negada e clivada, fica na escuridão da inconsciência e corre solta, desbridada, bestial. (p. 39, grifos do autor)

Schlegel identifica, neste afastamento que o homem faz da natureza, uma reverberação interna infinita, algo como uma multiplicação de fragmentações que geram uma série de movimentos independentes e reflexivos dentro do homem romântico, que Szondi chamará de "série infinita de espelhos". A este fenômeno, Schlegel dá o nome de "dialética da reflexão":

> O sujeito, relegado ao isolamento pelo mundo moderno, toma distância em relação a si mesmo, olha-se a partir de fora ao mesmo tempo em que olha para o mundo. Através desta visão objetificadora, que tudo reduz à aparência, consegue ultrapassar provisoriamente a cisão que desencadeara o movimento reflexivo. Mas a cisão interna persiste (sujeito tornado objeto para si próprio) e só pode ser suplantada por um novo movimento reflexivo, o que sugere a necessidade de um desdobramento perpétuo da reflexão. (LOUREIRO, 2002, p. 217)

Ora, a introspecção enquanto movimento psicológico independe desta explicação e é anterior a Freud. Mas as características de interioridade que ela gera, isto sim tem considerável pertinência a nosso trabalho, pois qualifica, ainda que metafisicamente, um campo absolutamente amplo sobre o qual a atenção flutuará. Para que haja atenção flutuante é fundamental que se conceba esta conversa interna e autônoma, independente da atenção deliberada. O estatuto do inconsciente freudiano tem suas origens justamente nesta perspectiva, de que há vozes internas que escapam à objetividade e, mais do que isso, que quanto maior for a objetividade, menos apreensíveis serão estas vozes. "Todos sabem que,

tanto para Rousseau quanto para Kant, para descobrir o que se tinha de fazer era preciso escutar uma voz interior". (RANCIÈRE, 2009, p. 245)

A ideologia dos românticos, paradoxalmente, aponta para a retomada desta unidade perdida. O homem romântico vive o desespero da impossibilidade de fusão com a natureza e a perseverante esperança de reunificação com esta (FIGUEIREDO, 2002, p. 13). Tanto Schlegel, quanto Novalis, por exemplo, idealizam este movimento. Para Schaeffer, a palavra-chave da ideologia romântica é "unidade" (LOUREIRO, 2002, p. 203).

> Na mesma linha que a indicada por Schaeffer, Danièle Cohn sugere que os românticos não suportam ver barrado o acesso à coisa em si: pretendem contemplá-la, querem "... dissolver a objetividade do objeto para fazer surgir sua 'coisidade'", sonham em conseguir "figurar o mistério". (LOUREIRO, 2002, p. 204)

Dentre os filósofos veremos o mesmo acontecendo, culminando no oposto da crítica à radicalidade de um realismo ingênuo. O romantismo, levando a ânsia em aproximar-se do númeno, acaba por recair em um idealismo ingênuo, no qual a realidade material deixa de importar em sua totalidade, abandonando-se o rico paradoxo de sua época. Curiosamente, como apontará Sandler (2000), recair em uma ponta do paradoxo ao invés de sustentá-lo faz surgir seu par antitético de forma clivada e desvitalizada, caricata:

> *Tenho a impressão de que o movimento romântico, ao lado de valorizar propagandisticamente o "natural", foi perdendo, quando se tornava "romantismo", a base biológica que os iniciadores do Iluminismo tinham*. A valorização da natureza era idealística, e não científica, não se baseava em observação empírica do que é real. O empirismo, por sua vez, se deteriorava de modo clivado, escorregando de volta para sua origem etimológica, hipervalorizando um método limitado de apreensão da realidade: o uso do sensório. (SANDLER, 2000, p. 38, grifos do autor)

A esperança romântica aparece em Freud e temos na proposição da atenção flutuante e da associação livre um de seus pontos mais emblemáticos. A natureza das técnicas empregadas no encontro analítico se propõe a facilitar a comunicação direta entre inconscientes, sendo o inconsciente do analista um receptor para o inconsciente do analisando. Para Schelling, dentre as forças que aproximam o homem da reunificação a um organismo total, estariam o sonambulismo, o sonho e sono (LOUREIRO, 2002, p. 64). Em Freud, respectivamente, o primeiro é primo da técnica da hipnose. O segundo, a via régia para o inconsciente. O terceiro, o estado em que cessa a atividade da consciência e onde a natureza inconsciente encontra segurança para se manifestar. As técnicas advindas da hipnose guardam

esta proposição de acesso a este terreno ao passo que colocam o analista em posição menos objetiva e racional, mobilizando-o a trabalhar diretamente com seu próprio inconsciente.

> Essa tal Natureza nos dotou de desejos ligados às nossas necessidades, em termos de sobrevivência individual e da espécie – fome, sede e sono; e procriação. O sentido interno disto, estar de acordo com a própria Natureza e necessidades, infinitamente mais complexas do que o rude esboço que delineio, pertence ao campo dos "imperativos categóricos" de Kant, à teoria dos instintos de Freud e de Klein. (SANDLER, 2000, p. 40)

Loureiro (2002) aponta, por fim, que prefere considerar Freud um "iluminista sombrio" (p. 249), já que se manteve politicamente estabelecido dentro do território das ciências da natureza, refutando qualquer reivindicação de uma *weltanschauung*[35] própria à psicanálise. No entanto, o lado sombrio do estilo freudiano é compatível com a ironia romântica, caracterizada pela simultaneidade de uma intenção de reunificação e da constatação de sua impossibilidade. Esta marca aparece inúmeras vezes no texto freudiano, à medida que busca explicações científicas e recai na impossibilidade de acessá-las. A ironia do homem romântico, encarnada em Freud, consiste justamente neste empreendimento infinito de busca pela totalidade, um movimento cuja tradução Figueiredo (2002) encontrou na palavra inglesa *longing* (p. 13).

Na obra freudiana (e mais especificamente na teoria da técnica) vemos inúmeras vezes este lugar de apreensão impossível, de desespero esperançoso. Como vimos anteriormente, as ideias de "atenção desatenta" (RODRIGUÉ, 1995a) e "passividade alerta" (GAY, 2012) aludem justamente a este campo paradoxal. Na história da psicanálise é comum encontrar expressões que apontem justamente esta coexistência de expressões contraditórias que exprimem a ironia romântica. Quando Krafft-Ebing opinou que a teoria da sedução parecia um "conto de fadas científico" (GAY, 2012, p. 109), Freud recorreu a Fliess e teve em seu companheiro transferencial a reesperança de que os contos de fadas encerram verdades ocultas (GAY, 2012, p. 111).

Phillips (2002), ao apontar a ironia de uma técnica que implica o uso do inconsciente, conta-nos que o movimento freudiano de explicação da técnica é, recorrentemente, algo como "[...] eis o que você deve fazer, e eis aqui por que isto não funciona" (PHILLIPS, 2002, p. 16, tradução nossa).

Figueiredo e Coelho Junior (2008) apresentam a posição do analista como uma "presença reservada" ou, "como se poderia pensar segundo a feliz expressão de Luís Carlos

[35] "Visão de mundo" ou "cosmovisão" em alemão. Freud dedica uma conferência exclusivamente a este tema em *Acerca de uma visão de mundo* (FREUD, 1933, p. 321)

Menezes, de uma 'presença côncava, um oco', uma espécie de 'interlocutor virtual' (p. 24). Os autores também apresentam as expressões "silêncio receptivo", "penumbra acolhedora" e "atenção/desatenção".

Temos, em Freud, o exemplo de um homem cujo intelecto não impediu o esforço de olhar para as forças ocultas da natureza. Pelo contrário, Freud enfrentou a realidade psíquica com sobriedade, incluindo sua marca de personalidade. Basta notar a experiência de transferência mais primordial do movimento psicanalítico, em sua autoanálise, e teremos notícias da relação que Freud estabelecia entre o conhecimento e o afeto. Diante da inevitável constatação de que perderia seu pai, Freud comunica a Fliess o desejo de reencontrá-lo e "novamente viver com o coração e a mente juntos" (GAY, 2012, p. 104). De acordo com Guimarães e Próchno (2016), o "movimento romântico, segundo Sandler (2000), expõe que, além da cabeça, o homem possui um coração, o que metaforicamente estaria associado e tomado como sede das emoções para os poetas" (p. 436).

Aqui vemos, por fim, um projeto que abriga as totalidades, de modo que o pensamento e o não-pensamento, o eu e o não-eu, têm lugar. É deste modo, por exemplo, que Freud pode falar em pulsão (*trieb*) e abrigar em sua teoria a polissemia da palavra alemã, cujos sentidos abrangem tanto o campo dos instintos quanto o campo das paixões, tomando-o como um conceito que faz a ponte entre o somático e o psíquico.

> Movimento Romântico: subjacente a essas manifestações, além da cabeça, o homem possui um "coração", aqui metaforicamente tomado como a sede das emoções para os poetas; *"pensa-se" com os dois*. O contato com a realidade não pode ser feito apenas através da lógica, do raciocínio. E mais do que isto, reconheceu-se, não sem algum desgosto: não pode ser feito exclusivamente com a consciência [...]. (SANDLER, 2000, p. 31, grifos do autor)

Embora a ironia romântica se expressasse comumente nos dizeres e desdizeres de Freud, e ainda que retificasse a natureza inacabada de seu pensamento ao fim de muitos textos, sua construção também inclui um esforço de descrição objetiva da realidade psíquica. Em outros termos, Freud encontra um olhar iluminista, em linguagem predominantemente científica, sobre esta condição obstinada de buscar por uma unidade e concomitantemente desencontrar-se com a mesma.

O resultado desta combinação, entre o espírito romântico e a persistência na defesa de uma *weltanschauung* científica, consiste em um texto de natureza assaz original, descolado de ambos movimentos nutridores da psicanálise.

> *Ó, pela musa do fogo do ourives, do solvente dos escribas! Ela ousará desinfetar o* ***uso natural dos sentidos*** *do* ***uso antinatural das abstrações****, por meio do qual nossos conceitos sobre as coisas ficam tão mutilados quanto o nome do criador fica* ***suprimido*** *e blasfemado* (HAMANN, 1780 *apud* SANDLER, 2003, p. 30, grifos do autor)

Encontramos, em Bion, um esforço de introjetar o funcionamento da ironia romântica, incorporando em suas comunicações a condição paradoxal do esforço de comunicação da realidade psíquica associado à impossibilidade de acessá-la tal como verdadeiramente é. Daí um de seus aforismos preferidos de Bion, de autoria de Maurice Blanchot: "A resposta é a desgraça da pergunta" (BION, 1976b, p. 79, tradução nossa). Bion costumava fazer comunicações e enunciar questões de maneira que não se saturassem de sentido em sua enunciação ou que, então, prescindissem de respostas, exigindo que seu interlocutor e seu leitor estivessem presentes e buscassem dentro de si um sentido. Trata-se portanto de um texto vivo e aberto, no sentido de que é capaz de revelar continuamente uma nova interioridade daquele que o lê ou o escuta.

> Bion sempre sentiu que o problema com a maioria dos escritos psicanalíticos é que estes não trazem à vida os personagens humanos, de modo que a teoria parece estar bastante separada da realidade emocional e ter pouco a ver com ela, e esse estilo evocativo de escrita foi sua resposta para o problema. (TALAMO, 1997, p. 50, tradução nossa).

A solução evocativa da escrita de Bion foi, justamente, a de trazer à vida aquele que o lê, de modo que cada interlocutor de sua obra possa ter um encontro único e vivo: "Bion evitava a linguagem falada e/ou escrita comum porque ela era derivada dos sentidos, significando que ela era *representativa* do objeto (representação de objeto), mas não revelava a vitalidade humana do objeto em um estado de fluxo ou evolução" (GROTSTEIN, 2011, p. 67, grifo do autor).

Sua escrita busca escapar da ordem das representações, justamente aquela que Rancière diz cair ao tratar do inconsciente estético do romantismo. Uma escrita pautada por representações saturadas de um encontro analítico, em uma narrativa formal e cronológica, consiste em um relato estanque do passado diante do qual o leitor seria meramente um observador. Bion avança, ao longo de sua obra, para uma escrita e comunicações orais de natureza maiêutica e próximas dos processos primários, ou seja, fora do campo de lógica espacial e temporal típicas de uma narrativa convencional

> Minha ideia é que toda sua leitura de filosofia científica e de filosofia da matemática ao longo dos anos sessenta permitiu-lhe ampliar seu conceito de ciência e decidir que um relato realmente científico da psicanálise deveria

> levar em conta tanto o "pensador" como o "pensamento sobre" (TALAMO, 1997, p. 56, tradução nossa).

Seus textos, principalmente a partir de suas publicações epistemológicas da década de 60, passam a representar modelos para o psicanalista pensar a sessão (a concepção de função α, a Grade e o conceito de transformações). Em sua obra Bion migra progressivamente para uma posição contínua de vir-a-ser, em busca de uma verdade incognoscível que não cessa em se impor à dupla analítica, de modo que todo conhecimento adquirido na sessão já não é mais importante e demanda novos pensamentos.

4.3 A tolerância de paradoxos

> O inconsciente é o psíquico propriamente real, *tão desconhecido para nós segundo sua natureza interna quanto o real do mundo externo; ele nos é dado pelos dados da consciência de maneira igualmente tão incompleta quanto o mundo externo pelas informações de nossos órgãos sensoriais*. (FREUD, 1900, p. 640, grifos do autor).

> Proponho usar o termo *"movimento romântico"* para caracterizar concentrações de autores em determinados espaços-tempos históricos, capazes de levar a cabo de modo particularmente eficaz a observação realística e iluminada da realidade psíquica. (SANDLER, 2000, p. 31, grifo do autor)

Dos inúmeros recortes que a extensa obra freudiana oferece para examinar esta condição, optaremos pelos conceitos de princípio de prazer e princípio de realidade, apresentados esquematicamente em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (FREUD, 1911). Teremos como apoio o *Vocabulário de Psicanálise* (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). Consideramos que os princípios de funcionamento do aparelho psíquico constituem uma base sobre a qual podemos localizar o restante da teoria freudiana sobre a técnica, uma vez já incluídos os processos primário e secundário.

Freud apresenta o princípio de prazer como um princípio econômico, de regulação autônoma, que opera diante do aumento de desprazer resultante do acúmulo de excitações no interior do aparelho psíquico, demandando por conseguinte a descarga de excitações para reequilibrar o sistema (reduzindo desprazer, buscando prazer). Por se tratar de um princípio de funcionamento autônomo, ele ignora ou tem relação apenas indireta com estímulos que advenham de um outro registro e se apresentem ao aparelho psíquico, em perpétua demanda de que um acúmulo de excitação seja evitado e que os represamentos sejam escoados de

alguma maneira. "Nossos sonhos noturnos, nossa tendência, quando acordados, de fugir às impressões penosas, são resíduos da dominação desse princípio e provas de seu poder" (FREUD, 1911, p. 111).

Em par com o princípio de prazer, surge o princípio de realidade, cuja distinção se dá por constituir-se de energia ligada, e não livre como opera o princípio do prazer em seu estado original. Isso significa que o princípio de realidade surge no momento em que o bebê prescinde de uma resolução alucinatória para a ausência de satisfação e inclui, em seu funcionamento mental, o reconhecimento de um objeto real que lhe provê satisfação, suportando sua percepção e o decorrente desprazer oriundo de sua ausência. "Já não se imaginava mais o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável" (FREUD, 1911, p. 112), ou seja, o princípio do prazer cede espaço ao surgimento do princípio de realidade.

Na obra freudiana, a convivência de dois princípios que operam em direções contrárias implica o surgimento de um infinito conflito, insolúvel, cuja intermitente tensão produz uma série de fenômenos mentais. A insistente demanda de prazer, apesar das notícias da realidade, promove o surgimento das fantasias, devaneios e sonhos, bem como a retomada da alucinação como resolução de prazer. Os órgãos dos sentidos geram qualidades sensoriais para as quais a atenção "vai de encontro às impressões de sentido ao invés de aguardar seu aparecimento" (FREUD, 1911, p. 113). Podemos entender que a natureza endógena da alucinação se reconfigura de maneiras complexas uma vez instaurado o princípio de realidade, gerando arranjos mentais plurais entre sensorialidade e pensamento.

A substituição de prazer por realidade "não se efetua de uma só vez e simultaneamente em todos os pontos" (FREUD, 1911, p. 115), isto querendo dizer que os processos mentais ganham progressivamente uma natureza híbrida de elementos de realidade e elementos de prazer imbricados. Os processos inconscientes reprimidos ganham tamanha autonomia que não demandam mais a prova de realidade, apenas pensar já é o suficiente para que algo seja pressuposto na realidade ou, nas palavras do autor, "a realidade do pensamento é equiparada à realidade externa" (FREUD, 1911, p. 119). É desta maneira que passam a ser evitadas tanto impressões da realidade quanto fantasias em *status nascendi* (p. 116).

Um exemplo bastante conhecido da interiorização deste processo de encontro do eu-de-prazer com a realidade é descrito em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920b), mais especificamente no item II, no qual encontramos a narrativa da brincadeira do carretel (o *fort-da*) como um primeiro exercício lúdico de experimentação interna de prazer e desprazer, no

qual o bebê afasta o carretel de si, proferindo um forte e prolongado o-o-o-o, cujo significado é "*fort"* ("foi embora") e, em seguida, puxa de volta para si o carretel, gritando um alegre "*da*" ("está aqui"). Freud interpreta este jogo como um exercício interno de representação do que fora, há pouco tempo, uma notícia exclusivamente da realidade externa, que aos poucos ganha interioridade.

> O lançamento do objeto, de modo que desapareça, poderia constituir a satisfação de um impulso, suprimido na vida, de vingar-se da mãe por ter desaparecido para ele, tendo então o sentido desafiador: "sim, vá embora, não preciso de você, eu mesmo a mando embora" (FREUD, 1920b, p. 174)

Este processo de múltiplas dobras e redobras internas e externas, borrando de maneira definitiva as fronteiras entre interioridade e externalidade, é ainda melhor descrito neste momento, em 1920, e nos remeterá, sem grandes esforços, à ironia romântica, à "dialética da reflexão" de Schlegel, à "queda" de Schubert, bem como à ruptura da hierarquia das representações proposta por Rancière (2009), como citados neste mesmo capítulo.

> Na infância do movimento romântico, como na infância humana, a distinção entre realidade e ficção, verdade e alucinação acabou ficando infactível. A busca do conhecimento encontrava agora um obstáculo talvez mais sério do que qualquer outro com o qual jamais havia se deparado. O obstáculo, paradoxalmente, era também seu maior aliado: a emoção e a paixão. (SANDLER, 2000, p. 34)

A possibilidade categórica de discriminação das realidades psíquica e material mostra-se absolutamente impossível dentro do arcabouço teórico de Freud. O modelo do psiquismo surge justamente da ausência do seio após a primeira mamada. A partir deste momento, na experiência de atividade alucinatória de desejo, o bebê alucina o seio, ato notadamente testemunhável nos movimentos de sucção que retoma a fazer na ausência de sua mãe. Surge, neste ponto, em todo humano, como experiência transcendente, o paradoxo de apreensão das realidades.

> **O mundo subjetivo, diz-se agora, é pelo menos tão constitutivo do mundo objetivo quanto o mundo objetivo é constituído do mundo subjetivo.** Ou, em outras palavras, o mundo dos fenômenos é o âmbito do ser tanto quanto o ser é o âmbito do mundo dos fenômenos. Tento usar o termo "âmbito" por ser destituído de qualquer penumbra de associações concretizantes. (SANDLER, 2003, p. 132, grifos do autor)

Encontramos esta dialética entre mundo subjetivo e mundo objetivo no item IV de *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920b), mais especificamente na discriminação de uma parte do aparelho denominada *P-Cs* (Percepção-consciência), que assim se nomeia por atribuir à consciência a capacidade de perceber tanto estímulos do mundo externo quanto

sensações de prazer e desprazer no interior do aparelho psíquico. Percebê-los não significa, de forma alguma, capacidade plena de discriminar suas origens, de modo que o Eu freudiano (consciente e inconsciente), enquanto instância mediadora de múltiplas demandas e forças internas, vê-se no meio de um campo de batalha sem ter muita clareza, por vezes, de onde se originam os ataques e descargas.

Como alegoria do sistema *P-Cs*, Freud propõe que pensemos em uma vesícula indiferenciada de substância excitável, um tipo de organismo primitivo de características rudimentares em contato com a realidade externa:

> Esse pequeno pedaço de substância viva flutua num mundo externo carregado de fortes energias, e seria liquidado pela ação dos estímulos que vêm dele se não fosse dotado de uma *proteção contra estímulos*. Ele a adquire da forma seguinte: sua superfície mais exterior perde a estrutura própria do que vive, torna-se inorgânica em certa medida, e funciona como um invólucro ou membrana especial que detém estímulos, isto é, faz com que as energias do mundo exterior possam penetrar com uma fração de intensidade nas camadas adjacentes, que permaneceram vivas. (FREUD, 1920b, p. 188, grifos do autor)

Freud inicia um esboço de formação das bases de funcionamento do aparelho psíquico, focando em um contato da *P-Cs* com o mundo externo que gera proteção e que aos poucos perde sensibilidade para esta, reduzindo a intensidade com que as notícias dos mundos externo e interno chegam ao aparelho psíquico. A construção desta fronteira viva se daria tanto pela proteção do prazer interno quanto pela intensidade dos estímulos da realidade:

> Para o organismo vivo, a proteção contra estímulos é tarefa quase mais importante do que a recepção dos estímulos; ele está equipado com uma reserva própria de energia, e tem de empenhar-se sobretudo em preservar as formas especiais de transformação de energia, que nele ocorrem, da influência niveladora, e portanto destruidora, das imensas energias que operam do lado de fora. (FREUD, 1920b, p. 189)

A concepção de uma "influência niveladora" e "destruidora" dos estímulos externos, da qual o sistema *P-Cs* deve se defender criando relevos, uma superfície penetrável em certos pontos e intransponível em outros, mostra-se pertinente em nosso percurso, principalmente no que tange à proposição técnica de trazer à superfície todos os elementos associativos, sem discriminação de partes, ou seja, tanto as consideradas momentaneamente importantes, assim como as irrelevantes.

Considerando-se o princípio de prazer-desprazer, Freud aponta que quando há uma sobrecarga de energia livre invadindo esta membrana, estabelecem-se ligações para conter o excesso de energia, gerando a experiência da dor e desprazer. A integridade da vesícula

depende especificamente da energia restante, reservada, para além da que foi descarregada devido a algum estímulo que gerou aumento significativo da excitação no aparelho psíquico. Figueiredo e Coelho Junior (2008) consideram que esta energia preservada é o terreno do "próprio", aquilo que aos poucos formata um contorno e gera uma condição de recuo.

Encontramos nesta passagem uma feliz aproximação com a evolução do conceito de "barreira de contato" em Freud e Bion. Ao passo que para Freud (1895a) a barreira de contato consiste em neurônios que se diferenciam progressivamente à medida que marcam memórias diante das excitações, em Bion o conceito de barreira de contato evolui para uma barreira alfandegária de elementos α, condutores de pensamentos da consciência para a inconsciência, capazes de captar estímulos e sonhá-los ou permití-los passar sem capacidade de ligação. Não nos parece coincidência que Figueiredo e Coelho Junior (2008) utilizem a metáfora de divisas de um país para tratar do terreno do "próprio" (p. 60).

Retomando o texto freudiano, Freud segue colocando os órgãos dos sentidos (percepção) como aqueles capazes de conduzir ou evitar os estímulos de fora para dentro:

> É característico deles o fato de elaborarem quantidades muito pequenas do estímulo externo, de apenas tomarem mostras casuais do mundo exterior; talvez possamos compará-los a antenas que tateiam o mundo externo e sempre se retiram novamente dele. (FREUD, 1920b, p. 189-190)

Como os órgãos dos sentidos estabelecem o contato com a realidade externa e por vezes a evitam, a experiência de temporalidade e espacialidade é determinada pelo mundo sensorial, sendo tempo e espaço dimensões resultantes dos processos secundários do pensamento:

> A tese de Kant, segundo a qual o tempo e o espaço são formas necessárias de nosso pensamento, pode hoje ser submetida a uma discussão, devido a certos conhecimentos psicanalíticos. Vimos que os processos psíquicos inconscientes são "atemporais" em si. Isto significa, em primeiro lugar, que não são ordenados temporalmente, que neles o tempo nada muda, que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada. São características negativas, que apenas se fazem compreensíveis quando comparadas aos processos psíquicos conscientes. Nossa abstrata ideia de tempo parece derivar inteiramente do modo de trabalho do sistema *P-Cs*, correspondendo a uma autopercepção dele. Com esse modo de funcionamento do sistema poderia ser tomado um outro caminho para a proteção contra estímulos. Sei que tais afirmações soam obscuras, mas tenho que me limitar a indicações desse tipo (FREUD, 1920b, p. 190).

A obscuridade das afirmações freudianas e suas limitações diante da complexidade de interações entre os princípios de prazer e realidade parece reencenar, desta vez em uma rica trama metapsicológica, a ironia romântica presente na atenção flutuante, na qual imperam a

imprecisão e o paradoxo de atentar e distrair-se, simultaneamente, para apreender este conjunto de forças, sem uma resolução definitiva na qual possam unificar-se. Do mesmo modo, vemos neste trecho as tensões entre processo primário e secundário, no sentido de que há representações que correm dentro do aparelho psíquico fora da abstração de tempo.

A impossibilidade de depurar o que é princípio de prazer e princípio de realidade dentro da experiência psíquica implica justamente no entrave romântico de que a esperança sensorial de acessar a realidade inaugura concomitantemente uma notícia de prazer. Assim como um resto diurno só é iluminado após um sonho, a realidade só poderia ser conhecida dentro das tramas do princípio de prazer. Da mesma forma, o princípio de prazer se faz iluminar pelas frações de realidade que adentram a membrana dessa vesícula emaranhada por múltiplos relevos. O resultado desta complexa trama é de que tudo comporta uma parcela de inconsciência, de que aspectos desprezíveis portam uma faceta oculta, de que sobre qualquer contato com o mundo externo subjazem fenômenos internos inapreensíveis.

Estamos em um ponto no qual é possível introduzir um novo elemento, aqui já intuível. Estamos tratando de um borramento entre realidade e ficção, entre mundo objetivo e mundo subjetivo. Se há representações que correm fora da abstração do tempo, se há um determinado grau de indecidibilidade sobre Eu e não-Eu, então este borramento se dá igualmente em nível intersubjetivo.

> A psicanálise seria a herdeira da capacidade dialética de Hegel, aqui compreendida como uma possibilidade de livre movimento entre pares de opostos, sem se fixar na certeza absoluta, "unilateral", como ele dizia, e sem tentar resolvê-lo, mas observando um movimento de desenvolvimento mesmo, onde a síntese apresenta algo novo, e que por sua vez pode ser e funcionar como nova tese ou antítese, vivo e semovente. (SANDLER, 2003, p. 141)

Vivo e semovente é todo diálogo em busca da verdade entre ideias. Uma vez havendo uma verdade última inapreensível, numênica, incognoscível, o que resta são eternos diálogos, teses e antíteses, sem a definição do que de fato *é*. Se mantivermos como uma realidade interna a autoconsciência de Schelling, cujas características abrigam a dialética hegeliana de um diálogo interno, e incluirmos neste sistema a dialética platônica interpessoal – duas pessoas em busca pela verdade, temos um sistema em infinita expansão: um encontro psicanalítico!

Incluamos mais um representante do período romântico, Novalis, que apresenta um conceito denominado *Stimmung*, que consistiria em uma disposição anímica de harmonizar-se e entrar em consonância com o meio (interno e externo):

> [...] a afirmação freudiana de que o inconsciente do analista "vibra" conjuntamente e se ajusta ao do paciente abre toda uma aproximação com a *Stimmung* de Novalis, com o conceito de empatia [*Einfühlung*] tal como desenvolvido por T. Lipps e com as vivências iniciáticas românticas (análogas, segundo Rigaux, à análise pessoal do analista, já que esta prepara o profissional para a verdade da condição humana). (LOUREIRO, 2002, p. 52)

Depois de abrangermos as profusões de paradoxo dentro da realidade psíquica e na ordem das representações, podemos agora observar o quanto o âmbito de paradoxos identificados em um encontro de mentes multiplica infinitamente estes pares antitéticos e complefixica a possibilidade de abstrair o que se dá fenomenicamente. A intuição freudiana, derivada da experiência clínica, de que há comunicações inapreensíveis entre duas pessoas, é nosografada em termos semelhantes por Hegel, sem recorrer à ideia de inconsciência, "ingenuamente" articulando os elementos de uma autoconsciência em sua dialética, aproximadamente um século antes do *insight* freudiano ganhar as páginas das recomendações técnicas:

> A consciência constitui o grau refletido ou correlacional da mente: o grau da mente enquanto aparência. Ego é a auto-relação infinita da mente, mas como subjetivo ou como auto-certeza. A identidade natural da alma natural foi elevada a esta auto-identidade que é puro "ideal"; e aquilo que a identidade da alma natural continha é, para esta reflexão auto-subsistente, colocado como objeto. A liberdade puramente abstrata da mente permite que saia, de suas qualidades específicas (a vida natural da mente), uma idêntica liberdade como um objeto independente. É deste último, como externo a ele, que o ego fica, em primeira instância, consciente, e como tal ele é Consciência. O Ego, como esta negatividade absoluta, é implicitamente a identidade na alteridade: o Ego é ele mesmo aquele outro e estende-se sobre o objeto (como se este objeto ficasse implicitamente cancelado) – é um lado da relação e é a relação inteira – a alma, que manifesta a si mesma e manifesta algo que não a si mesma também (HEGEL,1817, p. 18)

Freud carregava esta convicção de que haveria comunicações inconscientes mas não conseguia explicá-las cientificamente, deixando assim uma série de reparações ao longo da obra acerca das carências de devidas fundamentações científicas, por vezes atribuindo o déficit de explicações à vã filosofia que é incapaz de apreender a totalidade do que se dá entre o céu e a terra, outras esquivando-se do ceticismo iluminista que se mantinha presente no mundo intelectual: "Uma palavra ainda: não sou cético. Estou inteiramente convencido de uma coisa: existem, de maneira absoluta, determinados fatos que não podemos conhecer atualmente" (FREUD, 1930 *apud* LOUREIRO, 2002, p. 293).

> A fogosa vivacidade dos românticos, caso não seja considerada de modo concreto, tentava e ainda tenta iluminar este aspecto da vida e da realidade

> psíquica: tal como os múons, psions e mésons, a vida se vive no momento. Sua aproximação à impossibilidade de plenitude inclui algo que se *experimenta*, não se teoriza a *respeito de*. Bion reitera muitas vezes a diferença entre *falar sobre* (psicanálise) e *ser* (psicanalista) ao longo de sua obra escrita, principalmente em *Transformações* e na trilogia *Uma Memória do Futuro*. (SANDLER, 2000, p. 94, grifos do autor)

O pensamento bioniano, oferecendo-nos outra ótica sob o mesmo fenômeno, diz que a verdade se manifesta enquanto "aquilo que coincide com o presente" e pensar implica sempre um conjunto de "realizações observáveis de uma realidade inatingível" (CHUSTER, 1999, p. 127). Thomas Ogden, em artigo dedicado a sua leitura autoral das notas sobre memória e desejo de Bion, rebatiza o princípio de prazer como princípio de temor-à-verdade (*Truth-fearing principle*), justamente por ser um pedaço da mente voltado para a experiência consciente das impressões dos sentidos, obliterando a possibilidade de acessar o pensamento genuíno inconsciente através do princípio de realidade, rebatizado de princípio de busca-pela-verdade (*truth-seeking principle*) (OGDEN, 2015).

Já em *Teoria do pensar*, Bion (1962a) aponta que a experiência do "senso de verdade" (p. 161) se dá pela via da combinação de um determinado conjunto de dados sensoriais com outro, sendo facilitados por "concepções, pensamentos e a verbalização destes". A verdade de um enunciado não implicaria, portanto, na existência de uma realização destes enunciados, conservando a qualidade do "senso de verdade" enquanto função privativa. O fracasso na conjunção de dados sensoriais culmina em inanição, considerando que a mente se alimenta da verdade.

Aqui estamos diante do paradoxo das resistências, em que há algo que quer vir à tona e algo que o impede, tese e antítese. No entanto, aqui não estamos mais tratando da ordem das representações, na estreita linha dos novelos associativos. No pensamento bioniano, resistir é justamente não considerar esta profusão infinita de paradoxos, em um desejo de possuir uma das partes da complexidade do pensar, tal qual o romantismo fez do Movimento Romântico, na avidez de alcançar a inalcançável coisa-em-si:

> A subserviência do pensar a determinados desejos foi iluminada pela psicanálise como o uso que a "parte" psicótica da personalidade faz da "parte" neurótica da personalidade, e a razão acaba sendo escrava da paixão (Bion, 1957, 1965). [...] Ainda que aguda e real enquanto crônica, esta ideia abriu um novo e extenso capítulo na negação do princípio de realidade, capítulo este que continua a ser escrito. (SANDLER, 2000, p. 37)

A perpétua articulação entre princípio de prazer e princípio de realidade, enquanto um modelo ético de observação dos fenômenos, implica um eterno reconhecimento da verdade,

mantendo a mente psicanalítica perpetuamente na ironia romântica, harmonicamente mantendo um olhar epistemofílico diante do incognoscível, ou um olhar hesitante diante de uma tese.

> Esta me parece ser a base psicológica para o problema epistemológico: ódio à verdade, que talvez ilumine os mitos de proibição ao conhecimento. Em linguagem psicanalítica proposta por Freud, tenta-se transformá-la em seu contrário e manifestá-la em formações reativas. (SANDLER, 2000, p. 28)

É deste modo que podemos entender que Édipo, pretenso conhecedor da verdade, justamente por este motivo amava a mentira. A cegueira de Édipo ao fim da narrativa de Sófocles é a imagem terrorífica de uma atitude de pensamento, de um furor arrogante que carrega ao longo de sua trágica saga.

> Alguém da estatura de um René Descartes negou o inconsciente: *"Penso, logo existo"*. Suprema ironia da história do conhecimento: o apologista da *"dúvida filosófica"* fundou o império da consciência onipotente, do aprisionamento da razão. Depois da tentativa de Aristóteles de clivar o domínio platônico, talvez com Descartes tenha havido a "segunda grande clivagem mundial" – a clivagem da mente em relação à matéria. Provocou danos ainda incalculáveis, pois clivagem produz Ideias Absolutas; durante séculos, e até hoje na mente do homem comum, espaço e tempo são apreendidos como absolutos e clivados. Clivagem e negação, favorecimento de um pólo, negação do par antitético [...]. (SANDLER, 2000, p. 27, grifos do autor)

Aqui chegamos a um ponto em comum entre Freud e Bion, algo que, independentemente da teoria que utilizarmos para iluminar os fenômenos, não importando qual tipo de sofrimento humano nos depararmos, podemos considerar estarmos à justa distância de ambos para observar algo em comum. Foi preciso que nos afastássemos este tanto de ambos, em um caminho e uma reconstrução do passado, para observá-los com nitidez. À distância, nos aproximamos.

Se aqui Sandler (2000) se refere à "segunda grande clivagem mundial" gerada pelo cartesianismo, devemos nos lembrar que Freud considera a psicanálise a "terceira grande ferida narcísica" da história da humanidade (1914a), colocando-se ao lado de Darwin e Copérnico como alguém que também contribuiu para desfazer clivagens, em seu caso oferecendo a prática flutuante sobre as ideias da psicanálise como remédio contra a onipotência da consciência diante da qualidade transcendente, imaterial e atemporal do inconsciente.

Bion, por sua vez, ao propor a evitação de memória, desejo e entendimento, propõe o mesmo, que um tipo intencional de estimulação sensorial do pensamento pode ofuscar a

apreensão de uma totalidade mais complexa. É válido demarcar que ambos recorrem a suas proposições técnicas desde lugares muito distintos, Freud a partir de uma clínica de predominância neurótica, Bion a partir de um olhar sobre as partes psicóticas da personalidade derivadas de um longo trajeto kleiniano e autoral. No entanto, ambos, psicanalistas, diante da Esfinge, valem-se de fenômenos mentais como a fantasia e a alucinação:

> O mecanismo psíquico que expressa intolerância de paradoxos é a clivagem (*splitting*). O que é clivado quando o que poderia ser sonho se transmuta em alucinação e delírio? *Justamente a relação paradoxal*. Em fantasia, "extermina-se" o "aquilo que vincula", os dois pólos do par antitético. Em fantasia, prevalece a tese **ou** a antítese, organizando a vida mental da pessoa e consequentemente seu descortino, ou melhor, a falta deste. Não é que prevaleça mesmo, mas a pessoa fantasia que isto possa ocorrer: trata-se do ambiente de alucinose. A impossibilidade de apreensão da realidade se segue daí. Surgem então as *weltanschauungen*, visões clivadas como se fossem a verdade. (SANDLER, 2003, p. 190, grifos do autor)

É válido, inclusive, pensar que no texto sobre a questão de uma *weltanschauung*, Freud defende a visão de mundo científica como aquela protegida das clivagens das paixões e do misticismo, em uma notória postura de iluminista sombrio. No entanto, apesar de citar a filosofia e dar-lhe certo valor, sempre se indispôs por não encontrar no pensamento filosófico uma força pragmática que pudesse contribuir com sua obstinação de tratar o sofrimento humano.

Bion, em contrapartida, explicita sua relação com uma variedade impressionante de saberes, dentre eles a matemática, a física e a filosofia. Recoloca a filosofia em contribuição permanente com a psicanálise, gerando novas teses e antíteses. É possível pensarmos, inclusive, que ao passo que a atenção flutuante pode ser vista como o nascimento da técnica psicanalítica, o estado de mente sem memória e sem desejo de Bion é uma lembrança aos psicanalistas de que eles não sabem, de que a psicanálise, enquanto construto teórico, não abriga as fórmulas capazes de solucionar as questões que surgem na clínica. Talvez a psicanálise, na época de Bion, longe de ser um novo movimento que abrigava uma tensão de paradoxos entre saberes prévios distintos, tornava-se progressivamente algo como "psicanalismo", pendendo à paixão pela psicanálise, ofuscando os pares antitéticos vitais a um encontro:

> Muitos analistas prosseguem obcecados em diferenciar a realidade material (o objeto "externo") e a realidade psíquica (o objeto "interno"). Dificuldade de certa forma semelhante ao problema do ovo e da galinha, apareceu deste modo no movimento psicanalítico, na década de 1960: discussões sobre o que ocorria antes, introjeção ou projeção do seio? (SANDLER, 2003, p. 119)

Do mesmo modo que a tentativa de diferenciar realidade material de realidade psíquica se mostra falha, assim se dá entre outros pares de diferenciação da apreensão da realidade psíquica, como por exemplo, consciente/inconsciente. Bion constrói importante crítica a respeito da construção freudiana, partindo do princípio de que talvez Freud tenha atribuído à consciência a qualidade de "estabelecer contato com a qualidade psíquica" (BION, 1962b, p. 321, tradução nossa), ou seja, a capacidade de se ligar aos dados sensíveis.

Para Bion, há uma fraqueza nesta teoria. Se consciência e inconsciência formam-se juntos, configura-se uma visão binocular em relação aos dados sensíveis. Reservar à consciência este atributo de percepção, configura uma visão monocular. Nas palavras de Bion:

> Por estas razões, e outras decorrentes da experiência clínica em psicanálise com aquela classe de pacientes em que a parte psicótica da personalidade é intrusiva, acho insatisfatória a teoria dos processos primários e secundários. Esta teoria é fraca na necessidade de postular dois sistemas no ponto em que, em minha teoria de uma função-alfa, uma experiência emocional é transformada em elementos-alfa, para tornar possível o pensamento do sonho, o pensamento inconsciente de vigília e o armazenamento na mente (memória). (BION, 1962b, p. 321)

Diante da Esfinge, Bion percorre um caminho bastante distinto de Édipo e Freud. Bion não quer cegar-se – a não ser que seja "artificialmente para poder ver melhor". Bion tampouco se propõe a ver com um olho só, de modo monocular, como entende ser a visão de Freud. A proposição de visão binocular, proposta enquanto solução para considerar esta visão dupla que o paradigma psicanalítico propõe, parece ter seu paralelismo no texto *O Inquietante* (FREUD, 1919b). Ambos Hoffmann e Sófocles trazem em suas narrativas a cegueira associada a um campo de incertezas.

> Mas no curso da história de Hoffmann desaparece tal dúvida, notamos que o autor quer fazer com que nós mesmos olhemos através dos óculos ou binóculos do demoníaco ótico, e que ele próprio talvez tenha usado pessoalmente um tal instrumento. Pois a conclusão da narrativa deixa claro que o ótico Coppola é realmente o advogado Coppelius e, portanto, também o Homem da Areia. (FREUD, 1919, p. 346)

Diante de elementos complexos, de tramas sobrepostas, de encobrimentos e infinitas descobertas, é preciso sustentar por vezes a visão do todo, em seus múltiplos registros, o espectro psíquico que se manifesta na experiência do inquietante. O Princípio da Incerteza, de Heisenberg, estudado por Bion ao longo de suas leituras sobre matemática e lógica, iluminam este ponto. Nas palavras do próprio Bion, há abstrações matemáticas capazes de "originar

diferentes cadeias de dedução, todas corretas em si mesmas, mas conduzindo a deduções que são contraditórias ou absurdas" (BION, 1959b). Bion segue:

> Poderíamos relacionar o que está acima a justaposições em α de contradições e absurdos? Mas as contradições ou absurdos dos sonhos são diferentes. E a concretização que está envolvida em imagens verbais ou ideogramas pode ser muito importante para preservar a precisão. Como você abstrai a idéia generalizada de "mesa"? Como você concretiza e mantém a precisão de "implica"? (p. 62)

A própria ideia de "pensamento onírico de vigília" condensa este debate bioniano. O processo de sonhar independe de se fechar os olhos, e isto se constitui justamente no ato de pensar. Consciente e inconsciente, dois modelos de pensamento distintos, demandam observação simultânea, concomitante.

Bion questiona a teoria freudiana. Ao passo que tanto para Freud como para Bion, o pensamento consiste elemento central em suas obras, em Freud o pensamento ocupa um lugar de substituição da descarga motora, partindo-se de seu modelo de aparelho reflexo. Bion, por sua vez, considera que o pensamento se impõe ao aparelho, não é produto de um aparelho reflexo. Para Freud, o princípio é a necessidade de descarga. Para Bion, o princípio pressupõe pensamento e aparelho de pensar, um binóculo que conjuga abstrações a modelos, atentando também para como os modelos interferem e transformam abstrações que os formaram, em dinâmica contínua. Um continente que abriga um conteúdo, que transforma o continente, ciclicamente.

Antiteticamente ao que Bion propõe, é válido observar que não há outra maneira de construir o conhecimento psicanalítico se não por esta via. É impossível falar de clínica e teoria ao mesmo tempo, é impossível incluir no mesmo espaço-tempo, em um átimo, a tese e a antítese, de modo que o que observamos aqui e descrevemos como "psicanalismo" pode ser tomado como a reação violentamente contrária que sucede – ou antecede, paradoxalmente – novas apreensões da realidade psíquica.

> Este *splitting*, verbalmente necessário, parece ter atrofiado nossa visão binocular. Será possível mantermos a percepção de que a formulação verbal clivada é apenas um passo necessário? A clivagem no ato de falar me parece corresponder a uma necessidade real: a de alucinar a persistência de um objeto na mente para percebermos que ele não existe. A persistência do seio concreto na mente parece necessária nos primeiros dias e meses de vida. É necessário se dar conta que existe algo **imaterial** e incognoscível no sentido que é sempre um vir a ser, um novo contato. O "Seio" é uma complexa interação entre o bebê, o seio e a função nutriente do ato de mamar, sempre permeado de uma série de fantasias que incluem o mamilo. (SANDLER, 2003, p. 120, grifo do autor)

Neste sentido podemos pensar ambas formulações técnicas dos autores como ideias que aludem a um exercício de tolerância dos paradoxos, Freud apresentando esta possibilidade de apreensão, Bion lembrando os psicanalistas desta atitude. A ideia, fundamental e inerente a ambos estados de mente, consiste em não recair em qualquer ponta extrema de um campo paradoxal, quer seja caricaturalmente realista ou idealista. De um lado, tudo se apresenta fora de si como no empirismo cartesiano, do outro, tudo já está dentro, como na avidez do romantismo: "Temos tentado mostrar que o realismo ingênuo é a psicose esquizoide do investigador, à medida que cliva a realidade psíquica da realidade material; e que o idealismo ingênuo é a psicose paranoide do investigador" (SANDLER, 2001b *apud* SANDLER, 2003, p. 122).

Incluímos aqui uma leitura de Sandler, cuja base podemos encontrar na construção teórica de Bion acerca das partes psicóticas e não-psicóticas da personalidade. É válido, ao lermos a obra de Bion, considerarmos que sua escrita aponta tanto para o funcionamento dos analisandos, quanto para o processo de pensar do próprio analista. *Sobre a Arrogância* (BION, 1957a) é um texto desta natureza, em que Bion simultaneamente coloca em jogo o pensar do analisando, de Édipo, e do analista. Assim, tomando a ideia de psicose esquizoide do investigador e psicose paranoide do investigador, podemos seguir pela teoria de Bion e descobrir que facetas da capacidade de pensar do analista se apresentam.

Em *Diferenciação entre as personalidades psicótica e a não-psicótica* (BION, 1957b), é apresentada a qualidade fragmentária da personalidade psicótica, reduzida a pedaços mínimos interferem na "percepção da realidade interna e externa" e levam à "expulsão desses fragmentos para que penetrem ou engolfem seus objetos." (p. 92)

Ao considerarmos que o emprego das cisões consiste em abrir mão da percepção de realidade, é preciso apenas que se rompam os elos de ligação que estabelecem conexão entre a impressões sensoriais e a consciência para que se dê a cisão. Do mesmo modo, quando há um excesso de identificações projetivas, culminando na falha da atividade do pensar, a mente empreende esforços para transformar suas fantasias onipotentes em realidade. Bion está aqui traduzindo, em termos de funcionamento psicótico, a solução do realismo ingênuo citada por Sandler (2003). A saída realista resulta da incapacidade de tolerar a frustração: "Se não pode tolerar frustração, a fantasia onipotente da identificação projetiva tem proporcionalmente menos contrapartida factual na realidade externa. Isto contribui para o estado que Melanie Klein descreva como identificação projetiva *excessiva*" (BION, 1962a, p. 299, grifo do autor).

Bion discute, em *Elementos de Psicanálise* (BION, 1963), a maneira como se dá o trânsito entre particularizações e generalizações. Trata-se de uma maneira de não recair no funcionamento cindido da mente, em que elementos paradoxais não podem ser contemplados. Considerando o mito de Édipo, Bion considera que recorrer a apenas um componente do mito (como o fez Freud), ao invés de todo ele, resulta em visão mais restrita do material, uma visão microscópica. Já ao pensar a sucessão genética da qualidade do pensar, Bion considera fundamental enquanto premissa para o crescimento a capacidade de alternância dinâmica entre as categorias do pensar – desde os elementos β, um primeiro elemento com a possibilidade de se tornar uma abstração, até o sistema teórico-dedutivo, considerado como máximo nível de abstração. Pulsar entre particularizações e generalizações resulta em um processo de crescimento, sem recair na ingenuidade estanque do realismo ou do idealismo, aspectos comuns ao pensamento psicótico.

Nas palavras de Chuster (2019), se referindo a parte psicótica da personalidade:

> Outras características são a generalização crescente e a perda da particularização até o ponto em que a causa se torna um fenômeno que não tem realização correspondente. Quando se rompe a integração entre os domínios da ontologia e da epistemologia, as causas se transformam em crenças, que ficam baseadas em sentimentos superficiais e aparências, criando uma cruel justaposição de objetos. Esse fenômeno se estende na falta de vida dos objetos psíquicos decorrentes do ataque à capacidade para pensar, e que vem a ser um ataque à capacidade de trazer objetos para a realidade interna dando-lhes vida. (p. 65)

Neste movimento vivo de particularizações e generalizações, Bion propõe um aparelho de pensar com funcionamento contínuo e interminável. Lembrando da articulação entre abstrações e modelos, a qualidade dinâmica e binocular do pensar bioniano, temos que os modelos se constroem com elementos do passado individual, ao passo que a abstração é carregada de preconcepções do futuro do indivíduo.

Dentro desta perspectiva de infinitude, à mente do analista não escapam memórias, desejos, necessidades de entendimento, pré-concepções. O que é necessário, a nosso ver, é que o surgimento destes elementos não configure uma condição de ingenuidade, ou que não impeça a capacidade mental do analista de seguir novos fluxos. Mais do que isso, o surgimento destes elementos na mente do analista demandam uma atitude de suspeição, qualidade necessariamente desenvolvida ao longo de sua própria análise, suas supervisões e o correr do trabalho clínico.

A condição de retenção de um elemento sensorial pode configurar, justamente, na obliteração da escuta. Ainda que não seja este o vértice proposto pelo texto de Naffah Neto e

Cintra (2012), suas palavras cabem bem para pensarmos as dificuldades pelas quais a mente do analista pode atravessar:

> Estamos aqui pensando no adoecimento psíquico como um estrangulamento da capacidade metafórica ou capacidade de simbolização. Isso corresponde a uma compulsão a fixar-se sempre em um mesmo tipo de interpretação do que se passa consigo e da impossibilidade de acesso a um sentido genuíno que possa ser dado às suas experiências. Essa pessoa fica impedida de brincar, pensar, trabalhar e relacionar-se. (p. 34)

Estamos estranhamente às voltas, novamente, com a recomendação de Charcot de olhar para o mesmo fenômeno e esperar que algo de novo surja. Só que desta vez, estamos diante do paradoxo da função da repetição. Na citação de Naffah Neto e Cintra (2012), a compulsão a fixar-se sempre em um mesmo tipo de interpretação prejudica a capacidade de simbolização. Já Charcot sugeria a Freud que insistisse nisso, até que algo de novo surgisse. A espera não basta, é preciso de recuo, de espaço interno, de continente, para que a capacidade de apreensão da realidade psíquica não se torne opaca.

Através de nossos caminhos de pesquisa, desvelamos uma posição análoga à "presença em reserva" de Figueiredo e Coelho Junior (2008). Trata-se de um estado mental que se vale de espaço interno, tolerância e resguardo, um recuo:

> A posição é a da reserva: manter-se em *reserva*, manter sua atenção *reservada* (desatenta) para o irrelevante, manter seu ouvido *reservado* (o terceiro ouvido) para o inaudível, seu olhar reservado (o *segundo olhar*) para as variáveis de *background*, manter sua mente *resevada* para o devaneio (*rêverie*), manter sua fala *reservada* para interpretações surpreendentes (uma *fala acontecimental*). (p. 38, grifos dos autores)

Esperar que algo novo surja fora da mente, esperar que algo novo surja dentro da mente, não esperar que algo novo surja fora da mente e não esperar que algo novo surja dentro da mente, são todos atitudes complementares, que colocam o analista em um entrave necessário para apreender a realidade psíquica.

> Em psicanálise, tudo o que se repete encontra-se ainda, em algum nível, fora da esfera psíquica ou, pelo menos, fora de uma parte importante dela; assim é o retorno do recalcado em Freud, que volta sempre à procura de representação-palavra, capaz de produzir sua inserção na consciência ou a compulsão à repetição, também em Freud, buscando insistentemente criar representação para o psiquicamente não-representado (Freud, 1920/1976). A compulsão à repetição comporta uma dimensão de pulsão de morte, com a sua tendência a buscar a descarga e a eliminação das excitações, e uma dimensão de pulsão de vida, com sua tendência a buscar uma representação e um sentido para o não-representado. (NAFFAH NETO & CINTRA, 2012, p. 44)

Cremos que até aqui temos material suficiente para trabalharmos a discussão das lâminas clínicas. A espera, o recuo e a tolerância de paradoxos. Se tomarmos estas etapas como abstrações da escuta psicanalítica, poderemos notá-las como base estrutural dos modelos narrativos que constituem cada lâmina clínica apresentada. O trabalho dos diferentes cortes temporais oferecerá uma complexa dinâmica composta pelo conjunto teórico até aqui apresentado, tanto explícita como implicitamente.

5. Discussão das lâminas clínicas

Passaram-se quase sete meses desde minha escrita dos casos, as lâminas ficaram guardadas em um arquivo de texto, como fotografias tiradas rapidamente, reveladas em agosto de 2020 e guardadas debaixo de uma pilha de livros, textos e o *notebook* desgastado de tantos atendimentos *online*. Creio que para qualquer leitor ficará claro que o tempo passou, que este trabalho é um corte longitudinal de uma experiência de escrita, que até mesmo o leitor imaginário com quem dialogo hoje é diferente.

Do mesmo modo, os casos clínicos ganharam destinos, de modo que dificilmente alcançarei uma análise neutra diante dos fatos após o tempo passado. Pretendo, independentemente disso, observar as lâminas clínicas dentro de suas temporalidades e do registro da ocasião, comprometendo-me a explicitar o que me parece ser uma interpretação de um tempo atual dos atendimentos. A distância da experiência parece, paradoxalmente, me afastar da experiência emocional das sessões e me aproximar da leitura da narrativa dos casos.

Por fim, antes de enveredar nas análises das lâminas, reconheço que o exercício de analisar as passagens clínicas não deve resultar em teoria aplicada aos fenômenos clínicos, mas de pinçar nas passagens clínicas elementos que aludem à teoria, sem pretensão de equivalências entre o arcabouço teórico e vivencial. O resultado consistirá em breves pinceladas teóricas ao longo da discussão clínica, ainda que entenda que foi preciso percorrer toda a revisão bibliográfica deste trabalho para discutir as lâminas clínicas da forma como será feita.

Sem mais delongas, primeiramente me parece que há um ponto em comum aos três cortes – e que é comum à atitude clínica do psicanalista de modo geral: nos três fragmentos há momentos de indecidibilidade, hesitação e tolerância de paradoxos, no exercício da capacidade negativa. No corte transversal, este momento é aparentemente mais curto, mas a experiência de indecidibilidade acerca dos fatos daquela pequena passagem da sessão transpõe minha fala, ou seja, minha interpretação não cessa a profusão de pensamentos despertados pela fala de Bárbara, não cessa meu pensar.

Bárbara diz "Outro dia eu até pensei em parar a análise... pra ver se eu paro um pouco de pensar" e eu escuto "Estou apaixonada por você... e quero parar de pensar nisso". Há uma transformação assaz radical e súbita de sua fala em minha mente, despertando um abismo entre a experiência emocional vivida e o conteúdo manifesto em sua fala. Ao observar estes

fatos, Bárbara parece falar sobre estar cansada de pensar, ao passo que em minha escuta Bárbara está cansada de pensar em sua paixão por mim.

A experiência resultante deste abismo é uma profusão de pensamentos atormentadores, uma turbulência emocional. Entendo que vivi ali uma cascata de pensamentos tão rápidos que não consigo recobrar um sequer – e tampouco consegui após a sessão. Sinto que o que poderia fazer seria hipotetizar pensamentos, mas nada se aproximaria do que vivi no momento da sessão.

Naquele momento, entendo que tolero essa turbulência, tolero a colisão de mensagens com as quais me deparava, e que se tratava de uma experiência que carecia de delicadeza para responder. Poderia ter feito uma interpretação caricaturalmente kleiniana, comum nos exemplos clínicos de Bion em *Second Thoughts*, e dizer: "Você está dizendo que não tolera o amor que sente por mim". No entanto, acredito que isto, além de soar erotomaníaco, recairia em um idealismo ingênuo, já que eu nada levaria em consideração da fala da analisanda senão aquilo que apenas eu escutei. Se optasse pelo absoluto revés, seria levado ao outro pólo de ingenuidade, o realismo ingênuo, no qual ignoraria a declaração que escutei e me deteria à generalidade referente a "parar de pensar". Qualquer escolha ingênua, o pendor para o realismo ou o idealismo, resultaria no constrangimento de uma das partes do par analítico, de uma das apreensões ali manifestas, a dela através da associação livre, a minha através da atenção flutuante.

Hoje tenho a impressão de que poderia ter perguntado ao invés de ter interpretado algo. Indagar "o que pensou?" poderia resultar em uma abertura para associações. No entanto, acredito que a força antitética de suas ideias – um apaixonamento e um desejo de emancipação, na mesma frase – gerou em mim um processo disparador de angústia. Naquele momento não consegui chegar a este entendimento, mas vivi a experiência emocional de escutar um conteúdo denso (uma declaração amorosa) e uma expressão defensiva (a casualidade despretensiosa de sua fala), um trabalho de forças equivalente a um vetor na direção oposta do outro, resultando em imobilidade. Ao invés de haver movimento e continuidade, estes fenômenos mentais tinham a qualidade de um conflito paralisante.

Procurei então responder à fala de Bárbara dissuadindo-a da ideia que havia comunicado: interromper uma análise não resolveria seus pensamentos angustiantes, tampouco separar-se de seu marido, a ideia fixa de uma ação que não resultava qualquer resolução, parecendo apenas uma fantasia antiga de emancipação que não se realizou mentalmente. Ao mesmo tempo e em outro nível, ofereço-lhe uma emancipação, notificando

que é dona de si: "Olha, Bárbara, se você quer interromper a análise ou não, quanto a isso eu não tenho muito a dizer, você faz o que quiser da sua vida e sabe disso. Agora, parar de pensar, isso você não vai conseguir, nem comigo, nem se separando de mim".

Considero impossível identificar de que maneira essa interpretação veio até mim. De um vértice, parece apenas um jogo lógico de palavras e algum conhecimento sobre o aparelho psíquico: "parar de pensar" não é algo que se alcança interrompendo uma presença. Aliás, pelo contrário, tanto a teoria freudiana quanto a bioniana apontam que a ausência do seio promove o gérmen de processos de pensamento. Deste ângulo, é possível deduzir que minha interpretação teve uma inspiração predominantemente teórica, valendo-me dos conceitos.

Sob outro ângulo, essa minha fala, rapidamente pensada, circunscreve-se estranhamente em um longo trajeto de análise, como se um corte transversal estivesse carregado de uma outra experiência espaço-temporal, longitudinal, de um acumulado de sessões nas quais aprendi que Bárbara era tímida, que se preocupava muito com o que os outros pensavam, que atravessávamos momentos de tensão diante de qualquer indício de mal entendido ou discordância de percepção, que ela vivia longos dispêndios emocionais quando precisava rever o que alguém pensou do que havia dito. Eu também sabia que em sua história, namorar para se emancipar havia sido uma atitude que lhe gerou uma dúvida insolúvel: se o namoro havia se dado para viver um amor por seu marido ou para parar de pensar no amor por seu pai, e que esta dúvida aumentava à medida que notava a presença invasiva de seu pai e as desilusões com seu namorado, ou seja, quando se notava psiquicamente mais distante de estar emancipada de seu pai e de engendrar de fato um relacionamento.

Não considero crível que todo este *background* veio à minha mente no momento em que fiz a interpretação, no entanto, é plausível supor que minha memória tenha participado inconscientemente da costura de minhas palavras. A penumbra de associações iluminada neste momento, sete meses depois, fora da experiência emocional da sessão, tampouco me permite observar o quanto de memória esteve presente, e de que forma esteve, no momento da sessão.

É possível ainda que a turbulência emocional tenha gerado uma repetição, vinda de minha parte, em movimento defensivo, quando substituo uma escuta sobre amor por uma outra fala, guardando comigo esta impressão. Neste sentido a memória pode ter operado como um elemento sensorial que impediu o aprender com a experiência, perpetuando esta desconexão de impressões, obliterando a possibilidade de trazer à tona este elemento. Neste vértice o exercício da capacidade negativa pode ter sido interrompido ou, de outra

perspectiva, a sustentação do não-saber pode se manter à medida que o analista interpreta algo que já sabe.

Observando estas possibilidades e recobrando a condição paradoxal presente na ironia romântica, é pertinente incluir todas estas possibilidades como vértices desta experiência, como uma vesícula emaranhada por múltiplos relevos, na qual uma passagem pode conter em si facetas paradoxais que sustentam a manutenção da vida – e do encontro analítico. É razoável observar que o leitor poderá encontrar flutuações em meio à fixidez, que há resistências operando em regiões de movimento, que até mesmo seja possível interpretar uma região de resistência como um indício de avanço.

Me pareceu interessante iniciar a discussão das lâminas clínicas pelo fragmento da sessão de Bárbara, dado que nos permite observar nuances da apreensão da realidade psíquica em uma passagem breve e densa de significações, na qual se pode observar paradoxos predominantemente através de microscopias e conjecturas. Também considero interessante observar que aqui podemos notar os elementos do pensamento analítico que passam ao largo do ato da interpretação, ou seja, que é possível haver manifestações e retenções de interpretações de acordo com a abrangência de sentidos que a escuta do analista é capaz de apreender. O resultado desta retenção, em mim, converteu-se aos poucos na suspeição de que havia conteúdos sobre "amar" que Bárbara revelava serem difíceis de tratar, que se aproximar deles podia levar a uma interrupção abrupta do tratamento, que pensar nestes tipo de afetação resultava-lhe o desejo de interromper os processos do pensamento.

Ao observarmos a lâmina de corte tangencial, o trecho do grupo de psicoterapia com Tomaz, outra experiência é revelada. Desta vez não há qualquer interpretação, nada digo, tratam-se apenas de transformações da realidade psíquica do analista, a partir do exercício de observar a mesma experiência até que algo novo se revele – como ensina Charcot a Freud, e a partir do exercício de observar "sem memória e sem desejo" como Bion propõe.

Tomaz diz que pensa em "chutar as pessoas". Diante disto, percebo que minha atitude de escutar abrindo mão de memórias e desejos é engendrada pela fala de uma participante do grupo, que anuncia: "Ihhhh lá vai ele de novo". Sua fala tem tamanha evocação sensória, quase como se estivéssemos diante de um *replay*, que desperto para a busca de um novo olhar, para tentar entender o que se dava ali, no *hic et nunc* do grupo. Entendo que por vezes é assim que me deparo com esta possibilidade nos atendimentos do consultório também, quando noto algo que se pareça com esta voz de "lá vai ele de novo". Memória, desejo e necessidade de entendimento, quando surgem, após a leitura do trabalho de Bion, são

realçados na escuta, se destacam nas flutuações do analista. No paradigma da psicanálise bioniana, memória e desejo, quando notados, promovem estranhamento.

Aqui se abre algo interessante. Anunciar o "lá vai ele de novo" era, paradoxalmente, uma atitude de resistência e acolhimento. Quando uma das pacientes diz isto, ela parece estar preparando um corpo para tolerar mais uma vez a repetição de Tomaz, para escutar uma criança dizer as mesmas coisas pela milésima vez. Por mais intolerante que soe esta fala, e de fato ela porta um conteúdo de exasperação e expulsão, anulando a presença viva de Tomaz, por outro lado demonstra o esforço sacrificial de oferecer seu corpo, sua atenção, à repetição monotemática de seu colega de grupo. Ao mesmo tempo, esta paciente anuncia sua dificuldade de escutar coisas inusitadas.

Presenciar Tomaz, com um corpo praticamente sem tônus, lentificado, dizendo que xinga, cospe e chuta as pessoas, foi um cenário que levou recorrentemente o grupo a interpretações que contrariavam sua realidade psíquica, tomando por princípio que o que se via era a verdade, em uma divisão absoluta entre princípio de realidade e princípio de prazer. O que viam era a verdade, o que ele dizia não. "Talvez você *queira* xingar as pessoas" ou "Ah, então você *imagina* que faz isso?" eram intervenções comuns e repetidas, com ênfase nos verbos que supõem uma experiência imaginativa, gerando uma competição diplomática pelo princípio de realidade que sempre culminava na derradeira resposta vencedora de Tomaz: "Mas pra mim é verdade". Entendo que Tomaz encerrava a conversa dizendo que ninguém tascava sua experiência, que sua proposição não era de discutir a realidade compartilhada com o grupo, mas contar o que acontecia dentro de si.

Por absoluta coincidência, cai uma baba da boca de Tomaz no momento em que ele diz que cospe nas pessoas. Ele, trêmulo, a enxuga. É esta simultaneidade que me faz enxergar o cuspe que ninguém vê, denunciando um corpo desconfortável e caótico significado pela parte psicótica da personalidade[36]. Retorna à minha memória, como uma evolução, a notícia de que Tomaz sofrera um acidente de carro e por isso só usava calça, com vergonha de sua perna cheia de enxertos. Naquele momento entendo, surpreendido por rápidas associações, que a vergonha que sentia de sua perna tornava-se um chute no grupo, que a vergonha de sua baba tornava-se um cuspe no grupo, que o ódio que sentia desta situação se convertia

[36] Em *A diferenciação entre as personalidades psicóticas e as não-psicóticas* (BION, 1957b), integrado às publicações de *Second Thoughts* (BION, 1967a), Bion apresenta a noção de parte psicótica da personalidade, cujas principais características são os mecanismos de fragmentação e de identificação projetiva. Aqui notamos este mecanismo operando, tanto na maneira como o paciente descreve de maneiras fragmentárias sua experiência corporal, como pelo fato de que comunica o sentimento contrário da experiência ao grupo, encriptando um notícia de si em uma experiência repetitiva, agressiva e opaca para o grupo.

mentalmente em xingamento. Revela-se mais um paradoxo: considerando princípio de realidade, não, ele não cospe. Considerando princípio do prazer, sim, ele alucinatoriamente realiza todos estes atos, como um bebê cuja sucção representa mentalmente a presença do seio.

Enxergar todas estas nuances abruptamente revelava uma outra cena: Tomaz transformava suas fragilidades e vergonhas em ações, que por sua vez não tinham corpo para descarga, tornando-se aprisionadas em uma repetição infernal, um beco sem saída, algo entre uma fala que explica seu corpo e um corpo que o impede de realizar aquilo de que fala. "Eu quero transar de roupa", dizia ele sorrindo às vezes. Saber de sua perna deformada, uma confissão que fez intimamente a uma terapeuta da equipe, me levou a ouvir seu chute como uma exposição secreta de sua intimidade. Quando noto o paradoxo entre aquilo que ele vive dentro de si *versus* aquilo que ele demonstra, quando percebo a antítese entre sua fragilidade e sua agressividade, sinto-me atônito e sem palavras. Tomaz parecia ter uma brincadeira secreta de triunfo, na qual devolvia todos os ataques que sentia à medida que se envergonhava. Meu silêncio, naquele momento, diante de todas estas descobertas paradoxais, pressupunha a necessidade de um trabalho longo de aproximação e significação destes elementos, preservava sua frágil intimidade sob ameaça de revelação a todo instante. Sob outro vértice, é possível conjecturar que aquela era a maneira que Tomaz encontrou de tirar de si a confissão intolerável de suas vulnerabilidades, ao mesmo tempo que confessava o revés disto, realizando simultaneamente o ato de se confessar e de se esconder.

Pude reinterpretar também minha brincadeira espontânea, de gritar "It's Tooooomaz time" quando ele aparecia nos grupos. Tomaz usava roupas esportivas, resultado de uma síntese constituída de um desejo de vigor e potência, por um lado, e da necessidade de uma roupa larga para esconder-lhe a perna acidentada, por outro. Minha convocação, celebrando a entrada de um atleta, parecia paradoxalmente ter uma função vitalizadora de celebrar sua presença e dar-lhe o lugar de um jogador importante, ao passo que estava também em consonância com suas transformações em alucinose.

Por fim, podemos enveredar pelos caminhos paradoxais e complexos do corte longitudinal, o relato com maior temporalidade, colocando sob perspectiva eventos que atravessam uma história analítica. Com Bruno pude observar a questão da memória em um eixo paradoxal bastante inusitado, no qual a atitude de evitação da memória dá lugar ao esquecimento. Esta questão se inicia quando, ao retomar o trabalho analítico com Bruno, após alguns meses afastado, percebo que não lembro de nossa primeira temporada de sessões e,

mais do que isto, que a condição amnéstica foi encoberta por uma lembrança estranhamente replicada da mesma impressão, de vê-lo vitimizando-se diante de mim, inúmeras vezes, ao passo que suspeito que nossas sessões não haviam se reduzido a isso. Curiosamente a experiência de replicação infernal da mesma condição é uma queixa de Bruno, que se sente por vezes em uma circularidade sem saída, queixando-se de não crescer.

Minha falta de memória se impõe como um fenômeno paradoxal, uma vez que, se aplicada à evitação de memória e desejo de Bion, pouco deveria me importar com meu esquecimento. Pelo contrário, buscar memórias dentro deste estado de mente resultaria buscar no passado algo que ocupasse o lugar dos novos encontros, talvez até em uma tentativa de escapar de uma experiência angustiante e vazia.

Enquanto condição de minha realidade psíquica, no entanto, minha desmemória pode ser observada como um aspecto intrapsíquico de resistência, de encobrimento de conteúdos, indicando um possível recalcamento das vivências anteriores com Bruno, considerando um entendimento dentro do escopo freudiano.

Há, no entanto, um terceiro vértice que se opõe antiteticamente à atitude de evitação de memória e desejo, ainda mais se a considerarmos em sua literalidade – condição defendida por Bion. Aqui a falta de memória se manifesta como um fenômeno do caso clínico, uma experiência que venho a descobrir ser partilhada entre mim e Bruno. Recorrer à memória – ou à desmemória – do caso, desperta em mim um estranhamento e coloca-me em condição de simetria com o analisando, abrindo campo para pensar a intersubjetividade e notar que neste caso há experiências que não se inscrevem psiquicamente, há rupturas temporais importantes.

As rupturas temporais e a falta de memória parecem contar a história de Bruno. Após a morte de seu avô, há um apagão de cinco anos e então Bruno se dá conta de que seu avô se foi. Ali, naquele momento, se entende por gente e encontra-se no fundo do poço. A sequência estranhamente se repete: após uma demissão de um trabalho almejado, Bruno fica no escuro do quarto por algumas horas em um estado de completo vazio e então sai com o cartão de crédito de sua família em busca de um novo fundo do poço. Parece ser uma história repetida de perdas dolorosas, vazios de memória e então Bruno nasce, novamente, no mesmo lugar.

A descoberta desta repetição sem conteúdo se dá quando noto que a imagem de Bruno no aplicativo de mensagens estava preta, levando-me a supor um luto. Sua mãe me procura para avisar que Bruno mente. Logo em seguida, Bruno conta que esteve no velório do pai de uma amiga. E desta sequência, uma sessão depois, chegamos à morte de seu avô e seu longo

apagão. As mentiras do analisando parecem entrar nestes lugares escuros, vazios e dolorosos, colmatando o tempo da dor.

Noto que suas mentiras são paradoxais. São, por um lado, uma ação que ocupa o lugar da frustração, sustentando de maneira psicótica a presença no lugar da falta, como ignorar a morte de seu avô ou colocar o cartão de crédito roubado no lugar do desemprego. Por outro lado, parecem haver antecipações de desejos, quer seja ter dinheiro, ter um trabalho ou buscar um tratamento para sua família.

Curiosamente é a imagem que conduz à investigação psicanalítica, a memória visual que adentra a sessão, como minhas lembranças sobre as roupas e o cabelo de Bruno em nossa primeira etapa analítica. São elementos concretos que parecem ocupar o lugar dos pensamentos, a um ponto em que "crescimento" se confunde com "idade".

Me parece que se trata de um caso em que os elementos sensoriais levam a pistas de uma catástrofe emocional, e neste sentido tive que encontrar uma posição de justa distância diante de vários elementos advindos do caso, para não pender para uma resolução dissociativa – um apagão ou uma mentira. Carreguei por muito tempo, neste sentido, uma pulga atrás da orelha diante das coisas que ouvi – me parece que uma pulga atrás da orelha é uma boa metáfora para um lugar mental onde se guardam hipóteses ou impressões que não encontram ligações com a experiência emocional. Não podia escutar ingenuamente a versão vitimista de Bruno, inclusive porque esta circunscrevia-se neste registro de repetições exaustivas. Tampouco poderia considerar, ingenuamente, a notícia de que Bruno era mentiroso, ao passo que também não poderia ignorá-la.

Ao ouvir no encaminhamento do caso e do próprio Bruno uma alusão à psicopatia, entendi que não podia tomar o termo como uma notícia psicopatológica, dado que restringiria minha capacidade de escutar, impedindo minhas flutuações. Tampouco poderia ignorar esta notícia, colocando este elemento na vala do esquecimento, ainda mais considerando a carga emocional e incômodo de Bruno diante deste tipo de categorização de sua personalidade. Sem dúvida também me incomodava pensar que Bruno carregava este diagnóstico de psicopatia ou sociopatia, mas meu incômodo não poderia conduzir-me ao efeito controverso de querer nos livrar de suas histórias, de suas vergonhas, ou então de colocá-lo vítima de um diagnóstico com carga acusatória.

A solução que encontrei foi manter uma justa distância destes elementos até que algo novo, algo de sua experiência comigo, pudesse iluminar estes elementos a partir de um novo vértice, mantendo-me em passividade alerta. A experiência de escutar sua mãe pedindo-me

que escondesse dele o fato de que nos falamos, somada a algumas notícias recentes de um comportamento proliferado de invasões e intromissões dentro de sua casa, levou-me a novas apreensões.

Quando, diante de minha convicção de que preferia falar a verdade para Bruno, sua mãe aponta que seria "arriscado", encontro-me em um terreno abrupto de sobredeterminação, com múltiplas camadas de pensamento surgindo simultaneamente em minha mente. O risco seria para quem, afinal? Respondo sem pensar muito: "Prefiro perder o paciente". Analisando este pedaço agora, me parece que minha resposta é, concomitantemente, uma resposta para (1) me desvencilhar da ameaça de que seria arriscado para mim, (2) mobilizar uma condição de dependência mútua entre eu, Bruno e sua mãe e, por fim, (3) manter-me em uma posição ética e colocar um limite em um problema familiar com a verdade e a confiança.

Neste momento entendo – e digo – que Bruno pode mentir para mim. Digo para ela, digo para ele, digo para mim mesmo. Dar um lugar para as mentiras, oferecer um continente para estes fenômenos, tira-o da solidão psicopática e reduz a carga emocional que a ideia de mentir vinha ganhando ao longo dos tempos na vida de Bruno. Não me parece haver outro caminho para a verdade senão este, de conceder a permissão a seu revés, paradoxalmente.

Por fim, entendo que as três interpretações que atribuo a minha fala – "Prefiro perder o paciente", não me permitem colocá-la no esquecimento. Tenho impressão que neste caso há ainda uma série de elementos em suspenso, uniformemente flutuantes, e esta interpretação é um deles. Apesar do todo pensado a respeito dela, há não-pensamento, há algo desta fala que não a encerra como um elemento para ser esquecido em minha mente, bem como o escuro do quarto de Bruno, o "fundo do poço", o apagão de sua memória e de sua vida como um todo após a morte de seu avô. Ter a sensação de que o que pensei não encerra o pensamento acerca de algo é particularmente estranho, como uma sensação de que minha própria fala ainda soe estranha para mim. Talvez tenha sido um blefe, uma mentira para alcançar uma relação mais verdadeira, no sentido de que não preferia perder o paciente. Talvez tenha dito isso como uma mãe que diz para sua filha teimosa – "vou-me embora e você vai ficar aí sozinha!", para que a filha venha atrás com medo. De todo modo, imagino que o correr do caso talvez ofereça uma solução menos racional para esta pulga.

6. Conclusão

Há experiências que nos marcam. E há experiências que, além de nos marcar, também geram um estranho lugar de revisitação, em outros níveis de complexidade, ao longo de nossas vidas. Esta sobredeterminação de eventos, com uma enigmática coluna espinhal que os associa, pode ser descrita em diferentes obras de diferentes formas. Em Freud, este reencontro com memórias é identificável em *Lembranças Encobridoras*. Em Bion, desvendamos detalhes biográficos entranhados em seus conceitos e expostos oniricamente em sua autobiografia, *The Long Weekend* (BION, 1982).

Quanto a mim, desvendo biograficamente uma descoberta e duas revivescências em momentos posteriores. Aos quatro anos de idade, lembro-me de mudar de casa, ir para um lugar mais sereno e tranquilo, se comparado à minha primeira morada de infância. Lembro-me, apesar de garoto, de entender que meu novo apartamento tinha uma inusitada qualidade, desconhecida até então por mim, narrada pelo entusiasmo de minha mãe: "Este prédio tem recuo!".

Acredito que na época eu mal tenha entendido do que se tratava este benefício, o de recuar diante dos barulhos atormentadores da rua. Uma de minhas primeiras memórias de infância, uma das primeiras de quando "me entendo por gente", é de acordar e contemplar, por longos minutos, a projeção colorida dos carros que passavam em frente de casa, como um desenho animado que se criava espontaneamente. O sol, em alguma estranha combinação de luzes, reflexos e matizes, chegava ao teto acima de minha cama sob o formato de carros surpreendentemente coloridos. As imagens eram lindas, fugidias e barulhentas.

Então, um certo dia, surge uma notícia de que algo havia evoluído: havia um recuo, depois de quatro anos de barulhenta espera – e mal sabia eu que algo me esperava, mas tenho a notícia de que algo se organizava silenciosamente enquanto eu brincava. Meus pais, ocupados com coisas mais importantes do que carrinhos projetados no teto, engendravam uma nova experiência: o recuo. Geometricamente, um triângulo imaginário agora se interpunha entre minha vida íntima e a intensidade da rua. Entrava pelo prédio, andava com minhas curtas pernas ao longo do cateto adjacente, era lançado cateto oposto acima por uma cápsula pendurada por fios de aço, e lançava meu olhar hipotenusa sobre a rua. Um triângulo imaginário se formava.

Custei a entender qual era o valor desta experiência, e talvez apenas recentemente, passados tantos anos, pude entender que o recuo não era um motivo de celebração

arquitetônica: recuar significava afastar-se do caos, colocar-se em um ponto à distância dos barulhos da rua, dos ruídos que vinham de fora, de modo que havia maior espaço interno, um jardim, um ângulo, junto à sutileza de novos sons que haviam sido, até então, atropelados por motores e sirenes coloridos. "A uauá", eu dizia garoto, apontando para um carro. Este era o primeiro nome que dava a uma daquelas máquinas que passavam coloridas pelo teto acima de minha primeira cama. "Uauá", a imitação fonética das sirenes que frequentemente passavam por lá, "uá uá uá uá uá uá uá".

Recentemente, e mais nitidamente ao longo da escrita desta dissertação, em um recorte longitudinal, pude entender a qualidade subjetiva desta mudança. Alguns novos encontros me levaram a revisitar a experiência do recuo através de outros vértices, sobrepondo níveis de experiência. O primeiro, um novo analista, com quem pude descobrir um novo espaço interno para intensas angústias. Não sei exatamente como definir um espaço indelimitável como a qualidade receptiva e continente de outra mente, mas sei qual a experiência de colocar minhas ideias para habitar esta nova mente. Um universo de interpretações categóricas foi, aos poucos, substituído por indagações sem exigência de respostas e pela proposta de sonhar junto em sessão ao invés de falar de sonhos já sonhados.

Eu digo, em análise: "A espera, o recuo… e o que mais? Falta algo!". Pareço buscar um estranho trio, algo como "recordar, repetir e elaborar" ou "eu, id e supereu". Do outro lado, um silêncio. Depois de um tanto de espera, diante deste silêncio que já conheço como acolhedor, digo: "Ué! Por que precisa de mais? 'A espera e o recuo'. Só. O que vem depois é sempre inusitado!", ao passo que escuto meu analista responder: "Pois é!".

A experiência da técnica psicanalítica pode ser descrita como "atenção flutuante", ou como uma equivalência forçosa à atenção flutuante em "sem memória e sem desejo", pode ser ainda pormenorizada pelos conceitos de capacidade negativa, ato de fé e fato selecionado. Parece-nos todavia necessário considerar que a experiência singular do exercício da apreensão da realidade psíquica só pode ser descrito mediante algum desvio para as qualidades próprias do analista, a função de personalidade própria, idiossincrática, de cada um que, na clínica, chega a uma conjunção de elementos e, interrompida a sessão, diz: "Escutei em atenção flutuante".

A atenção flutuante talvez opere como um modelo que, se atravessar devidamente a personalidade do analista, ganhará novas nuances. Neste sentido, como já discutimos a respeito do alcance das palavras, do quanto à medida que aproximam, paradoxalmente afastam, dizer que trabalho com "atenção flutuante" é tanto uma aproximação quanto um

distanciamento da verdade. Tampouco será possível assumir que minha escuta é feita de "espera, recuo e tolerância de paradoxos", uma vez que resultaria na mesma lógica estanque, engessada, de nomear a complexa e sempre inusitada experiência psicanalítica.

> Entendo que não há autoria absoluta no campo da linguagem. Mas não há também apenas mera reprodução ou repetição. A intervenção em uma análise se faz em um campo, se faz por meio de um analista, mas, simultaneamente, é feita por um analista. (FIGUEIREDO & COELHO JUNIOR, 2008, p. 91)

Parece-nos interessante que cada psicanalista considere a singularidade de seu percurso (e seu momento clínico) para identificar qual seu estado de mente, sua escuta, sua técnica. A natureza negativa das recomendações de Freud (1912a), ou a obra aberta de Bion, oferecem-nos esta possibilidade.

> Uma forma mais ampla e profunda, mais inclusiva e precisa de entendermos a "natureza negativa" dos conselhos é ver que com eles Freud nos dá pistas e nos solicita a pensar nos limites do que pode ser codificado e no alcance do campo a ser explorado criativamente pelo analista em cada cura e em cada sessão. Este campo é grande e extremamente variado, pois nele devem se considerar tanto as variáveis do paciente (suas patologias e suas idiossincrasias) como as variáveis do analista. (FIGUEIREDO & COELHO JUNIOR, 2008, p. 20)

Retomando a sequência de passagens autobiográficas de ganhos de recuo, deparo-me com a mesma experiência de maior espaço interno para observar os fenômenos mentais depois de me aproximar da obra de Bion. Talvez só consiga nomear isto, desta maneira, após Bion, ainda que já antes de conhecê-lo, observava que Freud ampliou a interioridade do aparelho psíquico ao longo de sua obra. Novamente há algo difícil de explicar, mas que me coloca diante de uma experiência emocional inquestionável: há uma expansão da possibilidade de leitura de Freud a partir do olhar hipotenusa de Bion. Freud, o iluminista sombrio, é lançado ao olhar espectral, holográfico e infinito de Bion, que se permitiu sonhar a obra de Freud para além de seu tempo e de seu espaço. A interioridade freudiana ganha ares cubistas em Bion, desdobra-se em partes, de modo que um instante pode ser destrinchado em múltiplas facetas.

Um dos principais elos de ligação entre ambos, que justifica uma articulação entre seus conceitos é justamente a natureza da inconsciência (GERBER & FIGUEIREDO, 2018, p. 57). A tolerância de paradoxos, enquanto vértice de leitura dos autores, revela, colateralmente, as expansões de conceitos que buscam observar os mesmos fenômenos. Neste sentido, fica evidente ao longo deste trabalho o quanto o instrumental de apreensão da

realidade psíquica de Bion contém e expande o projeto freudiano. Sobre um projeto teórico, constrói-se um projeto epistemológico. Sobre a teoria da libido, uma teoria do pensar. Sobre a atenção flutuante, uma grade sobre a qual Bion coloca seu instrumental técnico, utilizado de maneira criativa e dinâmica, sem memória e sem desejo.

Entendemos que talvez estabelecer uma continuidade entre Freud e Bion possa se dar na ideia de tolerância *aos* paradoxos, ao invés de tolerância *de* paradoxos, como até então nos referimos, levando em consideração o uso da expressão por Sandler (1997c). Tolerância aos paradoxos resulta em continuidade e ampliação da concepção de tolerância à frustração, sustentáculo tanto da obra freudiana quanto da teoria do pensar bioniana. Hegel, enquanto elemento oculto do texto freudiano, pode nesta concepção atravessar os autores. Parte instigante deste trabalho, e daí inclusive a sustentação do capítulo de metodologia, é a experiência de mover palavras dentro dos conceitos, no intuito de abrir caminhos a sobredestinações e costurar continuidades entre autorias.

Aos poucos descobrimos as continuidades escondidas nas enunciações dos estados de mente de Freud e Bion. Em um primeiro momento, ao deparar-se com a disciplina positiva de evitação de memória e desejo, o leitor pode erroneamente intuir que se trata de um estado limitante de privação. No entanto, à medida que adentramos a obra de Bion, seu caráter dinâmico coloca o estado de mente sem memória e sem desejo como uma presença atenta para os câmbios abruptos de uma sessão, para a turbulência emocional, para estados flutuantes de desagregação e reintegração, implicação e reserva, de múltiplas regressões e sobredeterminações, PS↔D, ♂↔♀.

> Na verdade, este "aqui e agora" é de uma complexidade extraordinária, que nada retém do que se entende por "aqui" e por "agora". Trata-se de um aqui e de um agora multideterminado, em que se sobrepõem, se encavalam, se interpenetram, se confundem e se ocultam tempos, lugares e personagens variados. Cada "aqui e agora" seria uma condensação muito complexa da história no que tem de eficaz: o presente deste aqui e deste agora seria, portanto, totalmente distinto do que se entende por "presente", ou seja, uma unidade simples e distinta formada pelo "agora" de uma sucessão de momentos e pelo "aqui" de uma extensão de lugares. A técnica interpretativa deveria tirar o máximo partido desta confusão, desta *ambiguidade* constitutiva do "aqui e agora" analítico. (FIGUEIREDO & COELHO JUNIOR, 2008, p. 28, grifo dos autores).

Observar os fenômenos clínicos, sob diferentes recortes de espaço-tempo, me remeteu a uma experiência comum que vivi nos últimos anos ao apresentar seminários clínicos. Quando houve oportunidade, dividi a apresentação de um caso clínico em duas partes: um recorte longitudinal no primeiro encontro e um recorte transversal no segundo, de modo que

meus colegas pudessem me conhecer em uma extensa narrativa clínica e em uma sessão de análise. O resultado, quase sempre, é exclamativo: "Parece outro paciente!". E outro analista! É sempre constatável que escutar uma breve passagem é radicalmente diferente de escutar uma longa história, ainda que em um átomo encontrem-se os princípios que regem o universo.

Do mesmo modo isto se dá na experiência de leitura. Retivemos ao longo do trabalho uma série de passagens que não puderam se associar devidamente com o material bibliográfico, justamente porque não poderiam se conjugar com a costura de conceitos que tecemos, a não ser que dispensássemos o esforço de sermos criteriosos. Podemos nos valer deste espaço, que nos lança para o futuro como fazem as abstrações, para dispor à mesa algumas passagens do fim da obra de Bion que se articulam ainda mais expressivamente com a questão dos paradoxos.

Ao fim de sua obra, Bion se coloca em um outro lugar diante da questão dos paradoxos. Trata-se de uma mudança significativa em um momento de sua obra, em que, associadas às transformações em K (conhecer), surgem as transformações em ser, relativas ao incognoscível, a O. Bion passa a se interessar de outro modo pela mente primordial, desenvolvendo o conceito de cesura, partindo de uma citação de Freud em *Inibições, sintomas e angústia* (FREUD, 1926): "Há muito mais continuidades entre a vida intra-uterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento nos teria feito acreditar" (p. 162). A ideia de Freud, de que há continuidades, desperta em Bion, mais uma vez, o interesse por se aproximar das transitividades mentais, desta vez mais próximo de uma mente rudimentar, aproximando-se do que considera ser a mente primordial:

> Na experiência psicanalítica estamos interessados tanto na translação na direção do que não sabemos para alguma coisa que sabemos ou que podemos comunicar, e também daquilo que sabemos e podemos comunicar para o que não sabemos e não estamos a par, porque é inconsciente e que pode mesmo ser pré-natal, ou pré-nascimento de uma psiquê ou uma vida mental, mas é uma parte de uma vida física na qual em algum estágio um impulso físico é imediatamente transformado em uma ação física. (BION, 1975b, p. 47, tradução nossa)

A ideia de cesura parece elevar um campo de conceitos intersticiais para um novo patamar. Intersticiais porque notamos, ao longo de seu trabalho, que Bion desenha fronteiras conceituais para fundamentar suas observações. Quer seja a barreira de contato, quer sejam os "." e "+" de continente-contido, ou até mesmo as hifenizações que ligam palavras que dariam outro sentido se soltas, estes espaços de trânsito entre elementos expressam, em abstrações, a dinâmica de uma teoria que Bion, insistentemente, aponta falhar inexoravelmente toda vez

que se aproxima da experiência emocional. Bion, mais próximo ao fim de sua obra, passa a empreender um esforço de se transportar para além dos pares antitéticos, para além dos conceitos que pressupõem alternâncias. O resultado é o exercício de, através da imaginação radical, ocupar lugares intersticiais, olhar desde a cesura.

> Reformulando a afirmação de Freud, para minha própria conveniência: Há muito mais continuidade entre quanta autonomamente apropriadas e as ondas de pensamento consciente e sentimento do que a impressionante cesura da transferência e contratransferência nos fariam acreditar. Então…? Investigar a cesura; não o analista; não o analisando; não o inconsciente; não o consciente; não a sanidade; não a insanidade. Mas a cesura, o vínculo, a sinapse, a contra-transferência, o humor transitivo-intransitivo. (BION, 1975b, p. 49)

Bion se comunica de maneira sutil, buscando os espaços insaturados no campo da linguagem, capazes de comunicar mais do que as palavras saturadas. Nota-se na citação acima: Bion se vale do uso de ponto-e-vírgula, revelando as escansões prejudiciais na escuta psicanalítica; ruma para o esforço de representar a qualidade paradoxal que a vírgula e os hífens representam, simultaneamente dando ao texto um caráter de necessária continuidade e inevitável separação[37].

Civitarese (2008), ao analisar *Cesura* (BION, 1975b) a partir das influências que identifica no artigo do Discurso do Método de René Descartes, acompanha as pontuações de Bion atestando que a natureza paradoxal consiste em "continuidade latente e descontinuidade manifesta" (p. 1131). Na sequência:

> Transcendendo a cesura, ou "perturbando o sistema binário (Magrelli, 2006) - ou, como diz Grotstein (1981), perturbando "o universo" - que regula a produção de sentido torna-se o modelo geral de um pensamento dinâmico, de um pensamento que tolera a insegurança e a ambigüidade, ou, em outras palavras, a presença de uma pluralidade de significados, o paradoxo de mais de uma verdade e as aporias da razão. A barreira pode ser quebrada pela interação de diferentes pontos de vista, pela desconstrução permitida pelas associações livres e pela disseminação de sentido, e pela capacidade negativa e pensamento *transitivo* (pensamento que consegue transpor as barreiras). (CIVITARESE, 2008, p. 1131, grifo do autor, tradução nossa)

Escrever sobre psicanálise implica neste entrave paradoxal, em que a expressão do texto não abriga adequadamente a experiência emocional, resultando em perseverante aproximação. Não há trança teórica capaz de representar o emaranhado de elementos

[37] Este trecho levou-me, também, a lembrar de uma paciente predominantemente psicótica que atendi há alguns anos, cujo costume era de escrever todas as palavras entre aspas, avulsas, uma a uma, incluindo um excesso de preposições e conectivos nas frases, de modo a tornar suas comunicações (e seus pensamentos) praticamente indecodificáveis, atacando a ligação entre todas as palavras e ideias. Assim escrevia: "E" "eu" "e" "na" "e" "a" "e" "minha" "avó" "e" "fomos" "e" "na" "e" "a" "padaria"!

coexistentes na apreensão da realidade psíquica. No próprio artigo em questão Bion caminha por este paradoxo, apontando que, ao passo que é perigoso distorcer uma experiência "a fim de fazê-la combinar com as capacidades que temos" (BION, 1975b, p. 46, tradução nossa), por outro lado indica que a única maneira de se aproximar da experiência é através do uso de um método não-patológico de clivagem:

> [...] porque a situação total que se nos apresenta está além de nossa capacidade, assim como nós supomos estar além da capacidade da criança ter a compreensão do mundo que nós adultos temos. É natural para a criança ver uma *parte* do mundo da realidade; esta visão especial não é errada — ela é inadequada. [...] O fato de serem incompreensíveis agora, porque nossas mentes não estão preparadas ou estão mal-ajustadas para apreendê-los, não é uma razão para limitar os fatos tais como se apresentam realmente. (BION, 1975b, p. 46)

Não se trata de realismo ingênuo ou idealismo ingênuo, mas de uma condição necessária para obter crescimento e aumentar a complexidade. Aqui, em nosso entendimento, o método de clivagem não-patológico consiste em suportar uma clivagem inevitável para colocar em palavras em-cadeia-associativa, ou seja, extrair da realidade psíquica uma experiência emocional e colocá-la em linguagem, gerando uma transposição de uma realidade espaço-temporal para outra. É assim que dois anos de atendimento cabem em sete páginas, ou que um hiato de quatro meses cabe em quatro palavras: "hiato-de-quatro-meses". Ou ainda, do mesmo modo, que um micro-instante, de segundos em uma sessão, ocupam o tempo do leitor por uns tantos minutos. Por vezes cabe muito pensamento em pouco tempo, por vezes cabe pouco em muito, continente-contido, contido-continente, ♂↔♀.

Ao fim de sua obra, Bion brinca com imagens – e com as imagens textuais – como se fosse uma criança explorando um brinquedo. No vocabulário do autor, Bion explora vértices diversos de uma experiência emocional, de uma imagem, de um objeto, de uma palavra. Seu objetivo, descobrir lógicas ocultas, ângulos desconhecidos, um novo contato com um objeto. Assim como um Y, girado tridimensionalmente no espaço euclidiano, pode se tornar um seio (BION, 1976c), as palavras também ganham inversões criativas e reveladoras: "Psicossomática" ou "soma-psicótica", "reversão de perspectiva" ou "perspectiva reversível". Bion parece desdobrar palavras para revelar-lhes o sentido que ocultam, como os antigos egípcios faziam, carregando a antítese colada à tese, ou como o trabalho do sonho o faz, de inverter a ordem dos fatos para assegurar os encobrimentos. No campo da linguagem, a ordem dos fatores altera o produto.

> Mas como se faz para fazer o pensamento respirar, e para usar clivagens não patológicas - que são fronteiras indefesas e negociáveis? Sandler (2005)

> enfatiza a natureza paradoxal do conceito de cesura como um evento que simultaneamente une e separa, definindo-o como o modo de funcionamento da barreira de contato, das transformações e das invariantes; ele acrescenta que a cesura se torna uma cisão quando não é tolerada: é a intolerância à frustração que estabelece o corte, a ruptura, a pausa, e que torna absoluto um ponto de vista e oculta a continuidade. Uma parte da figura desaparece e *se vê ou o pato ou a lebre*. É por esta razão que Bion, em *Cesura*, se torna o teórico da continuidade - porque a própria des-união já é óbvia por si só. (CIVITARESE, 2008, p. 1133, grifo do autor, tradução nossa)

Notamos fenômenos de continuidade em múltiplas experiências psicanalíticas, e neste sentido Bion contribui também para aqueles que não considerarem levar à radicalidade seu estado de mente sem memória e sem desejo. Se recobrarmos o espírito freudiano, com seu entusiasmo em esgotar sentidos, multiplicar interpretações, se defrontar com o umbigo dos sonhos, encontraremos que, salvo a resignação iluminista que compõe alguns trechos de sua obra, Freud é não apenas o descobridor da psicanálise, mas também o porta-voz de dezenas de indagações que sua própria obra gerou, lançadas a um futuro que sabia que não poderia conhecer.

Há continuidade entre lembranças e no sentido antitético das palavras, há continuidade entre atenção flutuante e associação livre, e também *em* e *entre* neurônios. Há continuidade entre os restos diurnos e a vida onírica, e na ininterrupta dinâmica entre processos primários e secundários. Há também entre a primeira infância e a vida adulta, entre a vida primitiva e a vida moderna.

Quanto ao tema protagônico – a tolerância de paradoxos, presente ao longo de todos os conceitos trabalhados ao longo do texto, não encontro dúvidas em afirmar que a obra de Bion eleva a discussão desta capacidade, já presente na obra freudiana em seu estilo e em alguns conceitos, a outro patamar. Do período romântico para Freud, de Freud para Bion, a tolerância de paradoxos evolui em espiral ascendente, ganhando em Bion um lugar multidimensional e incessantemente dinâmico.

Por fim, vale dizer que ao longo deste trabalho fiquei temeroso, em alguns momentos, em colocar apresentações de minha clínica. Fui invadido, por vezes, pela péssima fantasia de que a ficcionalização dos casos não seria suficiente para encobri-los. Uma *proton pseudos*, possivelmente, já que à medida que escrevia e temia, notava que quem se revelava cada vez mais era eu. Ao fim deste trabalho, noto que este se trata, simultaneamente, de uma articulação entre o período romântico, Freud e Bion, para iluminar a tolerância de paradoxos na clínica psicanalítica. Mas este trabalho é, também, uma fotografia de minha vida, uma lâmina transversal que revela um estilo clínico.

Talvez tenha sido um tanto oportunamente que esta pesquisa tenha se tornado também um relato singular de um estilo clínico: sinto que faltam inúmeros elementos para que me dê por satisfeito, sinto que há lacunas inquietantes, elementos encobertos e fragmentos em busca de um continente. Abandonei, em algum momento, a ideia de uma totalidade e assumi que seria mais interessante tornar este texto algo meu, com a tranquilidade de que, como disse minha supervisora, "uma pesquisa não termina quando você a entrega". Enquanto estiver vivo, os paradoxos seguem me habitando e a pesquisa, provavelmente, continua.

> Será possível que exista algum crescimento sem resistência? Será que o processo é inseparável da repressão do estado prévio? Será que pode ocorrer algum pensamento sem a resistência aos pensamentos *não* selecionados? Será que existe algum sentimento ou ideia que não esteja sujeito à resistência como uma porção inevitável da escolha ou mudança? Será que existe algo que seja separável de quaisquer outras coisas? Será que um corpo físico é separável de outro? (BION, 1976d, p. 114, grifo do autor)

Para mim não há mais Freud sem Bion, ou Bion sem Freud. Há um Bion-Freudiano ou um Freud-Bioniano, ambos estabelecendo uma continuidade muito maior com o período romântico do que a impressionante cesura do ato do nascimento da psicanálise nos permite acreditar.

7. Referências bibliográficas

AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa**, 2002, v. 116, p. 7-19. https://doi.org/10.1590/S0100-15 742002000200001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ arttext&pid=S0100-15742002000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 15 mai. 2021.

ANZIEU, D. **A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise.** Traduzido por F. F. Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BERLIN, I. **O sentido de realidade - estudos das ideias e de sua história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BION, W. R. (1957a). On arrogance In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 6, p. 131-137.

BION, W. R. (1957b). The differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 6, p. 92-111.

BION, W. R. (1959a). Attacks on linking. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 6, p. 138-152

BION, W. R. (1959b). 6 August 1959, um capítulo de Cogitações. In: **The Complete Works of W. R. Bion**. London: Karnac Books, 2014, v. 11, p. 59-60.

BION, W. R. (1961). Experiences in groups and other papers. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 4, p. 95-246.

BION, W. R. (1962a). A theory of thinking. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 6, p. 153-161

BION, W. R. (1962b). Learning from experience. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 4, p. 247-365.

BION, W. R. (1963). Elements of psycho-analysis. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 5, p. 1-86.

BION, W. R. (1965a). Transformations. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 5, p. 115-280.

BION, W. R. (1965b). Memory and desire. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 6, p. 7-18.

BION, W. R. (1967a). Second Thoughts: selected papers on psycho-analysis. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 6, p. 45-202.

BION, W. R. (1967b). Notes on memory and desire. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 6, p. 203-210.

BION, W. R. (1970). Attention and interpretation: a scientific approach to insight in psycho-analysis and groups. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 6, p. 211-330.

BION, W. R. (1958-1979). Cogitations. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 11, p. 1-350.

BION, W. R. [19--a]. [Undated], um capítulo de Cogitações (1958-1979). In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 11, p. 192-195.

BION, W. R. [19--b]. "Theories for use in the psychoanalysis of disorders of thought", um capítulo de Cogitações (1958-1979). In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 11, p. 249-251.

BION, W. R. (1973). Brazilian Lectures. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 7, p. 7-70.

BION, W. R. (1975a). A memoir of the future (Book One: The Dream). In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 12.

BION, W. R. (1975b). Caesura. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 10, p. 33-49.

BION, W. R. (1976a). The Tavistock seminars (1976-1979). In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v.9, p. 1-92.

BION, W. R. (1976b). Four discussions. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 10, p. 51-102.

BION, W. R. (1976c). Evidence. In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 10, p. 128-135.

BION, W. R. (1976d). Emotional turbulence. In: **The Complete Works of W. R. Bion**. London: Karnac Books, 2014, v. 10, p. 113-122.

BION, W. R. (1977a). **Seminários italianos.** Traduzido por André G. Growald. São Paulo: Blucher, 2017.

BION, W. R. (1977b). A memoir of the future (Book Two: The Past Presented). In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 13.

BION, W. R. (1977c). Capacidade Negativa. In: **Capacidade negativa. O caminho em busca da luz.** Traduzido por Aile Sturmer. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2019.

BION, W. R. (1979). A memoir of the future (Book Three: The Dawn of Oblivion). In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 14.

BION, W. R. (1982). The long weekend 1897-1919: part of a life. In: **The Complete Works of W. R. Bion**. London: Karnac Books, 2014, v. 1.

BRUNET, L; FONSECA, V. R; JACKSON, D. J. (orgs.). Continência: Continente-contido. In: **Dicionário enciclopédico inter-regional de psicanálise da IPA.** *E-book*, [20--?]. Traduzido por Alda R. D. de Oliveira. p. 68-80. Disponível em: www.ipa.world/IPA/Encyclopedic_Dictionary.

CATTAPAN, P. (2019). Iluminismo e Romantismo na formação psicanalítica. **Psicologia Clínica***,* 2019, v. 31, 167-188.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **As duas árvores do jardim.** Traduzido por Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CHUSTER, A. A grade edípica: anotações teórico-clínicas sobre configurações edípicas à luz de princípios ético-estéticos de observação. **Revista da SBPdePA.** Trabalho apresentado na III Conferência Internacional sobre a Obra de Bion. Los Angeles, Califórnia, 2002.

CHUSTER, A. (1999). **Novas leituras: dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos, vol. II.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

CIVITARESE, G. 'Caesura' as Bion's discourse on method. **International Journal of Psychoanalysis**, 2008, v. 89, p. 1123-1143

COTTET, S. **Freud e o desejo do psicanalista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1989.

CRANEFIELD, P. F. Freud and the "School of Helmholtz". **Swiss Journal of the history of medicine and science**, 1966, p. 35-39.

EMERSON, R. W. (1841). Spiritual Laws. In: **The Complete Essays and other writings of Ralph Waldo Emerson**. New York: Random House, 1940.

FIGUEIREDO, L. C. A psicanálise como enclave do romantismo. In: I. R. Loureiro, **O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico** (p. 11-14). São Paulo: Escuta: FAPESP, 2002.

FIGUEIREDO, L. C. **As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea.** São Paulo: Escuta, 2012.

FIGUEIREDO, L. C; COELHO JUNIOR, N. E. **Ética e técnica em psicanálise.** 2 ed. ampliada. São Paulo: Escuta, 2008.

FIGUEIREDO, L. C. **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

FONTES, M. H. Aprender com Bion - a maiêutica bioniana. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 2012, v. 45, p. 157-169.

FREUD, S. (1886). Relatório sobre alguns estudos em Paris e Berlim. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 1, p. 35-47.

FREUD, S. (1892). Um caso de cura pelo hipnotismo. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 1, p. 169-188.

FREUD, S. (1893a). Charcot. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 3. p. 22-29

FREUD, S. (1893b). Comunicação preliminar. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 2, p. 41-60

FREUD, S. (1895a). Projeto para uma psicologia científica. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 1, p. 380-506.

FREUD, S. (1894). Psiconeuroses de defesa. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 3, p. 57-74.

FREUD, S. (1895b). Estudos sobre a histeria. In: **Obras completas, volume 2 : estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer.** Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras, 2016, v. 2.

FREUD, S. (1897). Carta 66. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 1, p. 348-349.

FREUD, S. (1899). Lembranças encobridoras. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 3, p. 333-358.

FREUD, S. (1900). **A interpretação dos sonhos.** Tradução do alemão por Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

FREUD, S. (1901) Psicopatologia da vida cotidiana. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 6.

FREUD, S. (1905a). Sobre a psicoterapia. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 7, p. 263-278.

FREUD, S. (1905b). Caso Dora. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v.7, p 1-122.

FREUD, S. (1909) Análise da fobia de um garoto de cinco anos. In: **Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909).** São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras, 2015, v. 8, p. 123-284.

FREUD, S. (1909b). Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("O homem dos ratos", 1909). In: **Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910).** Traduzido por Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, v. 9, p. 13-112.

FREUD, S. (1910a/1969). As perspectivas futuras da terapêutica analítica. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 11, p. 125-136.

FREUD, S. (1910b). Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. In: **Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910).** Traduzido por Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, v. 9, p. 302-312.

FREUD, S. (1911) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber") : artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913).** Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras, 2010, v. 10, p. 108-121.

FREUD, S. (1912a). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber") : artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913).** Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras, 2010, v. 10, p. 147-162.

FREUD, S. (1912b). Totem e Tabu (1912-1913). In: **Obras completas, volume 11 : totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914).** Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012, p. 13-244.

FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In: **Obras completas, volume 11 : totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914).** Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012, p. 13-244.

FREUD, S. (1914a). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In: **Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914).** Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012, v. 11, p. 245-327.

FREUD, S. (1914b). O Moisés de Michelangelo. In: **Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914).** Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012, v. 11, p. 373-412.

FREUD, S. (1915). O inconsciente. In: **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).** Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras, 2010, v. 12, p. 99-150

FREUD, S. (1916). Carta de 25/5/1916. In: **Freud – Lou Andréas-Salomé: correspondência completa.** Trad. Dora Flacksman. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FREUD, S. (1917). Luto e Melancolia. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 14. p. 271-296.

FREUD, S. (1918) História de uma neurose infantil: "O homem dos lobos". In: **História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos") : além do princípio do prazer e outros**

textos (1917-1920). Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras, 2010, v. 14, p. 13-160.

FREUD, S. (1919a). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In: **História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos") : além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920).** Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras, 2010, v. 14, p. 377-381.

FREUD, S. (1919b). O inquietante. In: **História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos") : além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920).** Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras, 2010, v. 14, p. 328-376.

FREUD, S. (1920a). Contribuição à pré-história da técnica psicanalítica. In: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923).** Traduzido por Paulo César de Souza. (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v. 15, p. 310-313.

FREUD, S. (1920b). Além do princípio do prazer. In: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923).** Traduzido por Paulo César de Souza. (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v. 15, p. 161-239.

FREUD, S. (1923). Dois verbetes de enciclopédia. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 18, p. 285-314.

FREUD, S. (1926). Inibições, sintomas e angústia. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 20, p. 95-204.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936).** Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 18, p. 13-122.

FREUD, S. (1933). Conferência XXXV: A questão de uma *Weltanschauung*. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 22, p. 193-222.

GADAMER, H. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo.** 2ª ed, traduzido por D. Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GERBER, I.; FIGUEIREDO, L. C. **Por que Bion?** 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2018.

GROTSTEIN, J. S. **Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise.** Traduzido por M. C. Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GUIMARÃES, A. R.; PRÓCHNO, C. C. O homem romântico: o homem psicanalítico. **Via Atlântica**, 2016, n. 29 p. 427-444. https://doi.org/10.11606/ va.v0i29.107205.Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/ view/107205/118182. Acesso em: 15 Mai. 2021.

GUSMÃO, J. L.; PALMEIRA, L. L.; LIMA, W. M. A hermenêutica filosófica de Gadamer e sua contribuição para o cenário educacional. **Filosofia e Educação**. v. 10 (2), 379–405, 2018. https://doi.org/10.20396/rfe.v10i2.8652454379-405. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8652454/18698. Acesso em: 15 mai. 2021.

HEGEL, G. W. F. (1817) **Philosophy of mind**. Traduzido por William Wallace. Blackmask online, 2001, *E-book*. Disponível em: https://hegel.net/en/pdf/Hegel -Enc3.pdf. Acesso em: 15 mai. 2021.

HOUAISS, Antônio. (2001) **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** [S.I.]: Objetiva, 2001. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/ uol_www/v5-4/html/index.php#1. Acesso em: 15 mai. 2021.

HUME, D. **A treatise of human nature.** David Fate Norton e Mary J. Norton (eds.). Oxford: Oxford University Press, 2000.

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud.** Traduzido por Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

KEATS, J. (1817). **The complete poetical works and letters of John Keats.** Cambridge: Houghton, Mifflin and Co., 1899.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LÓPEZ CORVO, R. E. **Diccionario de la obra de Wilfred R. Bion.** Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2008.

LOUREIRO, I. **O Carvalho e o Pinheiro - Freud e o Estilo Romântico.** São Paulo: Escuta, 2002.

MAHONY, P. J. **Freud e o homem dos ratos**. São Paulo: Editora Escuta, 1991

MAHONY, P. J. **Sobre a definição do discurso de Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1990.

MANTZAVINOS, C. O círculo hermenêutico: que problema é este? **Tempo Social**, São Paulo, 2014, v. 26, n. 2, p. 57-69. https://doi.org/10.1590/S0103-2070201 4000200004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext &pid=S0103-20702014000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

MAWSON, C. "Editor's introduction″ in "Memory and Desire". In: **The Complete Works of W. R. Bion.** London: Karnac Books, 2014, v. 6, p. 3-6.

MÉLEGA, M. P. Origens literárias do modelo psicanalítico da mente. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, 2011, v. 44, p. 239-255. Disponível em: http://pepsic. bvsalud.org/pdf/jp/v44n80/v44n80a20.pdf. Acesso em: 15 mai. 2021.

NAFFAH NETO, A.; CINTRA, E. M. U. A pesquisa psicanalítica: a arte de lidar com o paradoxo. In: **ALTER - Revista de Estudos Psicanalíticos**, 2012 v. 30(1), p. 33-50.

NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro.** Traduzido por M. Pugliesi. Curitiba: Hemus S.A., 2001.

OGDEN, T. H. Intuiting the truth of what's happening: on Bion's notes on memory and desire. **The Psychoanalytic Quarterly**, 2015, v. 84, n. 02, p. 285-306.

OGDEN, T. H. **Leituras criativas: ensaios sobre obras psicanalíticas seminais.** Traduzido por T. M. Zalcberg. São Paulo: Escuta, 2014.

OGDEN, T. H. **Rediscovering psychoanalysis: thinking and dreaming, learning and forgetting.** London: Routledge, p. 2009.

OGDEN, T. H. What's true and whose idea was it? **International Journal of Psychoanalysis***,* 2003 *v. 84*, issue 3, p. 593-606. https://doi.org/10.1516/HHJT-H54F -DQB5-422W.

PASCAL, B. (1657) Pensées. Versão inglesa: por W. F. Trotter. In: **The great book of the Western World.** Chicago: Encyclopaedia Britannica Inc., 1994.

PHILLIPS, A. Introduction. In: S. Freud, **Wild Analysis** (pp. 7-24). London: Penguin Books, 2002.

PHILLIPS, A. **Attention seeking.** UK: Penguin Books, 2009, *E-book*. ISBN: 978-0-241-98673-8

RANCIÈRE, J. **O inconsciente estético.** Traduzido por M. C. Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

REZENDE, A. M. **O paradoxo da psicanálise: uma ciência pós-paradigmática.** São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2000.

RODRIGUÉ, E. (1995a). **Sigmund Freud. O século da psicanálise: 1985-1995.** São Paulo: Editora Escuta, 1995, v. 1.

RODRIGUÉ, E. (1995b). **Sigmund Freud. O século da psicanálise: 1985-1995.** São Paulo: Editora Escuta, 1995, v. 2.

RORTY, R. Inquiry as recontextualization. An anti-dualist account of interpretation. In: **Objectivity, relativism and truth. Philosophical papers v. 1**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1994, p. 93-110.

ROYCE, J. (1892). **The spirit of modern philosophy.** 30ª ed. Cambridge: The Riverside Press, 1924.

SANDLER, P. C. **A apreensão da realidade psíquica, volume I: (e sua diferenciação de pseudo-realidades sensorialmente apreensíveis).** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

SANDLER, P. C. **A apreensão da realidade psíquica, volume II: os primórdios do movimento romântico e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

SANDLER, P. C. **A apreensão da realidade psíquica, volume VII: Hegel e Klein: a tolerância de paradoxos.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003.

SKELTON, R. M. Bion's use of modern logic. In: **International Journal of Psycho-analysis**, 1995, v. 76, p. 389-397.

STERNE, L. **The life and opinions of Tristam Shandy, Gentleman.** Munich: Günter Jürgensmeier, 2005, v. 6.

SYMINGTON. J; SYMINGTON, N. **O pensamento clínico de Wilfred Bion**. Lisboa: Climepsi Editores, 1999.

SZONDI, P. Frédéric Schlegel et l'ironie romantique. In: **Poésie et poétique de l'idéalisme allemand.** Paris: Gallimard, 1991.

TALAMO, P. B. Bion: a freudian innovator. **British Journal of Psychotherapy**, 1997, v. 14(1), p 47-59

TAYLOR, C. Interpretation and the sciences of man. In: **The Review of Metaphysics**. Washington, DC: Philosophy education society inc, 1971, v. 25, n. 1, p. 3-51.

ZIMERMAN, D. E. (2004). **Bion: da teoria à prática – uma leitura didática.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed.